«DL»-LITERÁRIO: PANORAMA DAS ARTES E DAS LETRAS

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 30 DE SETEMBRO DE 1971 N.º 17 520 ANO 51.º PREÇO 1$50

TAPETES * CARPETES
Carpélio
UM PRODUTO DA
CARPÉLIO MALHAS, S.A.R.L. - TROFA
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
ÉLIO AMORIM & FILHO, LDA.

Esta manhã, em Lisboa, os postos de venda de leite apresentam este aspecto: longas bichas de pessoas na expectativa de serem contempladas com a sua parte do precioso alimento. A falta do leite é uma tradição lisboeta nesta época do ano, sobretudo se as condições climatéricas do Verão não foram propícias a agricultura. Entretanto, um despacho oficial vem estabelecer normas tendentes á regularização do sector insuflando alguns estímulos materiais á produção

ESCOLAS NACIONAIS DE MÚSICA, TEATRO E DANÇA

previstas na Reforma do Conservatório

No Ministério da Educação Nacional, o professor Veiga Simão conferiu posse á Comissão especialmente constituída para acompanhar a execução e as experiências preconizadas pela nova Reforma do Conservatório Nacional, e da qual fazem parte a dr.ª Madalena de Azeredo Perdigão, D. Maria Cristina, D. Germana Tânger, D. Constança Capdeville, D. Luísa Maria Martins, Pedro de Freitas Branco e Tomás Ribas.

Durante a cerimónia, o ministro salientou as dificuldades com que se debate o ensino do Conservatório em Portugal, «uma obra extremamente difícil, onde o nosso País se encontra bastante atrasado» e referiu-se ao significado das medidas ora adoptadas, tendentes a dar ao ensino da música, de dança e do teatro, a dignidade a que tem direito.

Seguidamente enunciou as primeiras alterações introduzidas na orientação pedagógica do Conservatório, das quais se destaca a criação de Escolas Nacionais de Música, Teatro e Dança e ainda de uma Escola Piloto para a Formação de professores.

O 7.º ano liceal para o Curso de Teatro e o Ciclo Preparatório para os Cursos de Música e Bailado são as habilitações mínimas exigidas, a partir de agora para as respectivas frequências.

Dois candidatos a bastonário da Ordem dos Advogados

Vão realizar-se em Dezembro próximo as eleições para bastonário da Ordem dos Advogados e para os respectivos Conselhos Geral e Superior. Ao contrário do que tem acontecido nos últimos triénios, nos quais tem sido sucessivamente reeleito o dr. Pedro Pitta, bastonário desde há 15 anos, para a actual eleição apareceram já dois candidatos — os drs. Fernando de Abranches-Ferrão e Ângelo de Almeida Ribeiro.

Além disso, igualmente apareceram já duas listas (em grande parte coincidentes) para aqueles conselhos, cujas composições também se mantêm mais ou menos as mesmas desde 1957. Porém, segundo consta em alguns meios ligados á advocacia, é possível que uma vez mais seja apresentada a candidatura do dr. Pedro Pitta para o bastonato no triénio 1972-74, bem assim como do grosso dos componentes que integram os referidos conselhos desde aquela data.

Em ambas as listas (chama-se-lhes assim só por facilidade de expressão) aparecem

(Continua na 13.ª página)

Mindszenty concelebrou com o Papa Paulo VI na abertura do Sínodo

CIDADE DO VATICANO, 30 — (R) — O cardeal Joseph Mindszenty, primaz da Hungria, concelebrou hoje missa com Paulo VI na abertura do terceiro Sínodo Mundial Episcopal na Capela Sistina.

Na concelebração tomaram parte mais quatro bispos.

No entanto, Mindszenity, no Vaticano após 23 anos de cativeiro em Budapeste, não tomará parte nas outras cerimónias do Sínodo que reune 214 bispos de todos os continentes para discutir dois grandes problemas que preocupam a Igreja Católica Apostólica Romana.

Os problemas são a crise do sacerdócio e a atitude que a Igreja deverá tomar quando enfrente situações de injustiça social no mundo.

A discussão do problema do sacerdócio deverá começar na melhor hipótese na

(Continua na 14.ª página)

DL CONTA CORRENTE

Amanhã começa a Já pode marcar os primeiros pontos

A partir de amanhã já pode marcar pontos na «Conta-Corrente do Diário de Lisboa» habilitando-se a prémios valiosíssimos, através de uma iniciativa inédita cujo êxito se traduz não só pelo elevado número de firmas e marcas que deram a sua adesão como no interesse manifestado pelos leitores.

A iniciativa vai começar e os participantes apenas terão que satisfazer a condição muito simples para poderem participar. Como se sabe cada ponto corresponde a uma compra efectuada de um produto ou serviço das marcas que anunciam no «Diário de Lisboa» e fazem parte da relação que todos os dias publicamos Esta relação é uma

(Continua na página seguinte)

O PRESIDENTE DA URSS, Nikolai Podgorny, que hoje inicia, pela Índia, uma visita á Ásia, devendo abranger ainda a Birmânia e o Vietname do Norte. A viagem corresponde á segunda fase da actual campanha diplomática da «tro'ka» moscovita. (Ler na página 14)

HOJE 28 PAGS.—VISADO PELA CENSURA

DL CONTA CORRENTE

SÍNTESE DO REGULAMENTO

(Continuação da pág. anterior)

«Conta-Corrente» diária que não precisa ser-nos enviada, servindo para orientação dos participantes.

A síntese do Regulamento esclarece com toda a clareza a mecânica da iniciativa.

Os nossos leitores devem portanto fazer uma leitura atenta para se identificarem com a mecânica (bastante fácil aliás), da «Conta-Corrente».

A partir de amanhã principiaremos, tal como especifica o Regulamento, a publicar diàriamente os «cupões-duplos» de identificação, destinados à inscrição nos 8 novos serviços bem como a relação diária (conta-corrente diária) das firmas e marcas abrangidas pela iniciativa.

O primeiro prémio é uma vivenda mobilada, na área de Cascais, com automóvel na garagem e seguro. O segundo é uma «Station» Audi 75 Variant e o terceiro um barco com motor.

Para a clasificação por marcas há muitos e valiosos prémios, destacando-se um Triumph Spitfire oferecido pelo jornal «Motor».

1. — É condição essencial para participar da iniciativa «Conta-Corrente do Diário de Lisboa», estar inscrito como «Leitor do Diário de Lisboa». A fim de permitir a inscrição dos seus leitores que ainda o não tenham feito o «Diário de Lisboa» publicará boletins de inscrição destinados a esse fim.

2. — Os participantes da iniciativa «Conta-Corrente do Diário de Lisboa» terão de coleccionar os «cabeçalhos» dos jornais «Diário de Lisboa» de 1 de Outubro de 1971 a 31 de Dezembro de 1971 e exibi-los ao representante do jornal no acto da verificação dos elementos comprovativos das compras feitas.

3.º — São permitidas durante a iniciativa 5 (cinco) faltas de «cabeçalhos» por mês.

4.º — A falta de «cabeçalhos» em número superior ao referido no Art. 3 implica a eliminação do premiado, passando o prémio para o classificado imediato.

5.º — Será publicada diàriamente uma relação dos anunciantes e na qual constarão ainda três colunas encimadas pelos seguintes dizeres. ARTIGO PRODUTO SERVIÇO COMPRADO, PONTOS e VALOR EM ESCUDOS, onde o participante irá fazendo os seus «lançamentos» com vista ao preenchimento da «CONTA-CORRENTE FINAL», a única que terá de ser enviada ao jornal.

7.º — Os participantes não são obrigados a comprar os artigos, produtos ou serviços, nos dias das inserções dos anúncios nas «Contas Correntes» diárias mas quando muito bem entenderem, isto é durante o período da iniciativa.

8.º — Os participantes têm obrigatòriamente de guardar nas suas residências os comprovativos de compras feitas, considerando-se para esse efeito, os recibos e facturas das mesmas quando se trate de artigos ou produtos embalados, as respectivas embalagens. Igualmente terão de ter em seu poder os «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» publicados durante a iniciativa nas condições referidas nos Art.ºs 2.º e 3.º deste regulamento.

9.º — Aos participantes, para marcar pontos, basta fazer uma compra de um artigo, produto ou serviço de um anunciante mencionado nas «Contas-Correntes» diárias. Os participantes, por outras palavras, poderão adquirir tantos artigos, produtos ou serviços de um determinado anunciante quantos os anúncios por ele publicados no decorrer da iniciativa nas quantidades que entenderem, mas para obter pontos, só contará uma unidade e seu respectivo valor, por anúncio publicado. Esclarece-se ainda que o facto de uma organização anunciar um determinado produto não obriga à sua aquisição, mas apenas à compra de um produto da sua gama de produção.

O APURAMENTO DOS CONCORRENTES

Os participantes da iniciativa figurarão automàticamente, em duas classificações:

12.º — CLASSIFICAÇÃO GERAL:

a) Os participantes obterão um ponto por cada compra que venham a fazer de um artigo, produto ou serviço de um anunciante que figure nas relações mencionadas no Art.º 5.º deste regulamento.

b) Será classificado em primeiro lugar o participante que no final tiver maior numero de pontos obtidos em função do numero de compras, independentemente do valor destas, e, realizadas durante o período da iniciativa. Os prémios seguintes serão atribuidos por ordem decrescente dos pontos obtidos.

c) A verificar-se um empate em pontos entre dois ou mais concorrentes, os prémios serão atribuídos àquele cujo total de compras seja de maior valor em escudos. Se mesmo assim subsistir o empate então, o «LEITOR DO DIARIO DE LISBOA» mais antigo, ou seja, o que tiver o numero de inscrição mais baixo, ganhará automàticamente o prémio que estiver em causa passando o restante ou restantes participantes a ocupar na classificação as posições imediatamente a seguir de harmonia com o numero de pontos ou valor total de compras feitas.

13.º—CLASSIFICAÇÃO DE PREMIADOS POR MARCAS OU ANUNCIANTES — Os prémios oferecidos pelos anunciantes que colaboram nesta iniciativa serão atribuidos aos «LEITORES DO DIARIO DE LISBOA» da seguinte forma:

a) — O concorrente que tiver obtido maior número de pontos apenas em relação a determinada marca ou anunciante que instituiram prémios e de harmonia com o preceituado no Art.º 9.º deste regulamento será o primeiro desta classificação especial. Os restantes serão por ordem decrescente premiados de acordo com o número de prémios instituidos pelas firmas.

b) — No caso de se verificar um empate em unidades compradas entre dois ou mais participantes, o desempate far-se-á pelo maior valor em escudos das compras feitas da marca ou anunciante. Se mesmo assim subsistir então recorrer-se-á à pontuação geral. Caso se mantenha o empate conta o valor total em escudos de compras feitas na classificação geral. Mantendo-se mesmo assim os participantes empatados então ganhará aquele que tiver o número mais baixo de inscrição de «LEITOR DO DIARIO DE LISBOA».

DISPOSIÇÕES GERAIS

14. — Os participantes não podem acumular um prémio da classificação geral com os instituidos pelos anunciantes mas têm o direito de optar por uma das classificações. Um concorrente, porém, pode receber mais de um prémio na classificação por marcas ou anunciantes.

15.º — O «Diário de Lisboa» publicará dentro de 10 dias, após o apuramento dos concorrentes, a lista dos premiados das duas classificações.

16.º — Os prémios deverão ser reclamados no prazo de três meses, a contar da data da publicação no «Diário de Lisboa» da lista dos premiados. Findo este, o premiado perde o direito ao prémio.

17.º — Quaisquer despesas ocasionadas para o levantamento de prémios, assim como taxas, impostos ou transporte de qualquer natureza, ficam inteiramente a cargo dos premiados.

18.º — Aqueles que ainda não são «LEITORES DO DIARIO DE LISBOA» devem fazer a sua inscrição através dos boletins especiais que serão publicados no jornal. Para receberem o «Cartão de Identificação» de «LEITOR DO DIARIO DE LISBOA» é necessário enviarem aos nossos serviços com o boletim de inscrição um selo postal de um escudo para despesas de correio.

19.º — Os envelopes contendo as «Conta-Correntes Finais» dos participantes na iniciativa, serão abertos na presença de autoridades que por sua vez rubricarão todas as «Conta-Correntes» recebidas.

CUPÃO-DUPLO «LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA»

DL CONTA CORRENTE

LEITOR DO Diário de Lisboa

Nome: .....

Morada: .....

Localidade: ..... Tel: .....

Profissão: .....

DL CONTA CORRENTE

LEITOR DO Diário de Lisboa

Nome: .....

Morada: .....

Localidade: ..... Tel: .....

Profissão: .....

Este é o cupão-duplo para a inscrição nos nossos serviços como «Leitor do Diário de Lisboa», condição indispensável para participar na «Conta-Corrente». Este cupão deve ser-nos enviado «apenas uma vez». As pessoas que já possuem o seu cartão identificativo de «Leitor do Diário de Lisboa» «não precisam» enviar o cupão duplo

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se desde já assinaturas pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 » — 250$00
12 » — 485$00

Pagamento adiantado, em vale do correio ou selos.

EM BENFICA
ULMEIRO
—LIVRARIA
—DISCOTECA
—POSTERS
AVENIDA DO URUGUAI, 13-A
LISBOA-4 TELEF. 707544

MARRAQUEXE: DO VEREDICTO ÀS DIFICULDADES DE UM SOBERANO

Após três meses de debates momentâneamente eclipsados pela tempestade de Skhirat e pela repressão expeditiva que se seguiu à tentativa de «putsch», o processo intentado no Marrocos contra 193 membros da União Nacional das Forças Populares (U. N. F. P.) teve agora o seu epílogo.

Cinco condenações à morte, seis a prisão perpétua e diversas penas de prisão: o veredicto de Marraquexe parece, simultâneamente, comedido e contestável. É inegàvelmente moderado se o compararmos com o requisitório do procurador do rei, que tinha pedido nada mais nada menos que quarenta e oito penas capitais, o que causava viva emoção e uma legítima inquietação. Ora, a pena máxima só foi aplicada a um dos réus presentes e apenas a quatro dos trinta e dois quadros do partido julgados à revelia, quando a verdade é que a justiça marroquina geralmente não tem contemplações para com os inculpados revéis. Além disso, pode esperar-se ainda que o rei dê provas de clemência, no momento oportuno, como já fez no passado a favor de adversários políticos condenados pelos «complots» anteriores.

Mas se as sentenças parecem relativamente leves aos olhos dos que receavam o pior, poder-se á concluir daí que se fez justiça aos militantes da U. N. F. P. levados ao tribunal de Marraquexe? A indulgência de hoje não pode fazer esquecer as circunstâncias em que eles foram presos, por vezes «raptados» e indevidamente mantidos na prisão, muitas vezes torturados, e finalmente, condenados na sua maioria, na sequência de debates que em face da escassez das provas e do carácter suspeito das confissões não convenceram ninguém da realidade da conjura que lhes era imputada.

Contestável já na época em que foi intentado, este processo apareceu totalmente fora de propósito e quase ridículo depois de o «putsh» de Skirat ter demonstrado que se previam ameaças de «complot» contra o regime, as mais graves não vinham da U.N.F.P., mas doutros quadrantes. As circunstancias jogaram sem duvida a favor dos inculpados e não há dúvidas nenhumas de que, embora a justiça marroquina seja em princípio independente, a sentença de Marraquexe corresponde aos desejos de Hassein II.

O rei tinha, na verdade, várias razões para desejar que o processo de Marraquexe, (sobre cujos fundamentos ele não devia ter muitas ilusões) terminasse com um veredicto apaziguador. A razão mais premente para tal, é sem dúvida, a de não querer cortar as pontes com a oposição legal, num momento em que o rei, de repente, se vê a braços com a falta do apoio da força que tradicionalmente lhe servia de pilar essencial — o exército.

No plano imediato, o veredicto de Marraquexe favorecerá, sem dúvida, um certo desanuviamento no interior. Se for seguido de medidas de clemência, o rei poderá então tentar uma nova «abertura» em direcção aos partidos. Mas para que Hassan II tenha possibilidades de chegar a bom termo nessa diligência será necessário, além disso que consinta em tomar em consideração as condições impostas pela oposição legal — nomeadamente a organização de eleições para uma Assembleia constituinte — o que não foi o caso no decurso dos contactos secretos que se seguiram aos acontecimentos de Skhirat. Agora que surgiu o veredicto de Marraquexe, a U. N. F. P. parece, no entanto, mais decidida que nunca a recusar-se a fazer depender a sua eventual cooperação com o regime de uma libertação dos seus militantes condenados.

Se o rei hesita em fazer o jogo democrático com os partidos, é, sem dúvida, por recear enveredar por uma engrenagem da qual o seu partido sairia inevitàvelmente reduzido. Mas, se persistir numa política de imobilismo e de «mudança de fachada» como tem feito até agora arrisca-se a expor-se a uma nova aventura, ou mesmo unicamente a convencer aqueles que até aqui participavam no seu regime de que ele é o principal obstáculo ao restabelecimento da esterilidade no país, e que o seu afastamento seria o único meio de abrir o caminho às reformas que se impõem.

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

Precisamos de si!

SOMOS UMA EMPRESA EM DESENVOLVIMENTO TRABALHANDO NO CAMPO DA INFORMÁTICA.

DISPOMOS DE UMA SITUAÇÃO FINANCEIRA DESAFOGADA E DE UMA ESTRUTURA DE ACTIVIDADES ADEQUADA AO ACTUAL MERCADO DE SERVIÇOS:

ESTAMOS INSTALADOS NUM EDIFÍCIO PRÓPRIO COM 7 ANDARES E PERFEITA INDIVIDUALIZAÇÃO DOS DIFERENTES SECTORES.

PRECISAMOS, APENAS, DE FAZER CIRCULAR NO ESPAÇO DE QUE DISPOMOS A SEIVA CRIADORA DA JUVENTUDE AMBICIOSA. ENTRE OUTRAS, PROCURAMOS PESSOAS APTAS AO DESEMPENHO DAS SEGUINTES FUNÇÕES:

DIRECTOR ADMINISTRATIVO — especialista em assuntos de contabilidade, leis de trabalho e previdência;

DIRECTOR COMERCIAL — elemento dinâmico, com espírito criador e conhecimento do mercado de serviços;

DELEGADOS COMERCIAIS — elementos activos, mesmo sem formação apropriada, mas com espírito de luta (admitimos a hipótese de estudantes em «part-time»);

DIRECTOR PEDAGÓGICO — elemento com evidente vocação para o ensino, preferencialmente ligado ao ramo da informática;

MONITORES DE ENSINO — elementos experientes com aptidão nos campos teórico e prático do trabalho com computadores.

EXIGIMOS QUALIFICAÇÕES APROPRIADAS.

COMPENSAMOS JUSTAMENTE, OFERECENDO PARTICIPAÇÃO NOS PROVEITOS:

Os interessados deverão enviar carta circunstanciada ou marcar entrevista

Gabimec

GABINETE DE ESTUDOS E APLICAÇÕES MECANOGRÁFICAS, S. A. R. L.
Largo do Andaluz, 17 LISBOA 1 Endereço Telegráfico: Gabimec
Telef. 53 25 17 - 53 25 79 - 4 85 10

NOTA do dia

PEÇAS SOLTAS

SALTARAM DE PRONTO à estacada dois intelectuais de prestígio, os académicos, Austregésilo de Ataíde e Teófilo de Andrade, para sacudir a ideia agora lançada na sua terra brasileira, parece com raizes em vários lados, de se instituir uma língua, como diz o telegrama, «diferente do vernáculo». Apetece rir da ingenuidade, como se a língua de um povo se decidisse por decreto. O que pode haver de surpreendente no episódio é a oportunidade em que ele se revela, precisamente quando se dão passos que parecem da mais alta significação nas relações dos dois países que reciprocamente acordaram conceder aos seus naturais os direitos de cidadania. A pronta réplica de Teófilo e de Austregésilo não surpreende. O que surpreende é a estranha lembrança que a determinou.

A primeira semana deste nosso Outono tem dado que fazer aos termómetros pela força despendida a puxar para cima o mercúrio. Mas só a braços, pois que mesmo se houvesse moinhos instalados de nada serviriam por não haver pitada de vento que os movesse. (Para pintar o quadro, vide todos os descritivos onde se enaltece a obra de Outono-pintor). Mas implacàvelmente o tempo cai, com o antepenúltimo mês do ano a começar amanhã, o sol cheio de forças mas mandrião, a levantar-se tarde e a deitar-se cedo. E a quantidade de coisas que aí tem para fazer!

Não se pode falar nem pensar nas manchas outoniças sem que venham à lembrança as escolas. Os jornais acolhem e divulgam os apelos e convocações para a reabertura, os horários, os livros novos, as inspecções médicas, o aviso das sessões solenes onde não podem deixar de repetir-se algumas amáveis banalidades que são de todos os tempos mas continuam a ter a sua razão de ser. Quem as ouve? Quem as entende? Que significado se lhes contere e que influência recebem aqueles a quem são dirigidas? Perguntas um tanto cépticas, claro. Mas, ainda assim, nem nós próprios daqui nos dispensamos do convite à meditação.

Outra imagem do mesmo quadro é também outra banalidade, a dos destemperos do trânsito. No apressado regresso das férias estivais para o retomar de toda a sorte de obrigações, as estradas do País oferecem mais uma vez (e cada vez mais) o quadro alucinante de uma população alucinada e em bolandas. As autoridades que têm com a matéria apressaram-se a ditar medidas cautelares, apertando os limites da velocidade. Há quem ache que não vale a pena. Por nossa parte pensamos que é o mínimo ao mais imediato alcance de quem comanda na matéria. O grande caos não faz senão crescer.

Esta ponta final oferece-se ainda com algum constrangimento quase à guisa de «post-scriptum». Na nota de anteontem, em comentário apressado ao que pretendemos chamar o «breve» discurso do Presidente do Conselho, esfregámos os olhos de espanto ao ver o «breve» transformado em «longo». Não se sabe como foi, não vale a pena. Mas parece indispensável a anotação, para evitar o gostinho de devaneios especulativos em que costumamos ser hábeis e a que desejamos cortar as asas da fantasia. Procuramos sempre dizer alguma coisa entre o que nos parece justo e o que nos parece possível, mas por caminhos direitos. Supostas gracinhas de sentido dúbio poderão estar ao nosso alcance mas não nos servimos delas. Nem é nosso desejo que fique margem para que possa alguém entender o contrário.

INAUGURAÇÃO
RUA PADRE ANTÓNIO VIEIRA 8

COIMBRA

cial
CENTRO DE LÍNGUAS

INSCRIÇÕES ABERTAS
CURSOS 71-72

LISBOA — AV. DA REPÚBLICA, 14 — TEL. 53 37 33

NOVO CASINO ESTORIL

TELEF. 264521

SALA DE JOGOS
todos os dias
das 15 às 3 horas

SLOT MACHINES
acesso livre
maiores 21 anos

NEW YORK REVUE

pela primeira vez na Europa

ILES ROSETTI

comediantes da acrobacia

MARIA VALEJO

Shegundo Galarza e seu Conjunto

Jirina's Combo

Ferrer Trindade e sua Orquestra

NADJA NADLOVA

SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR Á 1,0H.
maiores de 21 anos

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2. ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sábados

Matrículas abertas para os cursos a iniciar em 1 de Outubro

HOJE — HOJE — HOJE

ÚLTIMO DIA

DA

FEIRA POPULAR DE LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

DE 1971

O GRANDE LUNA-PARQUE DA CAPITAL

que se despede do público em constante êxito e para comemorar o seu encerramento todos os visitantes estão habilitados a agradáveis sorteios

Supermercados de Electrodomésticos E. I. E. L.

Um óptimo prémio á escolha do premiado conforme indicação no verso da senha

« C A D I L L A C »

Quatro óptimos e utilíssimos prémios

1.º — Um aspirador-enceradora «Cadillac» C5N
2.º — Um aspirador «Cadillac», modelo «CADI»
3.º — Um rádio de mesa «KB»
4.º — Uma panela de pressão «Regina»

Oferta do distribuidor exclusivo

Da marca «Cadillac» — Álvaro Pessanha Bella Vinho Montanhês — Cinco apetitosos prémios

1.º — Duas caixas com 24 garrafas de vinho Montanhês
2.º — Uma caixa com 12 garrafas de vinho Montanhês
3.º — Uma caixa com 6 garrafas de vinho Montanhês
4.º e 5.º — Uma caixa com 3 garrafas de vinho Montanhês

Milhares de provas serão oferecidas nesta noite além de 2000 garrafas

Todas as atracções em movimento constante
De tudo para comer e para beber

ABERTURA ÀS 19 HORAS

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS

Director: **Prof. Vasco Botelho de Amaral**

* Rua Mouzinho da Silveira, 25 (Metro: Rotunda) Das 9 ás 22 horas
* Av. Fontes Pereira de Melo, 25, 1.º (Metro: Picoas) Das 16 ás 21 horas

LIÇÕES INDIVIDUAIS — CLASSES — CURSOS INTENSIVOS

— **PRELECÇÕES** pelo Prof. Vasco Botelho de Amaral sobre

INGLÊS BÁSICO, FUNDAMENTAL E ESSENCIAL

Todas as 3.as e 5.as-feiras na Av. Fontes P. de Melo, 25-1.º

- Esgotada a lotação para 30-IX-71.
- Pedidos para assistir com indicação de **nome, morada, idade e profissão** (em postal).

CORO FEMININO DE S. CARLOS

Estão abertas até ao próximo dia 4 de Outubro as inscrições para prestação de provas de admissão para o preenchimento das vagas dos naipes femininos do Coro do Teatro Nacional de S. Carlos.

As inscrições fazem-se na secretaria do Teatro (Rua Serpa Pinto, n.º 9, em Lisboa) todos os dias úteis das 10 ás 12 e 30 e das 15 ás 18 e aos sábados das 10 ás 15 horas.

As provas efectuam-se a 4 de Outubro pelas 19 horas.

CURSOS DE «BALLET»

No seu estudio da rua Marquês da Fronteira, o bailarino Bento José da Câmara inicia, no próximo dia 6, as suas aulas de «ballet»

Braga Santos e Nicholson são os autores dos quatro trechos com que Lenita inicia a sua colaboração na «R. R.». Títulos das composições: «Estátua de granito», «Canção do novo sol», «Ritual pagão» e «Canção dos pés descalços». A orquestra é dirigida por Correia Martins

TONICHA NO FESTIVAL DO RIO

RIO DE JANEIRO, 30 — (A. N. I. e F. P.) — O VI Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro começa amanhã no Maracanãzinho. Concorrem representantes de 29 países.

Entre as canções (todas inéditas) que serão apresentadas figuram: «Manhã Clara» (Portugal), por Tonicha; «Kyrie» (Brasil), pelo Trio Ternura; «Dorme, Amor» (Espanha), por Massiel; «Ne Cherche Pas» (França), por Michel Fugain; «Les Hommes Sont Partis» (Suíça), por Henri; «Eine Welt Voll Sonneschein» (Áustria), por Richard Österreicher; «I Love Him» (Inglaterra), por Samantha Jones; «Piego Per Chi» (Itália), por Fausto Leali; «Le Monde Est Petit» (Luxemburgo), por Jo-celyne; «Copacabana» (Bélgica), pela dupla Two Men Sould; «In Amsterdam» (Holanda), por Leny Kuhr; «Y Después del Amor» (México), pelos Irmãos Castro; «Balada Snjenoj» (Jugoslávia), por Radoyka; «L'Amour de Thérèse Dumont» (Israel), por Ilanit; «I'm Happy When You're Happy» (Checoslováquia), por Karel Gott; «Palia Kambana» (Grécia), por Clio Denardu, e «Chanson» (Líbano), por Gabriel Yared.

A canção portuguesa é apresentada no sábado, segundo dia das eliminatórias, em terceiro lugar, precedida das canções que representam a Jugoslávia e a Argentina.

«Manhã Clara» é da autoria de Nuno Nazareth Fernandes e José Carlos Ary dos Santos.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEMPORADA DE CONCERTOS — 1971/72 (1.º TRIMESTRE)

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

1.º — 26 OUTUBRO 1971 — 21.45 (Repetição do Concerto Inaugural) e 31 OUTUBRO 1971 — 16 HORAS	2.º — 4 NOVEMBRO 1971 — 21.45 e 7 NOVEMBRO 1971 — 16 HORAS	3.º — 18 NOVEMBRO 1971 — 21.45 e 21 NOVEMBRO 1971 — 16 HORAS
MANUEL IVO CRUZ Maestro **FERNANDO LAIRES** Pianista Abertura Sinfónica «O Judeu» (1.ª Audição—António Vitorino de Almeida 1.º **Concerto para Piano e Orquestra** — Tchaikowsky 1.ª **Sinfonia** — Brahms	**MANUEL IVO CRUZ** Maestro **LÍDIA DE CARVALHO** Violinista **Abertura** — Marcos Portugal **Concerto para Violino e Orquestra** — Mendelssohn **5.ª Sinfonia** — Shostakovich	**ALCEO BOCHINNO** Maestro **1.ª Sinfonia** — Brahms **A Biosfera** (1.ª Audição) — Marlos Nobre **A Descoberta do Brasil** (1.ª Audição) — Heytor Villa Lobos
4.º — 2 DEZEMBRO 1971 — 21.45 e 5 DEZEMBRO 1971 — 16 HORAS	5.º — 16 DEZEMBRO 1971 — 21.45 e 19 DEZEMBRO 1971 — 16 HORAS	6.º — 29 DEZEMBRO 1971 — 21.45 e 30 DEZEMBRO 1971 — 18.30 HORAS
SILVA PEREIRA Maestro **SÉRGIO VARELA CID** Pianista **Pastoral** — Ivo Cruz 1.º **Concerto para Piano** — Liszt **Burlesca para Piano** — Strauss **Pássaro de Fogo** — Strawinsky	**MANUEL IVO CRUZ** Maestro **NELA MAISSA** Pianista **3.º Concerto Brandeburguês** — Bach **Concerto para Piano e Orquestra** — Armando José Fernandes **7.ª Sinfonia** — Beethoven	**ALVARO CASSUTO** Maestro **ANA BELA CHAVES** Viola **3.ª Sinfonia** — Brahms **Círculo para Orquestra** (1.ª Audição) — Álvaro Cassuto **Concerto para Viola** — Bela Bartok

PREÇOS	NOITE	TARDE
Plateia	35$00	25$00
1.º Balcão	35$00	25$00
Camarotes 1.ª F.le (5 lug.)	150$00	100$00
Camarotes 1.ª lado (4 lug.)	120$00	80$00
2.º Balcão	17$50	12$50
Camarotes 2.ª (4 lugares)	60$00	40$00
2.ª (3 lugares)	45$00	30$00
2.ª (2 lugares)	30$00	20$00

BILHETES À VENDA

A PARTIR DE 10 DE OUTUBRO 1971, DAS 14 ÀS 20 HORAS, NA BILHETEIRA — Rua António Maria Cardoso, n. 84 — Telef. 32 71 73

1.as EXIBIÇÕES

«O FALSO PROFETA»

TÍTULO ORIGINAL — «Elmer Gantry»
REALIZAÇÃO — Richard Brooks, 1960 (E. U. A.)
INTÉRPRETES — Burt Lancaster, Jean Simmons, Arthur Kennedy, Shirley Jones, Dean Jagger, Patti Page, etc.
DISTRIBUIÇÃO—Rank Filmes
ESTREIA — Cinema S. Jorge (23-9-1971)

Elmer Gantry (Burt Lancaster), vendedor de electrodomésticos, era um homem de grande eloquência. Os clientes caíam na armadilha das suas anedotas picarescas e, no final, todos lhe diziam: «*Você tem jeito para pregador! Devia era ser pregador!*» Um dia, essa oportunidade surgiu-lhe ao assistir ao espectáculo de «Sister Sharon Falconer» (Jean Simmons). Gantry reparou nos benefícios que daí lhe poderiam advir, e tratou de se aliar á *troupe*, que percorria as terras da província anunciando uma religião de alegria e franco apelo da Natureza.

A *irmã Falconer* tinha os serviços bem montados, e o *show*, a meio caminho entre o fanatismo e o espectáculo de feira, passou a contar com mais um *clown*. O circo adquiria um novo motivo de interesse, e a primeira prédica apoteótica de Elmer Gantry disse respeito ao valor de Cristo no mercado. A actuação terminou com um imponente voo do atleta, e alguns espectadores atingiram o paroxismo. Um deles ladrou como um cão vagabundo em noite de lua cheia. Foi o sucesso, e a companhia acabou por ser chamada á cidade — Zenith — para aí revitalizar o fervor religioso. Elmer Gantry exultou: «*As pessoas são todas iguais. Na cidade o verniz é mais espesso, mas acaba-se por se penetrar no interior de cada um*».

Os interesses dos grandes da cidade viram-se, assim, ligados aos interesses da companhia que ali montou os seus escritórios. A Imprensa duvidou do Ressurgimento: «*Fé ou charlatanismo?*». E o rebanho retrocedeu. Gantry retorquiu, e o rebanho regressou. Gantry, vítima de chantagem, roda pelas ruas da amargura, e o rebanho vai até perto do linchamento. Gantry reabilita-se, e o rebanho volta, fervoroso. Isto é a América, a sua fé, o psiquismo maniqueísta das suas gentes, o árbítrio do julgamento. Isto é a América de um romance de Sinclair Lewis que Richard Brooks adaptou ao cinema, em 1960, e só agora chegou a Portugal, onze anos depois.

Quem era Elmer Gantry?

(Continua na pág. seguinte)

Valério Silva muda, novamente, de etiqueta discográfica: passou-se para a «R. R.», tendo já iniciado a gravação de um E. P. com Correia Martins

CONSAGRAÇÃO
DE
DOIS
MONSTROS SAGRADOS
DO CINEMA
FRANCÊS

SIMONE SIGNORET

JEAN GABIN

(1.os PRÉMIOS DE INTERPRETAÇÃO NO FESTIVAL DE BERLIM) 1971)

O GATO
(LE CHAT)

Um filme de P. GRANIER-DEFERRE
segundo a obra de GEORGE SIMENON
EASTMANCOLOR
GRUPO D/18 ANOS

A história de uma mulher que, quer contra tudo e contra todos, defender o seu amor...

Distribuido por
EXCLUSIVOS TRIUNFO
2.ª SEMANA
IMPERIO

VADIM + SAGAN =
COMÉDIA DE ALTA QUALIDADE!
MONICA VITTI • CURD JURGENS
JEAN-CLAUDE BRIALY
JEAN-LOUIS TRINTIGNANT
FRANÇOISE HARDY

Um Castelo na Suécia
'Chateau en Suède' de FRANÇOISE SAGAN
num filme de ROGER VADIM
HOJE ÀS 21,30
ESTREIA NO
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
RANK FILMES
United Artists
grupo D 18 anos colorido

VASCO MORGADO apresenta 3 êxitos de GARGALHADA

TEATRO MONUMENTAL TEL. 55 51 33
3.º MÊS
Uma atrevida e divertida comédia de Jean Letraz.
UMA CAMA PARA TODA A GENTE
com Camilo d'Oliveira, Armando Cortez, Canto e Castro, Linda Silva, Fernanda Franco e a colaboração especial de Milu e Irene Isidro
Grupo D — Maiores 18 anos
3.ª, 4.ª e 5.ª, ás 21.45 h. 6.ª-feiras e Sábados, 2 SESSÕES, 20.45 e 23 h. — Domingos, à tarde, ás 16 h. Noite, 21.45 h.
2.ª-FEIRAS DESCANSO DA COMPANHIA

TEATRO VARIEDADES TEL. 32 60 37
De Ray Cooney e John Chapman
EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO
com Henrique Santana, Maria Dulce, Carlos José Teixeira, Henrique Santos, Alina Vaz, Maria Laurent, Helena Isabel e a colaboração especial de Paulo Renato
Encenação: Varela Silva
Horário: Hoje ás 21.45 h 6.ª-Feiras e Sábados 2 sessões ás 20.45 e 23 h
Grupo D—Maiores 18 anos
Descanso da Companhia às 4.ª-feiras

CAPITÓLIO
As 21.45 HORAS
(Maiores de 17 anos)
EM 10.º MÊS
LAURA ALVES
EM
A Querida Mamã
(LA MAMMA)
por Carlos Duarte, Alda Pinto, António Machado, Luís Alberto, António Rama, Ana Le Mattre, Cláudia Martins, Octávio Borges
Encenação de António de Cabo
Cenas de Hernâni Lopes
DOMINGOS: «MATINÉES» ÀS 16 H.
Descanso da Companhia às segundas-feiras

COLISEU
HOJE, ás 21,30
(Grupo A — 6 anos)
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE
CIRCO
As maiores atracções
Super-Palhaços musicais
SABADO
A tarde, ás 16 horas, entrada gratuita ás crianças dos 6 aos 10 anos

Cápida
R. Augusta, 275-A
LISBOA
CASA PIRES D'ALMEIDA, L.ª
Telef. 32 07 00
INAUGURA NA PRÓXIMA SEXTA-FEIRA, DIA 1, NOVAS INSTALAÇÕES DA SUA SECÇÃO DE MEIAS, MALHAS E CONFECÇÕES
RUA AUGUSTA, 275-1.º
AGRADECE A VISITA DE V. EX.ª

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

VASCO MORGADO
e RAUL SOLNADO
apresentam
de GARINEI e GIOVANNINI com música de RENATO RASCEL

AMANHÃ, EM ESTREIA
A COMÉDIA MUSICAL

O aniversário da Tartaruga

COM
FLORBELA QUEIRÓS
•
RUI DE CARVALHO

Grupo D - 18 anos

E AINDA «CHIQUINHA» A TARTARUGA CONVIDADA
NUM ESPECTÁCULO TODO P'RA FRENTE
•
Direcção-geral de ANTÓNIO DE CABO / Figurinos e cenários de PINTO DE CAMPOS
UM GRANDE BALLET INTERNACIONAL dirigido por ANTÓNIO BARDIS
Conjunto de THILO KRASMANN com PEDRO OSÓRIO
BILHETES À VENDA

2 SESSÕES
às 20.45 e 23 h
GRUPO D
18 ANOS

MARIEMA
NA «FADISTA»

MARIA VITÓRIA

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
apresentam
A REVISTA POPULAR
DA GRAÇA, DA CRÍTICA E DAS MULHERES BONITAS!

«Ó ZÉ APERTA O CINTO!»

Original de ANIBAL NAZARÉ e HENRIQUE SANTANA
com música de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

EUGÉNIO SALVADOR — IVONE SILVA — NICOLAU BREYNER — VÍTOR MENDES — ÂNGELA RIBEIRO — VÍTOR ESPADINHA
com MARIEMA e RIBEIRINHO

o minha lã meu amor

3K
MOBILIÁRIO ESCRITÓRIO
R. DO CONDE REDONDO, 21 - T. 49907

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS TEL 280919
EM 4. MÊS

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
AVOANE
princesa de Borgonha
de WITOLD GOMBROWICZ

HOJE E TODAS AS NOITES AS 22 HORAS

Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídios Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian

M/18

ATENÇÃO. Por compromissos assumidos anteriormente e absolutamente inadiáveis a empresa viu-se forçada a anunciar
SÓ ATÉ DOMINGO

Bilhetes à venda para todos os espectáculos.

Dia 12 de Outubro estreia espectáculo TARDIEU STRAVINSKY-BECKETT. Encenações. Agueda Sena-Vitorino de Almeida.

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL

CURSOS AINDA COM VAGAS

ARQUIVOLOGIA
CONTABILIDADE-BÁSICO
CORRESPONDENTE-BÁSICO
(Português, Francês, Inglês)
GESTÃO ECONÓMICA E FINANCEIRA DE EMPRESAS
(Dedicado a Quadros Dirigentes, Técnicos de Contas, etc.)
MAQUINAS DE CONTABILIDADE

INFORMAÇÕES
Telefones: 4 57 12 e 5 99 93, das 18,30 ás 23 horas

INSCRIÇÕES
Avenida Duque de Loulé, 83-3.º

EDITAL

FERNANDO LAURENTINO CORDEIRO E CUNHA, tesoureiro da Fazenda Pública de 1.ª classe, servindo no 4.º Bairro Fiscal de Lisboa:

Faz saber que, durante todos os dias úteis do próximo mês de OUTUBRO, se encontram à cobrança as seguintes contribuições e impostos:

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — Liq. complementar — GRUPO A — 1970

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — Liq. complementar — GRUPO B — 1970

IMPOSTO COMPLEMENTAR — SECÇÃO A — 1970

Os tributos acima referidos deverão ser pagos, por uma só vez, durante o mês de Outubro, p. f.

Não sendo pagos no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora

Passados 60 dias sobre o seu vencimento, sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

Os pagamentos nas Tesourarias da Fazenda Pública, até ao relaxe, efectuar-se-ão em moeda corrente, por vale de correio ou por cheque, com dispensa do visto bancário, mas que deverão conter a sobrecarga, a vermelho, «Pagamento de dívidas ao Estado» Não é devido qualquer emolumento pelos conhecimentos cobrados, e os recibos respectivos serão devolvidos como correspondência oficial. Porém, na aquisição de valores selados, é indispensável o visto nos cheques que se destinem ao pagamento desses valores. (Decretos-Lei n.os 46 495 e 233/71, respectivamente, de 18 de Agosto de 1965 e 29 de Maio de 1971).

Para constar se passou o presente e idênticos, que vão ser afixados na Tesouraria da Fazenda Pública, na Repartição de Finanças e divulgados através da Imprensa diária.

Tesouraria da Fazenda Pública do 4.º Bairro Fiscal de Lisboa, 25 de Setembro de 1971.

O TESOUREIRO DA FAZENDA PÚBLICA,
Fernando Laurentino Cordeiro e Cunha

Rui Mendes na revista

A PRÓXIMA ESTREIA DE «SAÍDAS DA CASCA»

Na sua segunda época como produtor teatral, Humberto Cunha vai abrir as portas do Teatro ABC para oferecer ao publico a revista popular «Saídas da casca», com texto de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha e musica de João Nobre e João de Vasconcelos.

«Saídas da casca» reune, no seu «cast» Maria do Céu Guerra, Octávio de Matos, Anita Guerreiro, Anabela, Maria Tavares, Nina Flores, Cunha Marques, Victor Rosado, Maria Sílvia, Lina Morgado e Mira (as duas ex-coristas que, em anos sequentes, obtiveram o «Prémio Beatriz Costa»), o cançonetista Paulo de Carvalho, e, ainda, os actores Rui Mendes e Aida Baptista.

Uma das maiores atracções no campo do espectáculo internacional vai conquistar Lisboa: referimo-nos a «The Dancing Waters». E, para além do «ballet» do ABC, «Saídas da casca» terá também Masulli London Ballet, que tem estado nos melhores palcos europeus.

Espectáculo de características populares, a revista «Saídas da casca» tem direcção e encenação de César de Oliveira, direcção plástica de Pinto de Campos e Mário Alberto, maquetas de Moniz Ribeiro, direcção coreográfica de Carlos Alberto, guarda-roupa confeccionado sob orientação de Josefina Soares nos Ateliers Paiva e direcção musical de João de de Vasconcelos

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

Um charlatão? Um exibicionista vulgar? Um iluminado? «*Eu sou um livro sensacionalista que custa 2 cêntimos. Eu sou o povo!*». Gantry conhece a linguagem do povo donde proveio e sabe utilizá-la. Para vender electrodomésticos, cativar adolescentes, contar anedotas ou... difundir a palavra de Cristo. Os processos são a demagogia, a palavra solta e viva, a concessão. A intenção não é atingir a razão, mas emocional, ir direito aos sentimentos de cada um, impressionar. O terror, o medo, são as armas. «*Pecadores!*».

«Elmer Gantry» (bàrbaramente traduzido para português por «O Falso Profeta», tradução que é o inverso daquilo que Brooks pretende) possui uma multiplicidade de leituras infindável. Quem é Elmer Gantry é uma delas. Porque razão triunfa um arrivista na América, outra. O que distingue a fé do espectáculo, o que serve certa religião, quais os interesses que lhe ficam subjacentes, etc., tudo isso são assuntos tocados com certa profundidade pela câmara de Brooks. Acrescente-se que se trata de um dos melhores trabalhos deste magnífico cineasta americano e ter-se-á a razão por que se não deve perder este filme *excepcional* que Lisboa pode ver no S. Jorge.

Burt Lancaster é um Elmer Gantry monolítico de sorriso dentífrico, como se impunha. Jean Simmons é simplesmente comovente. Arthur Kennedy de uma justeza assinalável. Shirley Jones uma revelação.

LAURO ANTÓNIO

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

SOBERBA, PECADO «ULTRA»

Acabaram os pecados mortais vistos da nevoenta e fria e puritana Inglaterra. Acabaram, talvez sem grandes saudades do nosso público por razões de duas ordens. Uma, a dificuldade em acompanhar a velocidade (aliás inevitável) das legendas, e.m, eu não digo que somos um País de analfabetos, simplesmente: sabemos ler mas não utilizamos muito a prenda, e, além disso, a leitura no pequeno visor é um tormento, uma canseira, uma incomodidade, um absurdo.

A outra razão refere-se á estrutura dos «pecados». Não foi nunca pão, pão, queijo, queijo. Sempre se considerou que os «pecados» se dirigiam a pessoas inteligentes, e o nosso público, valha a verdade, não tem sido suficientemente educado e exercitado. Também eu não gosto de fazer prognósticos, mas: se continuam as séries comerciais, dentro de meia dúzia de anos o publico português não estará apto a entender os pecados venlais, quanto mais os mortais.

Consta-me que muitos telespectadores baralhavam de tal modo os pecados mortais que chegavam ao fim das histórias sem saber qual dos pecados era. Tal não deverá ter acontecido com o do serão de ontem. Primeiro, porque era o último, e depois porque a *soberba* apareceu desenhada desde a primeira imagem.

Digamos que o episódio, apesar de brutamente inglês pela realização e pelo humor, continha moral capaz de ser entendida pelas classes médias dos outros países É pecado (e, pelos vistos, pecado mortal) não proceder ás reformas necessárias. De um lado, as multidões ansiosas por uma existência mais tranquila, equilibrada e farta; do outro lado, uma burguesia «soberba» sempre na disposição de considerar todas as reivindicações como produtos de «grupos de desordeiros», de «anarquistas», de delinquentes perigosos. O resultado esteve á vista de todos: ao pecado mortal, correspondeu castigo mortal. O director da «colónia de férias» era um *ultra*, incapaz de fazer concessões ou reformas, encerrado nas paredes soberbas da insensatez. Quis usar a força no momento em que ele era o mais fraco, o que se deve ter por rematada tolice, pois se a força é a diplomacia dos grandes, a diplomacia é a força dos pequenos.

Evidente a moral de «Colónia de Férias»: a burguesia na Inglaterra tem de convencer-se de que já não é *o mais forte* no jogo das relações sociais. Logo, não pode escolher a soberba, que é o pecado ultra, não pode escolher a força: a sua manutenção ou longevidade dependem da maleabilidade que utilizarem nesse jogo.

●

ONDE SE FALA DE CAVALOS E DO SEU PROMISSOR REGRESSO

A hora de maior audiência reserva-se, naturalmente, para os assuntos mais importantes, ou, pelo menos, como tal considerados. É lógico. Quer dizer: é assim mesmo. Como diria Mensurado: é uma questão pragmática. Desde ontem ficámos a saber que o simpósio sobre os azulejos, a organizar brevemente no nosso País, tem cá um destes balanços!

Já lá vamos. Antes disso assistimos a um «Ponto de Vista» que nunca dá ponto... sem nó Rubrica morna, morna, segundo o ritmo imposto pelo apresentador Manuel Amaral, cuja vocação se vê, a olho nu, não ser aquela.

Pois Manuel Amaral pensa que «na base do turismo esteve sempre uma certa actividade desportiva». Podemos considerar esta sugestão perfeitamente revolucionária, por várias razões, e, se o engenheiro Amaral me conceder a patente, penso desenvolvê-la em qualquer dos próximos simpósios a realizar em Portugal, que é, como todos sabem o primeiro país do mundo na produção de cortiça, de vinho do Porto.

A demonstrar a preocupação da indústria hoteleira pelo equipamento desportivo, foi ao «Ponto de Vista» o arquitecto António José Brito e Cunha, de Vila Moura, no Algarve, como toda a gente sabe, lá onde tanto interesse se manifesta pelo hipismo, e não só hipismo desportivo, mas também o outro o que se faz com o cavalo a passo Percorrer uma região montado a cavalo é, segundo o entrevistado, excelente maneira de melhor ficar a conhec-la. Já antes, no programa da manhã, assistimos á actividade de uma curiosa organização existente em França, e cujo objectivo é isso mesmo: dar a conhecer a França aos franceses proporcionando-lhes cavalos e carroças. Não há dúvida: o automóvel tem os dias contados. Quem quiser enriquecer pode começar já a proceder em seus campos á reconversão da fava. O que nos arrastará até á fava-rica, com a mosquinha e tudo. E aos pregões desta Lisboa gaiata. E o «chora». E á sardinha assada fora de portas. E por aí, adiante, até á folha de parra.

António José Brito e Cunha conta-nos, até, uma história engraçada. Certo inglês comprou um lote em Vila Moura para construir sua casinha. Mal se apanhou de casinha feita, ele que faz? Mandou vir de Londres o seu cavalo, por avião, e seguro em 600 contos!

Pelos vistos, para beneficiar o turismo também serve o interesse pelos azulejos. Se não serve para isso, serve pelo menos para dar umas riquíssimas passeatas por esse País fora. Ontem estava eu a ouvir o engenheiro Santos Simões a contar o programa dos participantes no simpósio e a água a nascer-me na boca.

Tudo começou quando Santos Simões declarou que os simposistas fariam entre nós umas excursões. E o Mensurado, tremendamente ingénuo:

— Excursões de estudo?

Homem!, são coisas que se perguntem?

●

FRENTE A FRETE: O SIMPÓSIO E O NÃOPÓSIO

Fiquemos, pois, cientes da importancia nacional dos azulejos, pois para se falar deles se utilizou o mais precioso tempo de antena da televisão portuguesa. De acordo. Era urgente falar dos azulejos. Agora. Cada época possui os seus problemas específicos e está claro que não podíamos esquecer os azulejos.

O publico seguiu a entrevista com requintes de malvadez, perdão!, com requintes de atenção. Santos Simões contou a sua vida desde pequeno: fez o liceu («como toda a gente...») e depois engenhariou nos têxteis. Esteve no estrangeiro e, por razões de ordem política, teve dificuldades em entrar em Portugal por volta de 1926, 1927, mas isso passou, já não quer saber dessas coisas, tem mais em que pensar.

Compreende-se. O azulejo é absorvente. De subito, uma pessoa começa a fazer tijolo, desculpem!, começa a fazer azulejo e nunca mais acaba. Até porque para o engenheiro Simões aquilo é uma paixão. O entusiasmo de ontem foi o mesmo entusiasmo de quando esteve no *Zip-Zip*. Simplesmente, se no *Zip-Zip* foi sensação, no *Frente a Frente* foi rotina. Tudo porque outrora foi carne viva e ontem foi simpósio. E o *simpósio* não se da com a televisão. Para a televisão, o melhor é o *nãopósio*. Quando se entenderá, meu Deus, esta verdade tão singela?

Repito, repito: não tenho nada contra os pobres azulejos nem contra os simpósios. De uns bons simposiozitos de perlimpimpim estão bem precisadas as nossas iniciativas de convívio internacional pois a finalidade deles, como bem frisou o engenheiro Simões, é «*estabelecer contactos humanos*». Fomentem-se, fomentem-se, que a rendabilidade não oferece duvidas. Façam as contas: se organizarmos um simpósio por dia, com a presença de mil pessoas, precisamos unicamente de 8 mil anos para dar a conhecer Portugal a todos os colegas terráqueos, chineses incluídos!

Quanto aos azulejos, o engenheiro Simões foi incisivo: vivemos rodeados deles, nos colégios, nos templos, nos quartéis. Uma frase: «*o azulejo tornou-se uma fatalidade para os portugueses*».

Contra as fatalidades não se pode lutar. Também o *Frente a Frente* é uma fatalidade. Também é uma fatalidade a presença canhestra (e ontem supinamente infeliz) de José Mensurado. Por isso não acabam. São fatalidades. Esta nossa herança árabe!

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 05: «Abertura 1.6»: Programa da juventude; 17 e 30: «Falua», programa para adolescentes, por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: Johnny Rivers; 18 e 20: Espectáculo: Teatro por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Musica popular portuguesa; 19 e 10: Selecção da Zarzuela: «El Canastillo de Fresas», de Jacinto Guerreiro; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O conjunto: «The Marmelade»; 20 e 30: 28.º episódio do folhetim «O marquês de Villemer»; 20 e 50: Melodias pela orquestra de John Barry; 21: Momento 71; 21 e 20: Musica, só musica; 21 e 50: Dia a dia com a ciência pelo dr. Marques da Costa; 22 e 10: Fados, por Maria Margarida e Nuno de Aguiar; 22 e 30: Ritmos de todo o mundo; 23 e 05: Musica latino-americana; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — Às 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Musica portuguesa — Obras de Luís de Freitas Branco, 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Concerto para piano e orquestra; 21: Árias de óperas pelo tenor Giuseppe Di Stefano; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Musica sinfónica; 22: Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (filho); 22 e 43: Concerto em si bemol maior op. 7, n.º 6, para dois órgão e orquestra (Handel), pelos organistas: Eduard Mutter e Valerie Kagi; Orquestra Schola Cantorum Basiliensis, sob a direcção do maestro August Wenzinger; 23: A voz do ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa estereofónico — MF 2 — Às 21: Musica ligeira variada; 22: Musica sinfónica; 23 e 38: Musica de piano; 0 e 19: Musica de câmara; 1: Fecho.

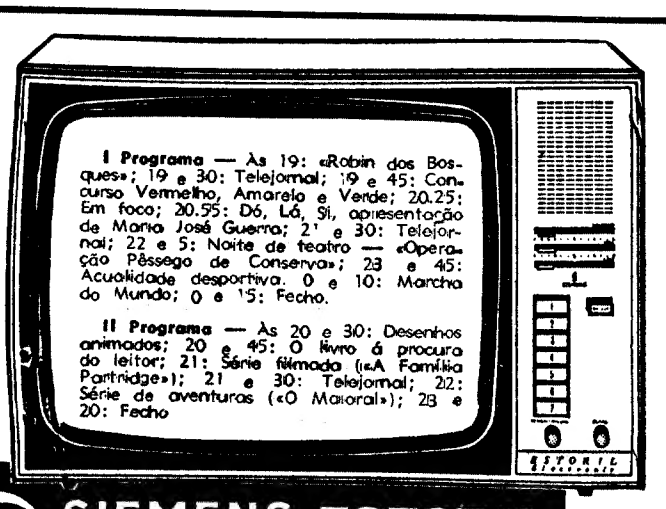
RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal: 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 30: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: 19: Grande roda; 0 e 02: «P. S. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Véntice; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mts — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: Uma vedeta na noite; 22 e 15: Cristo para todas as nações: 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 04: Clube da juventude.

TV dia a dia

HOJE PODE VER



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER..

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 12 e 55: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Hospedeiras de Bordo»; 13 e 45: Telejojrnal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo á noite; e 14 e 20: Fecho. *2.º período* — Às 19: Abertura e curso de orientação de monitores; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Filme infantil «Poucetofes»; 20 e 05: Programa feminino; 20 e 35 Série da comédia «Casei com Uma Feiticeira»; 21 e 10: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico; 22 e 05: Série policial «Os Vingadores», com Patrick MacNee e Linda Thorson; 23 e 05: Mozart em Praga; 0: Marcha do Mundo; e 0 e 10: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura e desenhos animados; 20 e 50: Minidecoração; 21: Filme de série «Hospedeiras de Bordo»; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição, e Boletim Meteorológico (simultaneamente com o I programa); 22: «O Tesouro dos Holandeses», 6.º episódio; 22 e 25: «Harry And Lena», programa com Harry Belafonte e Lena Horne; e 23 e 20: Fecho.

mais música
mais luz
mais movimento
TUDOR

Inaugura-se amanhã o novo estabelecimento do grupo PÃO DE AÇÚCAR em Benfica-Amadora

O subsecretário de Estado do Comércio, dr. Vaz Pinto, visitou ontem demoradamente as instalações do novo Supermercado que a SUPA — Companhia Portuguesa de Supermercados, S. A. R. L. abre ao público amanhã.

Este membro do Governo foi recebido pelos drs. Abílio Diniz e João Flores, respectivamente vice-presidente do Conselho de Administração e Administrador - Delegado daquela empresa.

Seguidamente, um grupo de jornalistas foi recebido pelos membros da Administração, já referidos, bem como pelos directores, eng. Abreu Faro e dr. Silva Gonçalves, dr.ª Isabel Mégre e outros elementos superiores.

A uma pergunta de um dos jornalistas presentes sobre em que medida este tipo de estabelecimento traria uma vantagem para a população em geral, respondeu um dos directores da companhia: «*Gostaríamos que essa resposta fosse dada pelos quase cinco milhões de consumidores que já se abasteceram nos nossos Supermercados...*».

O grupo internacional «Supermercados Pão de Açucar», iniciou as suas actividades em São Paulo no ano de 1948, e no decurso destas épocas da dinamica política de expansão conduzida pelo seu fundador e presidente do conselho administrativo, comendador Valentim dos Santos Diniz, resultou o significativo crescimento da empresa — a maior rede de Supermercados da América Latina. No início do passado ano foi inaugurada em Lisboa a primeira loja; nesta altura, está próxima a inauguração do quarto estabelecimento, internacionalmente considerado (dada a sua grandeza) um Hipermercado.

Após Lisboa, ainda em projectada fase de expansão que culminará (oportunamente) com a abertura de novas lojas, seguir-se-ão Almada, Cascais, Porto e Luanda, além de várias outras cidades do território nacional.

O estabelecimento, agora prestes a inaugurar, de estilo funcional, localizado na Estrada de Benfica (Amadora) e dispondo de acesso fácil, com a área total de 15 000 m2, foi construído em 122 dias dispondo de um parque de estacionamento para 300 automóveis, com estação de lavagem automática.

Depois de ter apresentado ao publico com o maior êxito) estabelecimentos na Avenida dos Estados Unidos da América, em Alcantara e na Avenid 5 de Outubro, a SUPA (Companhia Portuquesa de Supermercados Pão de Açucar, S. A. R. L.) prepara-se para inaugurar amanhã, na Estrada de Benfica (a um passo da Venda Nova) a mais jovem das suas lojas sem duvida o maior hipermercado do género, até hoje criado no nosso País.

De momento, a nossa Empresa tem — em Portugal — cerca de 600 empregados-colaboradores: só aqui, em Benfica, temos 180. Mas, com a intensificação (e concretização) dos nossos projectos, daremos trabalho a quantos estão a frequentar a nossa escola de formação profissional.

jb »foiopqoiáP-b— — — —

E o dr. Abílio Diniz acrescenta:

— *Cinco ou seis unidades deste género resolveriam o problema do abastecimento ao público de Lisboa.*

Digamos, agora, que o novo ramo da organização Pão de Açucar possui instalações modelares: desde camaras frigoríficas da «linha de frio» até ás secções de alimentação, estuário, artigos fotográficos, utilidades domésticas, roupas de cama e mesa, brinquedos, artigos para iagem e campismo acessórios de automóel e sapataria.

— *Desejamos acima de tudo, servir o público* — afirmou-nos o dr. João Flores.

Dispondo de bar, cantina, posto médico e vestiários, os empregados do novo Supermercado Pão de Açucar apresentam aspecto impecável: uma constante na moderna organização que, na verdade, é de extrema utilidade para o consumidor disposta.

Um aspecto da visita de Imprensa ao novo estabelecimento do grupo Supermercados Pão de Açúcar

ATRASOS NA LINHA DE CASCAIS

Devido à continuação das obras do nó rodoviário de Alcântara, os comboios da Linha de Cascais sofrerão, a partir de amanhã e durante cerca de 31 dias, atrasos da ordem dos 10 minutos entre as 22 e 30 e as 5 e 50. Os atrasos são motivados pela utilização de via única para a circulação dos comboios.

O NOVO ANO JUDICIAL

MAIS TRABALHO NOS TRIBUNAIS

• MEIRIM SERÁ JULGADO JÁ NO PRÓXIMO DIA 11

• O JULGAMENTO DO CASO DO ASSALTO AO BANCO AINDA NÃO ESTÁ MARCADO

Terminam hoje as férias judiciais nos tribunais civis e militares. A próxima época vai ser, sem duvida, muito mais trabalhosa do que a anterior, em consequência de elevado numero de processos distribuidos aos diferentes juizos criminais.

Desde Janeiro ultimo, até agora, foram distribuidas na parte civel: acções ordinárias, 1240; acções sumárias, 1152, e sumarissimas, 6243; execuções sumárias, 963, e ordinárias, 161; cartas precatórias averbadas, 6919; cartas precatórias distribuidas, 1878; acções especiais dietribuidas ás varas civeis, 209, e aos juizes civeis, 1213; inventários obrigatórios, 464, idem de maiores, 54; falências, 56 processos (no ano passado, 28).

Na parte criminal, foram distribuidos os seguintes processos: de réus presos, 100; de soltos, 296; nos juizos correccionais, de presos, 178, e de soltos, 3436.

Pela Policia Judiciária foram enviados e distribuidos na Boa Hora, durante os meses de Agosto e Setembro: aos criminais, 58, e aos correccionais, 570.

Também durante aquele período, deram entrada na Boa Hora, procedendo-se á sua imediata distribuição, 12 processos, que serão julgados no decorrer do novo ano judicial no Plenário Criminal. Nos mesmos estão incriminados 66 presumíveis delinquentes. Em cada processo figuram de dois a 12 acusados. Nesta matéria delituosa contra a segurança do Estado figuram os cinco processos-crime com 29 indivíduos arguidos a que se referia a nota, que ontem publicámos, da Direcção-Geral de Segurança.

Devido á aglomeração de trabalho neste sector, o dr. Costa Saraiva, adjunto do procurador da República, junto do Plenário, durante o segundo mês de férias manteve-se permanentemente na Boa Hora, no sentido de fazer um cuidadoso estudo dessa matéria considerada delituosa, e, no final, promover os respectivos despachos de pronúncia com o seu parecer jurídico. Este magistrado tomou esta decisão no sentido de abreviar, quanto possível, os respectivos julgamentos.

Aumento sensível do número de processos

Segundo os números estatísticos, verifica-se que, em relação ao ano passado, houve um aumento sensível de processos distribuídos, particularmente de acções sumárias, que atingiram quase o dobro. Em processos-crime, registou-se, também, um aumento sensível.

A estatística salienta, ainda, um elemento importante e de interesse público: foram distribuídos, até agora, aos juízos correccionais, 296 processos de acidentes de viação, faltando apenas julgar onze; e aos criminais (estes mortais), 20, restando quatro para apreciação.

No 3.º juízo criminal da Boa Hora corria seus termos um processo com 224 presumíveis delinquentes envolvidos num caso de isenção de mancebos. Foi arquivado, em virtude da ultima amnistia que abrangeu este acto delituoso. O célebre caso da burla da Financiadora, a que a Imprensa fez larga referência, ainda não está definitivamente arrumado. Encontra-se em recurso na instância superior, devido ao magistrado não ter recebido a acusação do Ministério Público. O processo sobre os filmes imorais transitou do 4.º juízo criminal para um dos correccionais, onde será julgado.

Nos juízos criminais correm seus termos diversos processos-crimes importantes, nomeadamente o do assalto ao Banco Pinto de Magalhães, cujo julgamento ainda não foi marcado; outro, com 738 réus, por falsificação de diplomas de instrução primária para obtenção de cartas de condução; um, com 77 acusados pelo mesmo delito, e vários relacionados com crimes de morte, burlas e falsificações, um destes de relativa importancia.

Para já estão marcados os julgamentos, no dia 11 de Outubro, ás 15 horas, no colectivo do 4.º juízo criminal da Boa Hora, do treinador de futebol Joaquim Ribeiro Meirim, de 37 anos, casado, natural de Monção, e do comerciante João Rodrigues Pertancho, de 49 anos, casado, de Castro Daire, e em que é queixosa a sr.ª D. Ivone Adelaide Correia de Lacerda Amadeu do Serro, de 54 anos, viuva, de Lisboa. A questão relaciona-se com uma projectada exploração hoteleira que Meirim tencionava montar no Estoril. O despacho de pronúncia afirma inicialmente que há indícios bastantes para o caso ser apreciado em julgamento. Em 19 do mesmo mês, há também outro julgamento referente a sete incriminados. Estão, é claro, a ser preparados muitos outros processos para efeito de apreciação.

Alterações nas secretarias

Na nova época judicial, e no que respeita aos funcionários das secretarias dos tribunais do País, estas vão funcionar já com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei 281-71 de 26 de Junho findo, que modificou várias disposições do Estatuto Judiciário, criando lugares de ajudantes de escrivão, providos em antigos escriturários de 1.ª classe com mais de dois anos de serviço e classificação superior á de «Bom», e extinguindo os lugares de escriturários de 1.ª e 2.ª classes, que passarão agora a denominar-se escriturários - dactilógrafos de 1.ª e 2.ª classes, os segundos a nomear provisóriamente, cessando logo funções se obtiverem classificações de serviço inferior á de «Bom».

Em cada tribunal correccional da Boa Hora, foi extinto um lugar de escriturário, tendo sido aumentado o quadro de cada juízo criminal com mais um escriturário-dactilógrafo. Nestes ultimos tribunais foi, porém, extinto um dos dois lugares de oficial de diligência.

Nos tribunais superiores da Relação e no Supremo de Justiça foram afixadas as tabelas com as datas designadas para apreciação de recursos, tanto de matéria criminal como da cível. Os Militares Territoriais e o Supremo preparam-se para entrar em nova actividade.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SABADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Permido pelo S. N. I.
(Maiores de 25 anos)

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

CHURRASCO
ABERTO ATÉ AS 8.30 H
Rua das Portas St Antão 83
Telef 322059

SPORTKAR-BAR
AV DEFENSORES DE CHAVES 87-C
ALMOÇOS, JANTARES E CEIAS NUM AMBIENTE DIFERENTE

LAR IDEAL

PRÉMIOS DE GRANDE UTILIDADE E VALOR

Continua a despertar grande interesse entre o publico, a iniciativa das «Galerias Sol Nascente» de colaboração com a AEG — Telefunken, denominada «Lar Ideal».

O concurso, a um tempo fácil e prático, permite que os concorrentes se habilitem a 60 valiosos prémios, no valor de 200 contos, bastando para tanto que adquiram artigos nas «Galerias Sol Nascente», ondem podem encontrar um lote extenso de electrodomésticos, uma secção de pronto-a-vestir expresso e uma outra com os mais modernos e curiosos brinquedos.

VANTAGENS PARA OS LEITORES «D. L.»

Os promotores da iniciativa resolveram oferecer aos leitores assíduos do «Diário de Lisboa», condições especiais de participação, bastando para isso a apresentação do cartão «D. L.».

Assim além da concessão de um mais elevado numero de senhas, a quem apresente o cartão «D. L.» serão concedidos descontos especiais de 10 por cento nos artigos comprados a pronto. Aos que preferirem o sistema de pagamento em prestações serão oferecidas a 1.ª e a 36.ª mensalidades.

OS PRÉMIOS MAIS VALIOSOS

Ontem falamos-lhe da cozinha modulada AEG, no valor da 60 contos, que constitui o 1.º prémio do concurso. Hoje, recordamos o 2.º e 3.º prémios, também de grande categoria.

Um excelente conjunto estereofónico composto por um magnífico aparelho Telefunken Hi-Fi stereo com 5 gamas de onda, 7 teclas pré-sintonizáveis em FM e indicador electrónico de frequência, no valor de 19 500$00, é o 2.º prémio oferecido por «Galerias Sol Nascente». Este aparelho não só atinge, como supera largamente as normas DIN. 45.500. O amplificador tem uma potência musical de 2x20 watts. A distorsão está muito abaixo dos 0,5% estabelecidos internacionalmente. Dado o seu filtro de ruídos, este aparelho assegura uma reprodução excelente dos discos, mesmo que estes sejam antigos.

O 3.º prémio é também uma tentação: trata-se de um aparelho condicionador de ar AEG. Verdadeiro aparelho intercontinental, largamente espalhado pelas mais variadas latitudes, possui um arrefecimento e aquecimento, reguláveis por meio de termostato, feito de liga especial que permite o funcionamento automático do aparelho á temperatura ideal préviamente escolhida, circulação permanente de ar com afluência de 10% e extracção da mesma percentagem de ar viciado, dando ao meio ambiente o equilíbrio de conforto sonhado pelas donas de casa, pelos chefes de escritórios, «ateliers» ou estabelecimentos comerciais, para os seus amigos clientes ou empregados.

Concurso LAR IDEAL

COM O PATROCINIO DA AEG-TELEFUNKEN

NOME .....

.....

MORADA .....

ORGANIZAÇÃO DE «GALERIAS SOL NASCENTE»

PROFISSÃO ..... Artigos a prazo em que está interessado/a .....

.....

Desde quando é leitor do «Diário de Lisboa» .....

.....

ora diga-nos...

— Usa fósforos ou isqueiro?

Fósforos ou isqueiro: questão de hábito e economia.

● *O sr. Virgílio Marques Cardigos, pintor da construção civil, afirmou:*

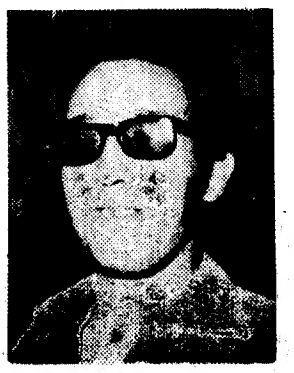
— Nem fósforos nem isqueiro.

— Não fuma?

— Exactamente. Não gasto fumo.

● *Disse-nos o sr. Vítor Marques Carona, electricista e radiotécnico:*

— Uso as duas coisas, mas agora só trago fósforos. O isqueiro está avariado.



● *Por fim, afirmou o sr. Manuel Pereira Guimarães, canalizador:*

— Geralmente gasto fósforos.

— Não tem isqueiro?

— Tenho, mas não uso.

«OS ALFACINHAS» são quatro: o Ismael, o Inácio, o Zé e o Henrique. Escrevem, compõem e interpretam canções de cunho popular. Gravaram agora um disco para a «E. R.» que integra as faixas «Serrana», «Menina de cor trigueira», «Levante o pau» e «Eu parti para Chicago»

Taxonomia botânica

A Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais vai comemorar o centenário do nascimento do prof. Ruy Teles Palhinha e do dr. Afonso Luisier com um Simpósio sobre Taxonomia Botânica que decorrerá de amanhã a 3 de Outubro.

O Simpósio será orientado pelo prof. dr. Abílio Fernandes. Os temas em debate referem-se aos novos caminhos da Taxonomia e ás realizações que, neste domínio, têm sido levadas a efeito em Portugal.

Espera-se que o simpósio sirva ainda de oportunidade para organizar o Directório dos Botânicos Taxonomistas Portugueses, para o que foram distribuídas fichas para preencher por quém se dedica à Taxonomia Botânica.

CAULINO — QUARTZO GRANULADO — MICA FINA
— CAULINORTE —
COMPANHIA NACIONAL DE CAULINOS, LDA.
PRAÇA D. FILIPA DE LENCASTRE, 22-1.
TELEFONE 3 42 24 — PORTO

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais e Tocam: António Besso e Fernando Reis. Consumo mínimo, 60$00 ● Rua dos Toipas, 14 ● Telefone 327256.

TIMPANAS

Mário Pacheco e Edmundo Rosa, viola e guitarra. Emília Reis, João Fernando e Luís Braga, Folclore do Ribatejo Quim Barreiros, acordeonista e o Tinio Odemira ● Cons. mín., 61$50 (taxas incl.). ● Rua Gilberto Reis, 24 ● Telefones: 676655 e 672431.

«A SERENATA»

Cantam: Cidália Moreira, António Rocha e Amélia Proença. Grupo Folclórico: Cantares de Portugal ● Rua Diária de Notícias, 122 ● Telefones 32359 e 324381.

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernanda Pinto, Francisco Martins e Alcinda Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ● Consumo mínimo, 60$00 ● Encerra aos domingos ● Rua Diário de Notícias, 107 ● Telefone 328307.

ADEGA MACHADO

Cantam: Maria Portugal, Tina Ferreira, Ivete Pessôa, Esmeralda Almoedo Fados de Coimbra por Loubet Bravo Tocam: Liberto Conde, Américo Silva e Vítor Ferreira, Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Os Arautos ● Consumo mín., 70$00 Encerra às 2.as-feiras ● Rua do Norte, 91 ● Tels. 30095 e 28718.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado ● Variedades internacionais ● Telefs.: 264521-264526-264596-264621-264946.

TAMILA

Marão e s/ conjunto ● Matinées todos os dias ● Encerra aos domingos ● Avenida Duque de Loulé, 69 ● Telefone 534117.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente ● Rua S. Tomé, 86, A B C (Alfama). LISBOA ● Telef. 861633.

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira ● Aberto até às 5 da madrugada ● Encerra aos domingos ● Rua da Trindade, 9 ● Telefone 327109.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante ● Encerra às 3 horas ● Avenida Marechal Carmona ● Telefone 367136.

MAXIME

Conjuntos: Reacção e Maximiliano ● «Show» turístico Variedades internacionais ● Praça da Alegria, 58 ● Telefone 55366.

HIPOPOTAMO

Conjunto Helder Reis ● Encerra aos domingos ● Av. António Augusto de Aguiar, 5-A ● Telefone 48384

a furna
musica gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r/ ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53446 56949

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Oliver ● Avenida Duque de Loulé, 73 ● Tel. 530171.

BATACLAN
BAR DISCOTECA
Rua Ramalho Ortigão, 39-A
Telef. 560430
BAR: Aberto das 19.00 às 3.30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA
ENCERRADO AOS DOMINGOS

UMA PONTE QUE É SEMPRE NOTÍCIA

Uma pequena local, quase de «fait-divers», traz novamente á actualidade a ponte sobre o Coina, de triste memória, que fazia a ligação ferroviária entre os populosos centros do Barreiro e Seixal. Servia milhares de operários, a preços módicos, na zona mais industrializada do País. Altos imperativos económicos impuseram a sua destruição. O caso arrastou-se mas, um dia, um navio mais... distraído meteu-a a pique. A C. P. prometeu garantir o transporte dos operários, em carrtiras de autocarros, ao mesmo preço. Mas a distância entre os dois centros multiplicou-se, assustadoramente. A C. P. desistiu da benesse. As tarifas (novas) entraram na legalidade de X por quilómetro.

O caso, entretanto, chegara ao foro judicial: a C. P. exige uma indemnização pela destruição da ponte. Agora, um barco panamense derrubou mais um pilar da ponte que já não existe. Os operários — aos milhares — continuam a dar uma volta enorme para marcarem o ponto dentro da hora. Quanto ao pilar agora derrubado, a rotina: as autoridades marítimas tomaram conta da ocorrência...

NEM TUDO SERÁ IGUAL NO NOVO ANO ESCOLAR

A REABERTURA DAS AU FAZ SURGIR PARA AS FA UM MUNDO DE PREOCUP

Vão reabrir as aulas. O Outubro deste ano, porém, será diferente dos anteriores: algo está modificado, representando a primeira fase de uma remodelação do nosso ensino. A abertura das aulas, que não é o mesmo acontecimento para todos os escolares, reveste-se, no próximo ano, de importância ainda mais desigual na vida de uma criança. Aliás, nem todas as aberturas de aulas são parecidas: a primeira entrada num escola nova é infalìvelmente a que provoca mais inquietação. Veja-se esta duplicou com a escolaridade obrigatória de seis anos, pois quer o aluno do ensino liceal, quer o do ensino técnico, são obrigados actualmente a conhecer dois estilos de ensino secundário diferentes, duas escolas novas: do ciclo preparatório para o ensino liceal e do ciclo preparatório para o ensino técnico.

Se o pequeno aluno do ensino secundário for um camponês, será ainda mais impressionante para ele a abertura das aulas se de facto nunca saiu da sua aldeia e vem pela primeira vez á vila ou á cidade para a escola dos «grandes». É, na verdade, um acontecimento único, não só para o pequeno escolar, mas para toda a sua família.

Em todo o mundo é assim, e verifica-se que os estudantes não vivem ao mesmo ritmo em toda a parte. O mesmo sucederá com cerca de 800 mil alunos que entram nas aulas a partir de amanhã, mais de um milhão de crianças do ensino primário a partir de 7 do próximo mês — e finalmente o ensino superior. Se Portugal tem no continente 9 500 000 habitantes, cerca de 15 por cento da população estará na escola até Novembro.

● Pôr o dedo na ferida

Acumulam-se os queixumes e as críticas. A todos os níveis e por todos os lados. Contra a falta de Reforma e contra as Reformas. Contra a improvisação e contra a lentidão. Contra a sobrecarga e contra a selecção. Contra a administração e contra os pais. Contra os alunos e contra os professores.

Invocam-se exemplos nacionais e alheios. E com toda a justiça, pois há muito que aprender (e muitos que não o querem) estudando as experiências que, cá ou lá fora, tenham sido realizadas com proveito, embora por esse mundo fora haja também muita gente que se queixa.

Os sistemas são difirentes, mas as dificuldades essenciais são as mesmas, nomeadamente no que se refere á conciliação entre a qualidade e a quantidade ou a distinção entre o talento nato e o privilégio social. Aos sete anos — e passará a ser aos seis — em Portugal a criança coloca-se no primeiro ou no vigésimo lugar da classe e tem prémios ou não tem.

Desde logo, os que fazem parte do «grupo da frente» sentem-se estimulados (e por vezes até angustiados perante a «performance» a realizar todos os anos). Mas a vontade dos mal classificados enfraquece depressa. Então, onde o lento progresso de todos era talvez possível com outros métodos, a elite afasta-se, isola-se e desenvolve-se, enquanto a «cauda» da classe estagna sem ter tido verdadeiramente uma oportunidade, pelo menos a oportunidade de vencer o atraso tantas vezes devido ao meio familiar.

● Demasiado cedo e demasiado tarde

De novo como todos os anos, antes ou depois do início do ano escolar, até mesmo antes e depois, o problema da orientação escolar ressurge. É, pode dizer-se, ao mesmo tempo demasiado cedo e demasiado tarde.

Demasiado cedo porque as decleções sobre o assunto não poderiam intervir senão no decurso do terceiro período escolar; demasiado tarde porque já não é possível voltar ao que já tinha sido decidido anteriormente — e isto muito antes da organização das «turmas patamares» de orientação.

Quem diz educação diz orientação, porque a rede do ensino é diversificada e a criança deve encontrar nela o seu caminho. A educação nacional tem o dever de proporcionar os necessários fluxos aos termos escolares, mas para limitar os inconvenientes que daí resultam, e deve alargar ao máximo a base de formação. Proporcionar os fluxos ás saídas é ter em conta possibilidades do mercado de trabalho. Fazer com que a escola, entendida em sentido amplo, não forme desempregados.

A orientação é o problema-chave para o futuro do País. Tratar-se-á de conciliar as aptidões e gostos das crianças com as possibilidades de carreiras. Já não é possível admitir caminhos sem sentido.

Torna-se no entanto necessário, como primeira condição duma orientação eficaz, oferecer a todas as crianças as mesmas possibilidades de serem observadas, depois orientadas em todo o conhecimento de causa. Não será necessário lembrar que existe uma «pré-orientação» dependente do meio socioprofissional.

● Escolaridade dos dois primeiros anos do ensino liceal e do ensino técnico

Sem prejuízo da reforma extensa a que o Ministério procederá, a partir do próximo ano escolar, tomaram-se algumas medidas no sentido de beneficiar as condições dos dois graus de ensino.

Pretende-se assim assegurar aos dois ensinos uma formação global equivalente que permita uma mobilidade fácil e natural entre os dois ramos de ensino; manter no ensino técnico escolaridade mínima que não impeça a formação técnica e profissional; introduz-se no ensino liceal os trabalhos manuais (mínimo de quatro hôras semanais); evitar a informação acessória e dispersiva; não hierarquizar as disciplinas em importância; manter a metodologia do Ciclo Preparatório nomeadamente no que respeita ao ensino de línguas estrangeiras; manter sómente uma língua estrangeira no ensino técnico; passar a Educação Física para quatro horas (duas aulas de duas horas) e ainda o meio-dia desportivo por semana (4 horas).

O novo plano do ensino liceal é o seguinte:

	Conjuntos de disciplinas	*1.º Ano Horas*	*2.º Ano Horas*
I	Português	4	4
	História	2	2
	Moral e Religião	1	1
II	Matemática	4	4
	Física e Química	3	3
III	Ciências Naturais (Biologia)	2	2
	Geografia	2	2
IV	Desenho	2	2
	Trabalhos Manuais (Lavores)	1	1
V	Francês	2	2
	Inglês	4	4
VI	Educação Física	4	4
	Canto Coral	1	1
	Total	32	32

Nas secções masculinas não há contrapartida, sendo a escolaridade de 31 horas. Para ajustar a aprendizagem dos alunos da 6.ª classe (Francês) são criadas aulas de recuperação no ensino liceal a exemplo do Ciclo Preparatório.

Ensino técnico, o novo plano do curso geral do comércio

	Conjuntos de disciplinas	*1.º Ano*	*2.º Ano*
I	Português	4	4
	História	—	2
	Moral e Religião	1	1
II	Matemática	4	4 (a)
	Ciências Físico-Naturais	3	3
III	Geografia	2	2
IV	Noções Gerais de Comércio e de Direito Comercial	3	2
V	Contabilidade	—	4
	Caligrafia	3	—
	Noções de Higiene	—	1
	Desenho Geral	2	2
VI	Francês	3	2
	Inglês	4	4
VII	Educação Física	(4) 2	(4) 2
	Total	31	33

(a) No 2.º ano, a disciplina de Matemática deverá ser orientada totalmente no sentido da aplicação ao Cálculo Comercial.

● Terminou a guerra dos livros

Com a decisão ministerial de mandar afixar até 31 de Julho a relação dos livros aprovados, com a obrigação dos estabelecimentos de ensino comunicarem aos respectivos serviços e editores os títulos sancionados, terminou a chamada guerra dos livros: as bichas a partir de 15 de Setembro, o escândalo dalguns conselhos escolares reunirem amanhã para aprovação dos livros, etc. Determinou-se que

Noventa bolsas de estudo (no montante de 300 contos) concedidas pela Fundação Rotária

COIMBRA, 30 — Na sua sede, nesta cidade, reuniu-se o conselho de administração da Fundação Rotária Portuguesa para apreciar, como todos os anos, os resultados escolares dos seus bolseiros. Esses resultados atingiram, no ultimo ano lectivo, 86 por cento de aprovações e serviram agora de base para a atribuição das bolsas de estudo para o próximo ano lectivo.

Trata-se de uma obra dos rotários portugueses, destinada a conceder apoio a jovens de modestas condições económicas, mas em organização completamente diferente do habitual. E considerando que esses jovens não podem beneficiar de outros auxílios, compreende-se, naturalmente, o grande esforço que tem sido necessário fazer para arcar com os encargos resultantes de tão meritória finalidade.

Apreciados, pois, com o maior cuidado, todos os processos dos requerentes, foi possível distribuir para o próximo ano lectivo noventa bolsas de estudo, as quais atingem o montante de 300 contos, o que é notório, mas bem longe, infelizmente, de tornar possível a satisfação de todos os pedidos. A Fundação Rotária Portuguesa foi criada em 1959, por exclusiva iniciativa dos sócios dos clubes que constituem o Distrito Rotário 176 (Portugal Continental e Madeira) vivendo da sua contribuição voluntária.

No decorrer da reunião, foram, ainda, atribuídos os prémios «Casal Melich» e «Santos Pardal», destinados aos bolseiros mais classificados, homenageando, assim, a memória daqueles rotários.

Como é tradicional, decorrerá oportunamente a sessão festiva para entrega dos prémios aos rotários e galardoados.

minha lã meu amor

Sá de Miranda
JARDIM INFANTIL ★ ENSINO PRIMÁRIO
CICLO PREPARATÓRIO ★ LICEUS
DIURNO - NOCTURNO
Rua Alexandre Braga, 17 (à Estefânia)
Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

minha lã meu amor

ULAS AMÍLIAS PAÇÕES

um livro quando aprovado será pelo período de dois anos.

Segundo o prof. Veiga Simão declarou no ano transacto «neste ano o que se passou com os livros escolares foi uma vergonha nacional». Subsiste no entanto o regime de livro unico, instituído em Portugal pelo dec.-lei 37 985 (27-9-950) para o ensino liceal e pelo dec. 40 243 (6-7-955) para o ensino técnico.

Os livros unicos são administrados por uma comissão administrativa cujo presidente (director-geral), assim como os três vogais, auferem mensalmente uma remuneração. No Ciclo Preparatório os livros são aprovados oficialmente, mas não são unicos, isto é, podem-se editar mais do que um em cada disciplina (dec. 48 572, de 9-9-968) e também sómente neste ensino os inspectores não podem ser autores de livros. Este ano, no entanto, por ter sido concedida apenas uma aprovação oficial, criou-se a situação de livro unico para a disciplina de Francês e para o compêndio de Gramática. Há no entanto para escolher 4 livros de Português, 4 de História e Geografia, 7 de Ciências, 2 de Matemática e 4 de Educação Musical.

Actualmente sómente em Portugal se adopta o sistema de livro unico (D. de Lisboa, de 3-10-961). O nosso jornal tem publicado a relação dos livros aprovados nos três graus do ensino secundário (Diário 18 de Setembro).

● Novidades em Medicina Escolar

A equipa do Centro de Saúde Escolar de Lisboa, dirigida pela dr.ª Maria Adelaide Pinto Correia, anunciou que projecta estruturar 1 ou 2 equipas de Saude Escolar para os alunos do Ciclo Preparatório (a exemplo do «nucleo piloto» criado em 1970-71, para a 1.ª classe do ensino primário, em Lisboa).

Para esse efeito manterá o esforço para a formação do pessoal de Saude Escolar, nomeadamente quanto á integração profissional das visitadoras; colaborará com o recém-criada Secção de Saude Escolar da Sociedade de Ciências Médicas para a preparação de cursos para médicos escolares; distribuição periódica dum Boletim Informativo do Centro a todo o pessoal de Saude Escolar e incentivará a participação dos médicos escolares nas reuniões internacionais.

Enquanto estes programas não entram em plena execução, estão á disposição dos alunos do ensino oficial de Lisboa (mediante preços reduzidos) os seguintes departamentos: laboratório, cardiologia, estomatologia e ortodôncia e audiometria. As consultas marcam-se pelo telefone 76 30 29, das 0 ás 12.30 e das 14 ás 17.30 horas.

A consulta da pneumotisiologia, enquanto não funcionar no Centro o Dispensário do IANT (prevista a curto prazo), processa-se nos moldes habituais, as consultas de Oftalmologia e Otorrino entrarão em breve em funcionamento, o RX começa a funcionar quando estiver montada a instalação eléctrica (talvez em Novembro).

● A mola real: os professores

No presente ano foram tomadas medidas realistas sobre a situação dos professores eventuais e provisórios, causa de que o nosso jornal foi o primeiro a defender, e que muito decisivamente contribuirá para a normalização dos serviços escolares.

Assim foi autorizada a recondução total dos professores com a classificação de Bom, o pagamento de férias aos professores com dois anos consecutivos de serviço (não tendo as pedagógicas) ou com um ano (tendo as pedagógicas). Está ainda por esclarecer a situação dos professores de de Moral e Religião (Ciclo), Religião e Moral (liceu e técni-

(Continua na página seguinte)

Dia	1.º Período			2.º Período			3.º Período		
	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Março	Abril	Maio	Junho
1		F	F						F
2									
3	D								
4									D
5	F		D			D			
6					D				
7		D						D	
8			F						
9				D			D		
10	D								F
11									D
12			D			D			
13									F
14		D						D	
15									
16				D			D		
17	D								
18									
19						D			
20					D				
21		D						D	
22									
23				D			D		
24	D								
25									
26									
27					D				
28		D						D	
29									
30				D	—		D		
31	D	—			—		—		

CAPITAIS ALEMÃES PARA UMA NOVA FÁBRICA DE VIDRO

LEIRIA, 30 — O concelho de Leiria vai beneficiar da instalação de uma grande unidade industrial. Trata-se da construção e montagem de uma fábrica de vidros, ao nível europeu, que deverá colocar algumas centenas de empregados, por iniciativa de capitais alemães, e que se dedicará, sobretudo, ao fabrico de cristais.

O primeiro passo para a concretização do grande empreendimento acaba de ser dado com a assinatura do compromisso da venda dos terrenos a ocupar pela unidade fabril, na vizinha povoação de Pousos, no sítio de «Charneca do Bailadouro». Assistiram ao acto o presidente da Camara Municipal de Leiria, sr. Bernardo de Jesus Pimenta, tendo assinado, pelos outorgantes, o sr. António de Sousa Bento, presidente da Junta de Freguesia de Pousos, proprietária do terreno, e pela «Ingrid Fábrica de Vidros» os srs. Wokan, Brandt e H. Belda, director e subdirectores, respectivamente, dequela organização.

A construção começará em breve. Além do espaço destinado ao corpo da fábrica, ficarão reservados lotes de terreno onde serão instalados também vários empreendimentos de carácter social.

FESTAS DE MOURA

MOURA, 30. — De 2 a 5 de Outubro realizam-se aqui as tradicionais festas da vila, que ali fazem deslocar milhares de forasteiros de todo o País e estrangeiro, nomeadamente da vizinha Espanha, para o que os postos fronteiriços de Ficalho e S. Leonardo serão franqueados.

Os festejos incluem, no primeiro dia, uma largada de touros, concerto pelas duas bandas locais e exibição de grupos corais. Cerca das 24 horas haverá uma churrascada popular, seguida de um programa de variedades com a colaboração de conhecidos artistas da Rádio e T. V.

No dia 3, realizar-se-á um festival taurino, em que tomam parte os cavaleiros José Mestre Baptista, Luís Miguel da Veiga e o matador Ricardo Chibanga. Nas pegas actuarão os forcados amadores de Montemor-o-Novo.

INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS MILITARES

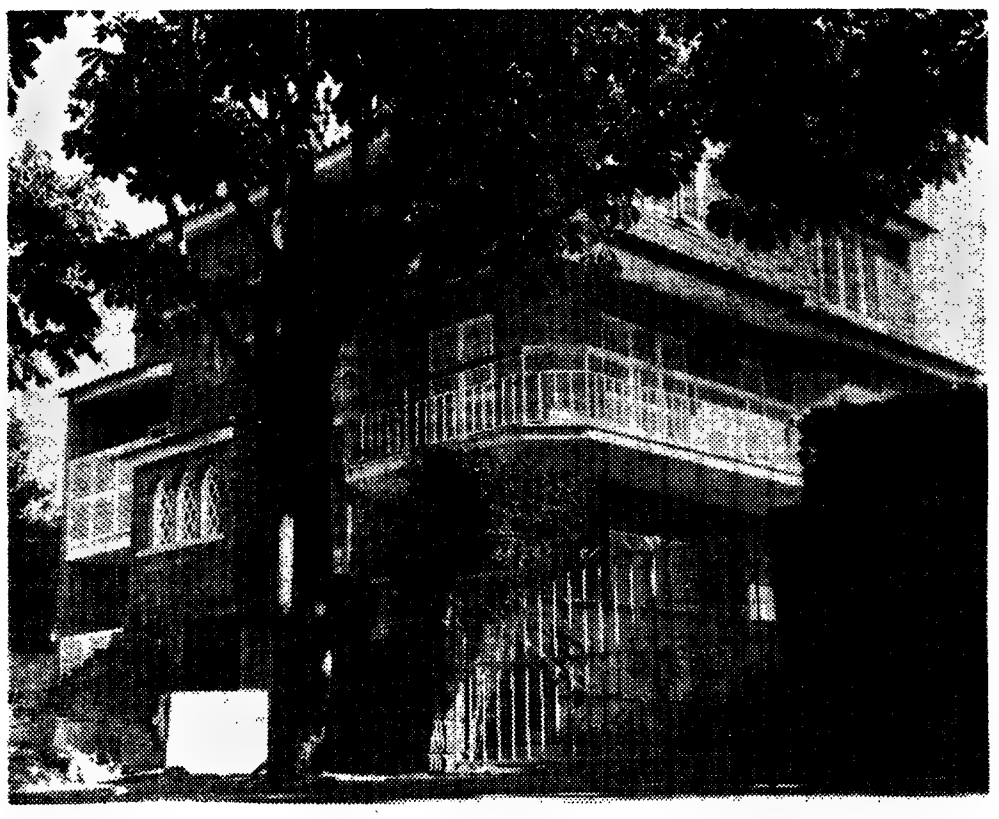
Decorrerá [illegible] 18 de Outubro, ás 11 [illegible] 35, a sessão solene de abertura do novo ano lectivo no Instituto de Altos Estudos Militares. Presidirá o Chefe do Estado.

A C. P. INFORMA:

MELHORIA DE SERVIÇO NA LINHA DO VOUGA

A partir de 1 de Outubro próximo, efectuam-se dois novos comboios na linha do Vouga, de Sernada do Vouga a Viseu e volta, a fim de servir a população escolar do Concelho de Oliveira de Frades. Os horários serão publicados brevemente.

PRÉDIO ou ANDARES DE LUXO



Na Rua Sacadura Cabral, n.º 8, junto ao Jardim da Parada, em CASCAIS,

VENDE-SE POR ANDARES. ou no TOTAL, c/ 4 assoal.

CONSTRUÇÕES «LAPINHA»

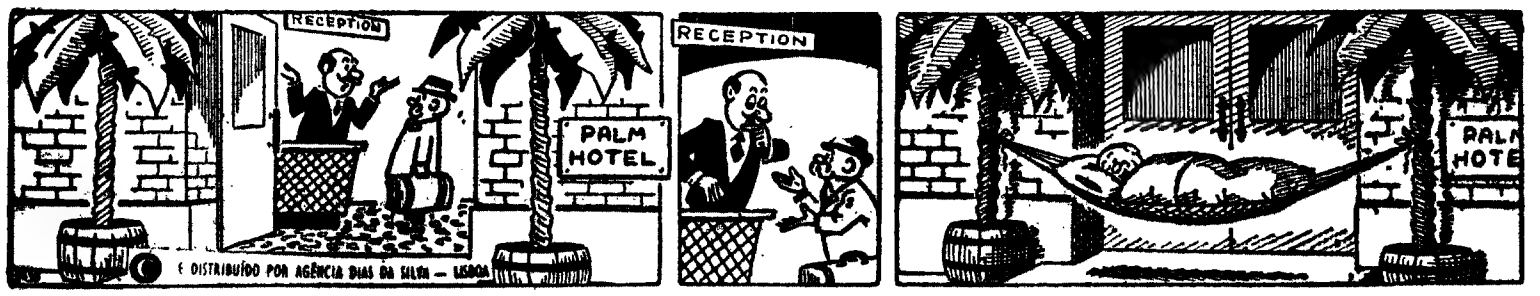
R. Iracy Doyle, 4-1. -Esq. — CASCAIS

Tels. 283152 e 284026

OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Setembro de 1941 publicava:

«Começa amanhã a vigorar em Lisboa a disposição que proíbe cuspir na via pública, sob pena de multa, conforme se anunciou em devido tempo.

«Sabemos que á Secção de Propaganda e Turismo da Câmara Municipal têm chegado de algumas terras da província, com palavras de louvor pela campanha felizmente iniciada contra o pernicioso hábito de cuspir, o pedido dos pequenos cartazes profusamente afixados na cidade. O facto merece registar-se porque vem demonstrar que os benéficos efeitos da campanha agora desenvolvida se não limitam a Lisboa e que vai por esse país um vivo desejo de aperfeiçoamento e de progresso que muito convém aproveitar.»

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

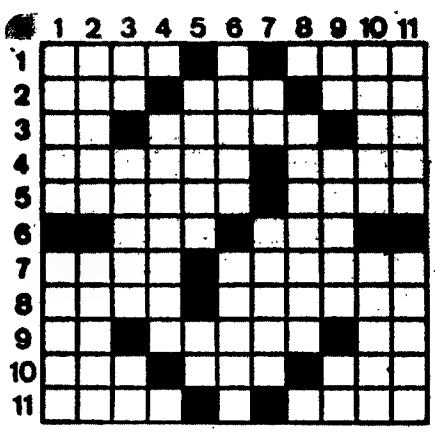
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 6030

HORIZONTAIS: 1 — Pronome relativo. Em mais alto grau. 2 — Larva das feridas dos animais. Saudável. Rio de Portugal. 3 — Érbio (s. q.). Folha de videira. Pronome reflexo. 4 — Lufada. Remar para trás. 5 — Olvidar. Rã (pop.). 6 — Mãe de Rómulo e Remo. Naquele lugar. 7 — Remédio. Coroa. 8 — Mãe de Ismael. Guarneces de arames. 9 — Nota musical. Queimas. Letra grega. 10 — Lavra. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o singnificado de Ah! Oh! Porceiro. 11 — Além disso. O mesmo que duração.

VERTICAIS: 1 — Tenciono. Reprimem. 2 — Dão urros. Igualara (Prov.). 3 — Palavra latina pela qual começam documentos pontifícios de interesse para Portugal. Definha. Nesse lugar. 4 — Reprovara batendo com os pés no chão. 5 — Saudável. Rádio (s. q.). 6 — Estacar. Soldado de uma milícia persa encarregado de proteger os viajantes. 7 — Sufixo que designa estado. Que é do ar. 8 — Tranquilizas. 9 — Preposição latina que designa movimento. Seguiriam. Plutónio (s. q.). 10 — Enchei (Inv.° Colmar. 11 — Costumará. Empunhara.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6029

HORIZONTAIS: 1 — Repassarias. 2 — Alas. QUEM. 3 — Sarar. És. Pl. 4 — Marés. NÃO. 5 — Sinal. Ari. 6 — Ea. Aarão Ao. 7 — CRÉ. Lápis. 8 — Aru Maruá. 9 — Me Na. Samba. 10 — Mais Riam. 11 — Remodelaria.

VERTICAIS: 1 — Ras Recamar. 2 — Elam. Arre. 3 — Paras. Eu. MM. 4 — Asania NÃO. 5 — Renal. Dia. 6 — Qs. Saram. Se. 7 — Aue Lapas. 8 — Res. Oirara. 9 — Im. Na. Sumir. 10 — Pará. Abai. 11 — Salolas AMA

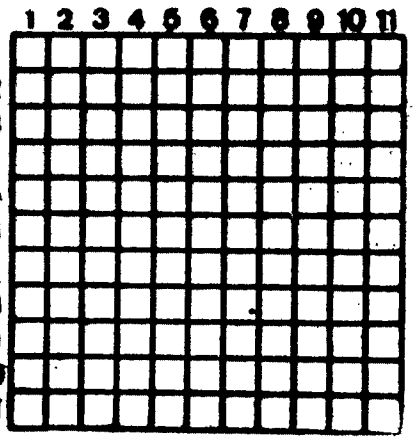
Provérbio: QUEM NÃO CRÉ NÃO AMA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9873

HORIZONTAIS: 1 — Antiga cidade da Macedónia. 2 — Descascaram. 3 — Quarto. Ruim. Laço. Pronome pessoal. 4 — Termo. Vazio. Camareira. 5 — Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Peso, que, na Grécia e no Oriente, serve para pesar pérolas e pdras praiosas. 6 — Colejara. 7 — Peixe do Algarve. Palavra latina que significa o mesmo. 8 — Vende a crédito. Heroína francesa que foi queimada viva. Naquele lugar. 9 — O mesmo que uma (ant e pop.). Prefixo de privação. Segundo. Viração. 10 — Guarnecido de arames. 11 — Frisaremos.

VERTICAIS: 1 — Espada chinesa, curta e muito afiada. O soprar da serpente (Prov.). 2 — Caminhei para cá. Irmã da mãe. 3 — Postscriptum (Inv.°). Pescador da Índia Portuguesa (ant.). Preposição latina que designa movimento. 4 — Anuência. Álcool de melaço. Sapo do Amazonas. 5 — Grande cão de fila. Anual. 6 — Nota musical. Pesquisar. Ruim. 7 — Atavio. Remar para trás. 8 — Recusa. Apelido. Seguí. 9 — Prefixo de negação. Pequeno porto da Península Grande ribeira da Ásia Russa. 10 — Irmã da mãe. Rei de Israel de 919 a 918 (A. C.) 11 — Mar. Observas



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9872

HORIZONTAIS: 1 — Apregoarias. 2 — Brame. Carro. 3 — Ralar. Alica. 4 — Itoca. Rasar. 5 — Rã. Aliar. Dá. 6 — Sa. Pá. 7 — Carrado. 8 — AT. Clara. Ce. 9 — Pesos. Atuar. 10 — Alia Arma. 11 — Sarrafarias.

VERTICAIS: 1 — Abrir. Lapos. 2 — Pratas Tela. 3 — Rala. AC. Sir. 4 — Emaça. Ecoar. 5 — Geral. Ris. 6 — Irra. If. 7 — Acara. Ara. 8 — Ralar. Datar. 9 — Iris. Pó. Uri. 10 — Arcada. Coma. 11 — Soara. Peras.

A REABERTURA DAS AULAS

(Continuação da pág. anterior)

co), de higiene e as mestras de economia do ensino técnico quanto ao direito de receberem nas férias.

Tomaram-se ainda disposições para os candidatos a professores poderem frequentar os estágios nas próprias escolas (no ciclo preparatório apareceram cerca de 1500 candidatos, antigo e novo regime de estágio, no ensino técnico e liceu mais de 300 em cada um) e criaram-se para o próximo ano escolar bolsas de estudo para os professores eventuais, sem habilitações completas, poderem concluí-las.

É necessário esclarecer que em Lisboa, Porto e Coimbra, não há falta de professores provisórios com habilitações completas, sómente nas outras terras se verificam problemas graves de recrutamento docente. Em Lisboa e Porto ficam sempre numerosos licenciados, por colocar, pelo facto de não quererem exercer o magistério na província. Um exemplo: no ano transacto, em Lisboa, á parte os professores de Educação Física (de que temos grave carência e cuja situação se agravou extraordinàriamente este ano com o aumento de horas semanais) no Ciclo Preparatório foram colocados 761 diplomados (bacharéis, licenciandos e licenciados) dos quais sómente sete (e destes a quatro sómente lhes faltava uma cadeira) não possuíam habilitação completa.

● Suspensas as actividades circum-escolares

Algumas nuvens negras pairam sobre a normalização das actividades do próximo ano escolar sendo as principais as seguintes: — práticamente suspensas as actividades escolares. Isto é, todo o movimento social e cultural extra-aulas. Foi criado recentemene o IASE que chamou a si os problemas de assistência social (livros, bolsas de estudo, seguros?; comparticipações, etc.) e que não terá quaisquer possibilidade de assegurar, até amanhã, qualquer tio de assistência. oPr outro lado as secções de papelaria, bufete e refeitório (há crianças cuja actividade escolar depende das refeições concedidas pelas escolas, exemplo, em 70-71: 148 na Escola Preparatória Marquesa de Alorna; 112 na Escola Francisco Arruda; 92 na Escola Pedro Santarém, etc.) aguardam a nomeação dos respectivos responsáveis. As inscrições para frequência de nucleos de teatro (fantoches, marionetas, etc.), aeromodelismo, judo, etc., estão por concretizar, não se podendo indicar ás famílias (que apoiam fortemente todas as actividades que permitam reter as crianças na escola) os tempos de entrada e saída, a não ser os relativos ás próprias aulas;

— a criação do novo regime de estágios (realizados na própria escola) obrigou a alterar os horários e a demorar a colocação dos professores provisórios, o que pela primeira vez este ano estava em excelente andamento;

— o amadorismo que subsiste quanto aos conhecimentos da organização escolar: deixar para 1 de Outubro que os professores indiquem aos alunos os equipamentos a adquirir (de Ed. Física, empréstimo de livros, etc.); a entrega de fotografias para as cadernetas dos professores (o que se solicitará nas próprias aulas, quando se poderia efectuar na altura das matrículas); a organização das cadernetas pelos próprios professores a partir de 1 de Outubro (como se controla quem as realizará ou não?); a velha crença dos sindicatos, associações, departamentos sociais da G. N. R. e outros, de que as aulas só começam a 7 de Outubro (início para o ensino primário) e portanto não há pressas em fornecer livros aos seus beneficiados; a necessidade e a aplicação que as famílias têm de conseguir as certidões, para efeitos de obterem o Abono de Família, entre 1 a 8 de Outubro, o que se poderia ter efectuado durante a matrícula (há escolas que têm 2500 certidões para passar!), etc., etc. e todo um sistema de improvisação que já há muito nada tem que ver com as actuais concepções de organização escolar, e isto sem falar no conceito audiovisual já ultrapassado, pois encontra-se englobado no conceito do emprego combinado das técnicas, e da chamada nova revolução do ensino, a tecnologia da educação, que pretende satisfazer as necessidades do aluno á volta do qual o sistema é orientado e organizado. Está aí a nova filosofia da educação, quiçá estranha a muitos professores. Trata-se menos de inculcar conhecimentos numa perspectiva mais ou menos mecanizada, que ensinar o aluno a aprender, a dar-lhe o gosto de aprender, a guiá-lo na sua busca de conhecimento. Quem o fará?

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

Eleições na Ordem dos Advogados

(Continuação da 1.ª página)

como fazendo parte do Conselho Geral os drs. Guilherme da Palma Carlos, João Paulo Cancella de Abreu e Vasco da Gama Fernandes (Leiria) e do Conselho Superior os drs. Fernando Maia de Carvalho (Coimbra), José Manuel da Silva Ramos e Luís Queirós de Barros. Os drs. António Macedo e Carlos Cal Brandão (Porto) e António Carlos Lima também são comuns, só que em uma aparecem no Conselho Geral e na outra no Superior.

Assim, as unicas diferenças de nomes são: os advogados que propõem o dr. Abranches-Ferrão sugerem para o Conselho Geral, além dos indicados, os colegas drs. Francisco Salgado Zenha e Jaime do Rego Afreixo, e para o Conselho Superior o dr. João António Lopes Cardoso (Porto); os advogados que propõem o dr. Almeida Ribeiro sugerem respectivamente, por sua vez, os drs. Rui de Sousa (Conselho Geral) e António Vitorino de Almeida e Sebastião Dantas Baracho (Conselho Superior).

O aparecimento destes dois candidatos ao bastonato, segundo opinião corrente, não revela quaisquer divergências de fundo quanto á Ordem e seu papel, mas apenas, ou sobretudo, um desejo generalizado de uma sua maior dinamização. E é sem duvida um elemento novo na prestigiosa instituição de classe, ao qual outro se deve desde já acrescentar: ao que parece pela primeira vez, surge (já foi distribuído por todos os advogados) um programa de candidato a bastonário, apresentado pelo dr. Abranches-Ferrão.

Deste programa constam, muito em resumo, os seguintes pontos:

a) melhoria da situação dos pós-licenciados, com enquadramento em escritório de advogados que garantam efectivo exercício profissional; constituição de conselhos de jovens advogados, etc.;

b) dinamização da Conferência do Estágio, visando a integração do estagiário na classe, conferindo-lhe poder de iniciativa e proporcionando meios de efectivo convívio entre eles e com os advogados;

c) planificação do trabalho do Instituto da Conferência, dando-lhe «maiores possibilidades de intervir na melhoria da legislação através dos seus estudos e debates»;

d) remodelação da «*Revista*» da Ordem — criação paralela de um «*Boletim*», quinzenal ou mensal, de carácter mais informativo;

e) estudo dos meios legais e práticos de instituir «*sociedades de advogados*» que permitam um exercício especializado da profissão;

f) esforço para se conseguir melhorias no aspecto da Previdência, nomeadamente a fixação dos 65 anos para a reforma, empréstimos para construção de habitações e alargamento do seu ambito ás famílias dos falecidos;

g) organização de um Congresso de Advogados e preparação de um Congresso Jurídico, a realizar posteriormente áquele, e no qual também participem magistrados, economistas e historiadores;

h) intensificação das relações internacionais da Ordem;

i) defesa de uma renovação dos quadros da Ordem do bastonário e dos Conselhos.

O dr. F Abranches-Ferrão, aliás, compromete-se, se for eleito «a não se candidatar, nem aceitar ser candidato ao próximo triénio».

O trabalho desenvolvido pelos candidatos

A candidatura do dr. A. Almeida Ribeiro insere-se dentro de propósitos de renovação semelhantes, pois nele se diz sentir-se «a necessidade imperiosa de renovação dos quadros, sem esquecer a necessidade de se manter, fortalecendo-a, a política da Ordem, de intransigente defesa dos direitos e imunidades dos advogados e de interessar activamente toda a classe na vida da corporação, tornando mais vivos e efectivos os laços entre os advogados e a sua Ordem».

Acentue-se, por ultimo, que desde há anos o dr. F. Abranches-Ferrão vem desenvolvendo intensa e meritória actividade dentro da instituição, nomeadamente como vice-presidente do Conselho Geral, organizador da «*Revista da Ordem*» e director da biblioteca, de que foi o grande impulsionador — e á qual, por isso, foi dado o seu nome. Além disso, foi também o fundador e é director do «*Jornal do Foro*», que sempre tem pugnado pelos advogados e pelo primado do Direito.

Por sua vez, também o dr. A. Almeida Ribeiro tem já desenvolvido util trabalho na Ordem, nomeadamente como elemento do Conselho Distrital de Lisboa e do Instituto da Conferência, onde lhe mereceram particular estudo e relevante atenção os problemas relacionados com o exercício profissional e sua deontologia e os direitos e deveres dos advogados.

A forma de eleição

Como se disse, é ainda possível que seja apresentada a candidatura do dr. Pedro Pitta, que em bastonatos anteriores desenvolveu notável actividade em diversos aspectos — mas que já ocupa o cargo há 15 anos, quando entre os anteriores bastonários apenas um (o prof. A. Palma Carlos) foi reeleito, e uma só vez. Por outro lado, além de poderem aparecer outros candidatos, o que não se prevê, não é de excluir a hipótese de, mais tarde, se vir eventualmente a verificar um acordo para a apresentação de um unico candidato.

Assinale-se, por ultimo, que a eleição não é por sufrágio directo de todos os advogados, mas sim em assembleia geral, na qual só participam os delegados (eleitos). Este sistema, segundo alguns advogados (sobretudo dos mais novos, que o desejariam ver modificado), pode fazer com que a expressão da vontade da classe, assim manifestada, não coincida exactamente com a da maioria dos seus membros.

Também entre os advogados mais jovens — entre os quais são particularmente vivos os desejos de renovação e dinamização da Ordem — existe uma manifesta discordancia quanto a algumas normas que, por força do Estatuto Judiciário, a regem. Está neste caso a necessidade de se ter pelo menos dez anos de inscrição como advogado para se poder ser eleito para qualquer Conselho da Ordem.

EMPOSSADO O GRÉMIO NACIONAL DAS CASAS DE SAÚDE

Esta tarde, no gabinete do secretário de Estado do Trabalho e Previdência, foi empossada a Comissão Directiva do Grémio Nacional das Casas de Saude, constituída pelos srs. drs. José Augusto Brandão (presidente); Augusto da Assunção Fernandes Martins (secretário); Francisco Eusébio Filipe (adjunto da Comissão); Jose António da Costa Morais (tesoureiro); e prof. Castro Caldas, brigadeiro Sales Grade, e drs. Parada Leitão, Silva Portal, Soares Cabeçadas e Rodrigues Mendes (vogais).

Depois de se referir á importância do acto, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência salientou:

«Este facto tira razão inequívocamente aos que pretendem encarar o sistema corporativo português como realidade histórica ultrapassada, mantida em vigor por razões políticas. Antes haverá de considerar estamos a viver, como o sr. ministro das Corporações recentemente salientou, uma nova fase desse mesmo sistema, caracterizada pela crescente vitalidade dos organismos profissionais, sejam eles representativos de entidades patronais ou de trabalhadores.»

E mais adiante:

«... não poderemos ignorar que as instituições de seguro social tenderão, no enquadramento de uma política hospitalar, a aproveitar mais racionalmente a existência de estabelecimentos particulares de saude com vista a diminuir, como é mister o numero de esperas para internamento de beneficiários.»

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. Alberto Ramires dos Reis

Após missa celebrada na igreja das Mercês, efectua-se amanhã para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João o funeral do dr. Alberto Ramires dos Reis, editor do «Diário de Notícias».

O extinto nasceu em Lisboa em 12 de Fevereiro de 1892, formou-se em Direito, em Coimbra, com altas classificações e exerceu a advocacia durante alguns anos, até que ingressou no «Diário de Notícias» como chefe do Contencioso, tendo exercido também as funções de secretário-geral.

Era casado com a sr.ª D. Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis, pai dos srs. eng. Eduardo Alberto Henriques dos Reis e do professor Luís Alberto Henriques dos Reis, e avô das sr.as D. Maria da Paz Reis Geraldes, casada com o sr. Francisco Guedes Geraldes, D. Maria Teresa Reis de Brito, casada com o sr. dr. Manuel Carlos de Brito, D. Margarida Maria Reis d'Orey, casada com o sr. Francisco d'Orey, D. Maria Isabel Craveiro Lopes dos Reis e do eng.º Eduardo Craveiro Lopes dos Reis e Luís Craveiro Lopes dos Reis, irmão do eng.º Gabriel Ramires dos Reis, actual administrador-delegado do «Jornal do Comércio» e antigo administrador da Empresa Nacional de Publicidade, e tio do eng.º Artur Macieira dos Reis, presidente do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Publicidade.

Ao nosso prezado camarada «Diário de Notícias» apresentamos condolências.

Manuel António Pereira Pires

Faleceu no banco do Hospital de São José o sr. Manuel António Pereira Pires, empregado de escritório, antigo mineiro, natural de Idanha-a-Nova, que se encontrava há cerca de oito anos internado no Hospital Miguel Bombarda, onde criara amizades. Pela sua inteligência e carácter e convicções democráticas, possuia muitas amizades, tendo sido companheiro de personalidades como Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol e outros intelectuais e artistas.

Colónia Balnear Infantil de «O Século»

O ministro das Corporações visitou, ao princípio da tarde, acompanhado da esposa e do filho, a Colónia Balnear Infantil de «O Século».

Encontravam-se presentes o dr. Guilherme Pereira da Rosa, director daquele matutino; sua esposa, sr.ª D. Maria Tereza Bardalo Pinheiro Pereira da Rosa; D. Aida Dias Costa e dr. Oscar Guerreiro, administrador e director da Colónia; e dr.ª Maria Emília Ramos Proença.

Após a visita, seguiu-se um almoço íntimo.

Última noite da Feira Popular

Encerra-se hoje a Feira Popular de, durante quatro meses, levou ao recinto de Entrecampos milhares de pessoas e foi um dos principais pontos de distracção para o lisboeta.

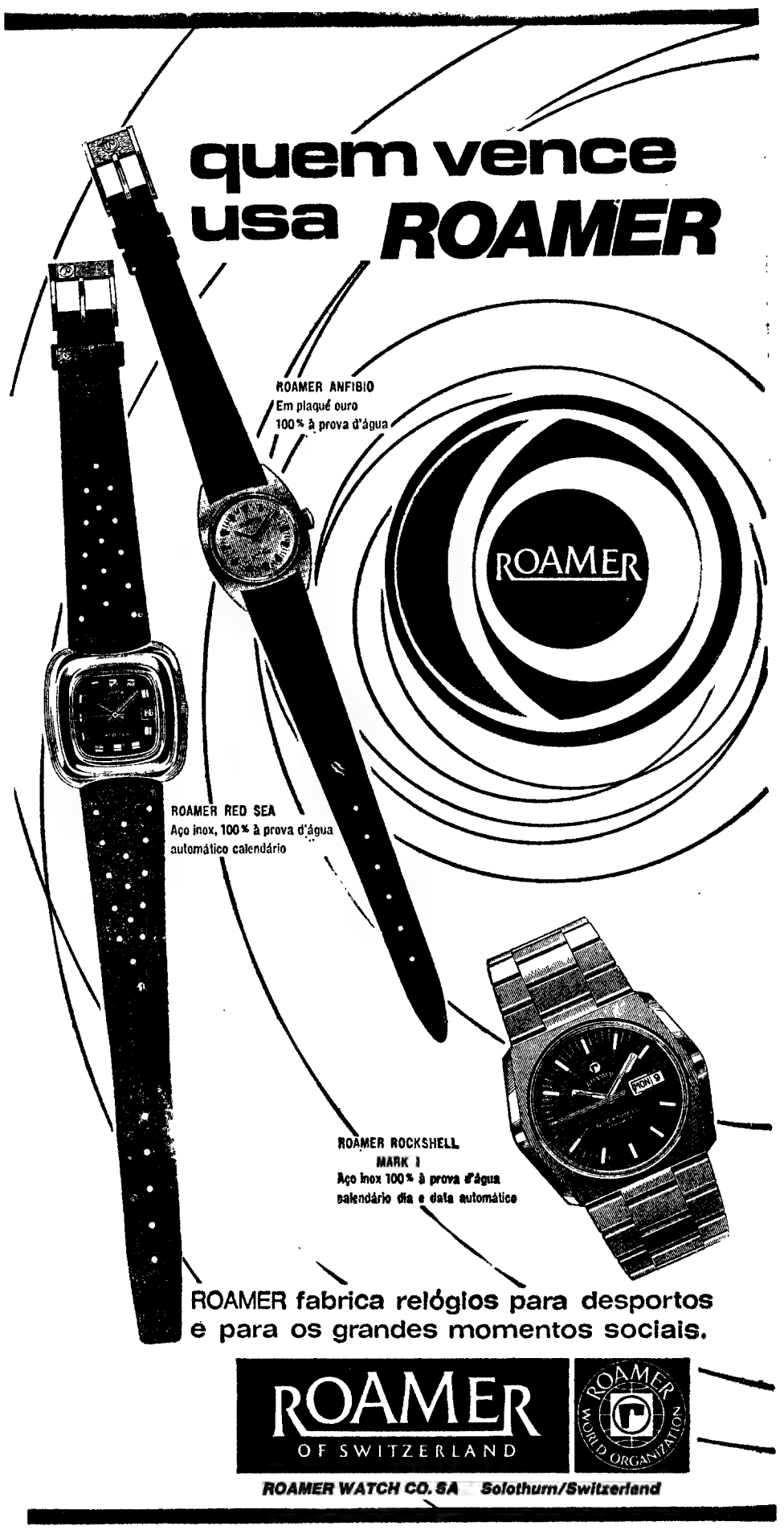
Organizada pelo nosso prezado colega «O Século», a favor da sua Colónia Balnear Infantil, a Feira Popular despede-se esta noite dos seus fiéis frequentadores, com a promessa de continuar no próximo ano, talvez ainda em Entrecampos, ou talvez já noutro local.

Se for a França...

TEM DE VACINAR-SE CONTRA A CÓLERA

Da Embaixada da França em Portugal recebemos o seguinte comunicado:

«Em conformidade com as prescrições da Organização Mundial de Saude, os viajantes oriundos de Portugal devem obrigatóriamente apresentar nas fronteiras francesas um atestado de vacinação anti-colérica em curso de validade».



CAIU NA MONGÓLIA UM AVIÃO CHINÊS

MOSCOVO, 30 — (F. P.) — Um avião a reacção chinês violou durante a noite de 13 deste mês a fronteira mongol e depois de ter sobrevoado uma parte do território mongo., despenhou-se com nove homens a bordo — indicou hoje a agência Tass, citando um comunicado da agência noticiosa mongol.

Futebol trágico: cinco mortos

ASSUNÇÃO, 30 — (F. P.) — Um desafio de futebol teve sérias consequências na pequena localidade de Borja, a 250 quilómetros a sul de Assunção. Duas famílias, que não estavam de acordo sobre o resultado do prélio chegaram a vias de facto e aos revólveres. Resultado, cinco mortos e um ferido.

O «terceiro mundo» exige participação no restabelecimento da ordem monetária

WASHINGTON, 30 — Os vinte membros latino-americanos do Fundo Monetário Internacional criticaram, ontem, severamente, o papel dos países industrializados na actual crise económica mundial e exigiram uma participação directa no restabelecimento da ordem monetária e comercial.

«Os nossos países não aceitam as decisões tomadas num «forum» a que não têm acesso» — afirmou, perante a vigésima sexta assembleia anual do F M. I., Rodrigo Llorente, ministro colombiano das Finanças.

«Os nossos países», prosseguiu Llorente, «consideram indispensável a sua presença efectiva nas instâncias onde se discutem e aprovam as decisões que dizem respeito á comunidade monetária internacional.»

Por seu lado, os quarenta e dois países africanos reuniram-se. ontem, e redigiram um comunicado comum, em que manifestam a opinião de que os países em vias de desenvolvimento são «vítimas inocentes de arranjos em que não tomaram parte e de que não podem ver-se livres fácilmente».

O delegado indiano e o ministro indonésio afirmaram a mesma coisa; nos discursos que proferiram perante a assembleia geral.

Os países pobres manifestam-se, assim, unânimemente contra a política monetária dos países ricos e opõem-se á forma como estes pretendem solucionar a crise. Na maneira de ver de todas essas nações do «terceiro mundo», notam os observadores, a solução do problema deve ser procurada no seio do Organismo criado, precisamente, para isso — o Fundo Monetário Internacional, onde o «terceiro mundo» está representado.

Opel Kadett

Special

McCann

63.176$00

Registo de transmissão de propriedade e chapa de matrícula não incluídos

- SPECIAL, na sua concepção exclusivamente para Portugal.
- SPECIAL, a alavanca de velocidades, tipo desportivo, está montada na consola.
- SPECIAL, os novos estofos em vinil desenhados para um viajar cómodo e sem fadiga.
- SPECIAL, a sua grelha negra para uma aparência mais individualizada.
- SPECIAL, as novas jantes de 13 polegadas e pneus 155 x 13, para maior aderência.
- SPECIAL, o tensor de segurança e barra estabilizadora no eixo traseiro.
- SPECIAL, o moderno programa de 7 cores.

um bom investimento na compra e na revenda.

OPEL GM

Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em todo o país

Opel. Sempre mais carro pelo seu dinheiro.

Morte de um português no Aeroporto do Galeão

RIO DE JANEIRO, 30 — (A. N I.) — Um passageiro do avião da TAP, procedente de Lisboa, morreu ontem de manhã, no posto médico do Aeroporto do Galeão, vítima de derrame pleural sem que chegasse a ser socorrido.

Foi identificado: trata-se de Carlos Pereira Soares, português, que vivia no Brasil desde 1941.

Em Maio, como nunca mais havia voltado ao seu país, decidira levar a mulher para conhecer a família. Quando regressava sentiu-se mal a bordo. Depois de aterrar, Carlos Pereira Soares foi levado à pressa para o posto médico, mas não houve tempo de lhe serem prestados socorros.

COMEÇOU O SÍNODO

(Continuação da 1.ª página)

sexta-feira com a leitura de um relatório pelo cardeal Joseph Hoeffner, arcebispo de Colónia.

Durante o Sínodo tentar-se-á — encontrar o fórmula de reduzir o numero de saídas de sacerdotes que, segundo os cálculos, foi o ano passado de 3.800.

Este Sínodo do episcopado é o terceiro a realizar no pontificado de Paulo VI. O primeiro sínodo moderno foi realizado em 1967 para discutir cinco temas: reformas do direito canónico, o ateismo, as modernas opiniões «perigosas» para a fé católica, os seminários, os casamentos entre cristãos e não cristãos e a reforma da liturgia.

O segundo Sínodo, em 1969 reuniu para tratar do delicado assunto da colegialidade, doutrina ao abrigo da qual todos os bispos, na qualidade de sucessores dos apóstolos compartilham com o Papa a suprema responsabilidade da administração da Igreja.

Actualidade internacional

Segunda fase da campanha diplomática de Moscovo

MOSCOVO, 30 — (ANI) — O presidente russo, Nikolai Podgorny, partiu hoje para uma visita à Índia, à Birmânia e ao Vietname do Norte — anunciou a Tass.

A visita de Podgorny corresponde à segunda fase da campanha diplomática da «troika» moscovita destinada a minimizar a influência chinesa e a divulgar os objectivos políticos da URSS.

Podgorny fica em Nova Delhi até amanhã e em Rangum até sábado, seguindo depois para Hanoi, a fim de efectuar uma visita mais demorada.

O secretário-geral do partido, Leonid Brejnev, iniciou esta campanha diplomática a semana passada, com uma viagem à Jugoslávia, à Hungria e à Bulgária.

No fim deste mês, o chefe do Governo, Alexei Kossyguine, visita o Canadá, a Argélia e Marrocos e Brejnev visita a França.

Os outros países incluindos no programa da «troika», até ao fim deste ano, são a Dinamarca e a Noruega, a visitar por Kossyguine em Dezembro.

A viagem de Podgorny a Nova Delhi segue-se á visita do chefe do Governo indiano, sr.ª Indira Ghandi, a Moscovo.

A União Indiana e a URSS assinaram o mês passado um tratado de amizade em que se prevê uma intensificação da cooperação comercial e tecnológica.

GEORGE HARRISON insiste. Regressado a Inglaterra depois de uma viagem pelos E. U. A., o ex-beatle anunciou que ia tentar juntar-se aos outros três elementos do famoso grupo no Natal. O embaixador britânico em Washington tinha-lhe pedido para intervir no sentido dos Beatles reaparecerem numa festa de caridade

A greve geral paralisou a Argentina

BUENOS AIRES, 30. — (A. N. I.) — Uma greve de 24 horas, em apoio de pedidos de aumento de salários, paralisou ontem as fábricas, o comércio e os transportes públicos em toda a Argentina.

Foi a primeira greve geral — declarada ilegal pelo Governo militar argentino — desde que o general Alejandro Lanusse tomou conta do poder há seis meses.

Deram-se seis atentados á bomba na capital, mas no resto do país não se registou violência.

A greve foi ordenada pela Confederação Geral do Trabalho, cujos dirigentes, na sua maioria, são partidários de Juan Peron, derrubado em 1955. Peron vive no exílio, em Espanha.

Os grevistas pedem um aumento de salários de 29 por cento. O Governo ofereceu um aumento de dez por cento, mas tomou outras medidas, tais como proibição de todas as importações e congelação de preços, num esforço destinado a reduzir a inflação que é de 41 por cento ao ano.

Libertado no México o director dos aeroportos que fora raptado

CIDADE DO MÉXICO, 30 — (R.) — Foi posto em liberdade, a noite passada, o director dos aeroportos do México, Jr. Hirschfeld, que tinha sido raptado, no princípio desta semana, por guerrilheiros esquerdistas. A família pagou o resgate de 3 milhões de pesos (cerca de 6800 contos).

Esta notícia foi dada pelo seu cunhado, Aaron Sainz Jr.

O resgate foi entregue pelo filho mais velho, na terça-feira, a noite, após os raptores terem feito todos os preparativos telefònicamente e combinado o local de entrega da quantia do resgate.

Sainz contou os factos aos jornalistas junto á residência de Hirschfeld, poucas horas depois daquele funcionário governamental ter chegado a casa sòzinho, num «táxi».

Sainz não disse como foi entregue o dinheiro, e afirmou que nem sabia ainda se o rapto tinha implicações políticas.

Sainz acrescentou, também, que Hirschfeld estava a ser examinado pelo médico e aparentava estar em boas condições, sem vestígios de ter sido maltratado. Segundo o raptado, foi colocado num quarto, ficando a maior parte do tempo com os olhos vendados.

Recuperação de crianças com pais atrasados

WASHINGTON, 30 — (A. N. I.) — As crianças de condição mais humilde, cujos pais têm um baixo coeficiente de inteligência, não estão condenadas a ter também um coeficiente baixo, pois podem ser recuperadas através de enriquecimento» logo nas primeiras idades — declara o subsecretário norte-americano da Saúde, Educação e Assistência, John Veneman, num estudo que vai apresentar numa conferência sobre atraso mental, que se realiza em Honolulu.

Veneman cita como exemplo o trabalho realizado pela sua secretária em bairros pobres, e rejeita a proposta do físico William Shockley para que o Governo ajude a custear as despesas de esterilização das pessoas com baixo coeficiente de inteligência.

«Por instinto, sinto que a forma de se atacar o atraso mental é nas suas raízes, e não através das suas vítimas» — sublinhou Veneman.

Continua a tensão entre a família real inglesa e o fotógrafo Bellisario

LONDRES, 30 — (F. P.) — Continua a tensão entre a Família Real britânica e o fotógrafo Ray Bellisario, que conseguiu, recentemente, fazer condenar «lord» Snowdon, marido da princesa Margarida, a 30 libras de multa.

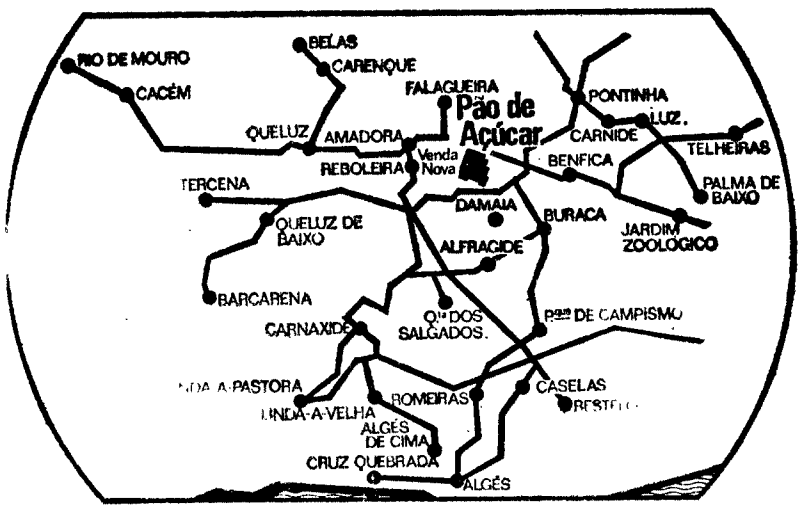
Bellisario apresentou no Instituto de Arte Contemporânea uma série de fotografias da Família Real que seriam pouco apreciadas pelos fotógrafos. «Lord» Snowdon aparece frequentemente na companhia de uma moça encantadora. Bellisario diz que tem muito mais fotografias, que não pode mostrar. «Deixo o resto á vossa imaginação», acrescentou. O fotógrafo foi criticado pelos seus amigos de Flett Street, que geralmente mostram mais respeito pela Família Real.

As outras fotografias mostram a rainha Isabel a dançar o «twist» e a princesa Ana a cair do cavalo.

Interrogado, um informador do Palácio de Buckingham disse apenas que não estava para trocar «delicadezas» com Bellisario. Segundo este, nem o príncipe Filipe, nem o príncipe Carlos são desta opinião, pois não têm com ele nenhuma delicadeza.

SUPERGIGANTI-NORMISSIMAMENTE GRANDE

o novo Pão de Açúcar Benfica/Amadora



A inaugurar amanhã

morrison

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

LYN—SPORTING (0-3)

Profissionalismo e amadorismo

a realidade do confronto

Quando terminou o jogo de há quinze dias, em Alvalade, os noruegueses preocuparam-se em afirmar que, se o resultado tivesse ficado em 2-0, eles resolveriam a questão a seu favor; ontem, ao terminar o encontro de Oslo, os noruegueses ràpidamente fizeram questão de dizer, que não podiam ter feito muito melhor, pois são uma equipa de amadores. e o Sporting é uma equipa de profissionais.

Se a primeira afirmação fornece a imagem de uma equipa que acreditava demasiado em si própria, a segunda demonstra-nos que os noruegueses tinham caído em si na sua própria terra.

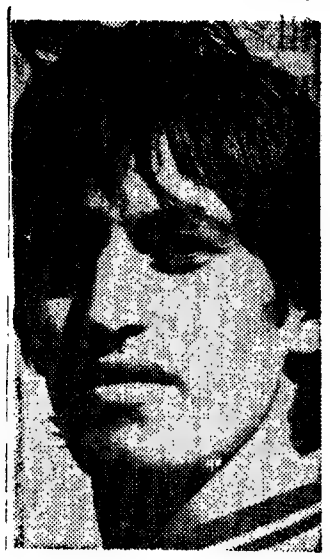
O Sporting teve uma virtude no jogo de ontem: ao contrário do que tinha feito em Alvalade, não subestimou o adversário. Jogando um futebol simples, sem exagero de passes, usou sempre de extrema cautela, não regateando esforços para mostrar que realmente era o melhor.

E aqui é de concordar com o que os noruegueses disseram. O momento que o seu futebol atravessa é por de mais precário acrescentando-se a isso o facto de serem, efectivamente, amadores. Não poderiam ser, em caso algum, adversário para o Sporting, uma equipa extremamente profissionalizada e identificada com o futebol euroneu de primeiro plano.

Dinis e Yazalde voltaram a confirmar que o seu entendimento pode ser perfeito. A condição física do angolano está a melhorar, e daí poder pensar-se que a sua alta categoria técnica possa voltar a impor-se; o argentino voltou a marcar dois golos, e, para já, isso chegaria para dizermos que continuamos a ter «homem», mas, além disso, Yazalde voltou a confirmar que é jogador que se tem de ter muito em conta.

A defesa uniu-se bastante bem, e o retorno de Caló á boa «forma» poderá ajudar os «leões» a unirem-se cá atrás, como o faziam até há bem pouco tempo.

Insista-se, no entanto, e isto sem menosprezo para a vitória do Sporting, que o futebol norueguês está em crise de «forma». Sem nunca ter



YAZALDE

atingido um plano de evidência, atravessa agora uma fase de opção (profissionalismo?), durante a qual os desaires serão, com certeza, sucessivos.

Arbitrou o juiz islandês Pétursson, e as equipas alinharam:

LYN — Olsen; Rodvang, Ostvold, Borrehaug e Gjedram; Iversen, Ostlien e Fuglset; Christophersen, Ola Olsen e Birkeland.

SPORTING — Damas; Pedro Gomes, Caló, Laranjeira e Hilário; Nelson, Gonçalves e Wagner; Lourenço, Yazalde e Dinis.

Marcadores: Yazalde (35 e 7 m.) e Borrehaug (própria baliza, 44 m.).

Substituições: Chico entrou para o lugar de Lourenço, ao intervalo, e Manaca rendeu Gonçalves, aos 59 m.

SAIU HOJE

motor

NESTE NÚMERO:

- Fim-de-semana em Arganil para treinar o «Rallye» TAP (AVELAS COELHO).
- Os 143 inscritos nessa prova.
- As últimas a quatro dias da grande competição.
- Reportagem do V «Rallye» de Portugal de Automóveis Antigos (JOSE PINTO).
- Fittipaldi ganhou o G. P. de Albi.
- Paris-Persépolis-Paris (REPORTAGEM DA EQUIPA 704).
- Entrevista com Hans Moll, presidente da M. A. N. (AUGUSTO VILELA)
- Viadutos de Lisboa: Avenidas dos Estados Unidos da América-Avenida de Roma (NUNO COUTINHO).
- Reportagem do «Motocross» da Maia (MARIA DO CÉU).
- Página de «Karting» (HERLANDER GARCIA).
- Noticiário e as habituais secções.

motor ensaio

OPEL 1604 S + CITROEN GS = «SUPERCAR»

(Um teste comparativo de PHILIPPE TOUSSAINT)

PREÇO: 2$50

NIMES-V. SETÚBAL (2-1)

O SETÚBAL PASSOU UM MAU BOCADO MAS O BOCADO ESTAVA GUARDADO

Pedroto tinha razão para temer... da equipa de arbitragem Na realidade a actuação do juiz (sueco) e dos bandeirinhas (franceses) permitiu uma toada de dureza, roçando a violência, que produziu os seus efeitos, mais, como fica implícito, nos setubalenses, que, em certos períodos se viram mesmo aflitos... depois de molestados

É claro que os portugueses não foram nenhuns «anjinhos», mas o ambiente estranho quase sempre rouba «ousadia», além de que o corpo-a-corpo não está nem poderia estar enraizado numa equipa do tipo da do Vitória de Setubal — toda ela muito dada ao jogo bonitinho e rendilhado, que se lhe conhece...

O Nimes, só com um golo a desfavor no jogo de Setubal, onde já mostrara ser equipa de combate (mais uma certa inclinação para a dureza)

Estádio Jean Bovin.

Arbitragem de Curt Nystrand, da Suécia, ajudado pelos franceses Amistte e Marfin.

NIMES — Martinelli; Odasso, Betton, Augé e Kabilé; Adams e Mezy; Pircalab, Voinea, Vergnes e Bonnet (na segunda parte, aos 15 m., Intesta).

VITÓRIA — Torres; Rebelo, Cardoso, José Mendes e Carriço; Octávio, Matine e José Maria; Guerreiro, Torres e Jacinto João (na segunda parte, aos 15 m., Praia).

Golos: Torres, aos 24 minutos, fez o resultado da primeira parte, recargando um remate de José Maria. Aos 52 m. primeiro golo francês, todo português: despacho de Matine que apanha a cara de Octávo e a bola atraiçoou Torres. A 2 m. do fim, Adams fixou o resultdo com um bom remate.

iria, naturalmente tentar impôr-se e através desses predicados. E tentou. E, até aos 15 minutos do primeiro tempo, com isso, mas também com jogo, impôs-se Foi o primeiro mau bocado do Vitória que se viu perante uma autêntica avalancha Vantagem que tenha sido mais de quantidade que de qualidade. Vantagem que tenha tido um guarda-redes á altura — cuja actuação não sofreria a menor beliscadura se têm entrado um ou dois golos. E aqui entrou o Vitória a safar a eliminatória É que a água mole não furou a pedra dura — e os setubalenses terão pensado, que, talvez... e o moral subiu-lhes. E aconteceu o golo, balde de água fria nos franceses.

Eram decorridos 24 minutos. Os de Nimes ficaram «apardalados» a pensar como é que podia ser — depois de tanto domínio. E o Vitória soube colher o fruto da surpresa, para aguentar (mandando, agora, mais) o jogo até ao intervalo, sem maiores sobressaltos.

E, então, veio o segundo dos maiores maus bocados por que passou a equipa setubalense. Os franceses animaram e não houve meio de que não lançassem mão até o pé (em riste) demasiadas vezes — para a consumação do seu desiderato que era o de ganhar de qualquer maneira. O Vitória foi nisso isto é, nesse processo e o jogo tornou-se feio, duro, violento.

Mas os setubalenses só «foram» nisso. Quanto á eliminatória seguraram-na O golo da vitória francesa, a dois minutos do fim já veio tarde para que os de Nimes alcançassem aquilo a que se julgavam *com direito* — e os levou a não olharem a meios...

PORTO ELIMINADO ...NAS ANTAS

A malapata do F. C. Porto nas competições europeias persiste — haverá que reagir por que isto de tradições é um caso sério e há tradições... negativas.

Benfica, Setubal e Sporting (a ordem dos factores não é arbitrária) são o exemplo a seguir, no que respeita ao sentido positivo da tradição: é ver como eles lá se vão «safando» — [illegible] em certos casos (dispensamo-nos de especificar) é como quem respira...

[illegible] e seus prosélitos. Citamos exemplo a seguir e não comparamos actuações. Estamos, até, em crer, que, quando os «azuis-brancos» atingirem uma mentalização europeia deixando para trás complexos que não se justificarão, têm ao seu alcance bastantes vistos no passaporte...

Pois, temos para nós — e não estamos isolados, com certeza: a opinião é verdade «bananal» — que o F. C. Porto perdeu este confronto com o Nantes, no seu Estádio das Antas, onde realizou, se bem se lembram, exibição má de mais, para ser verdadeira. Ontem, em Nantes, não foi como... dantes...

Estádio Marcel Sanfim.

Arbitragem: Placeka, da Checoslováquia, auxiliado pelos franceses Pacout e Bancernet.

NANTES — Fouché; Laquillez, Osman, De Michelle e Gardou; Pech e Blanchet; Marcos, Michel, Courtin e Maas.

PORTO — Rui; Gualter, Manhiça, Rolando e Valdemar; Pavão e Benê; Ricardo, Abel, Lemos e Nóbrega.

Golos, só na segunda parte, um para cada lado, mas ambos franceses: aos 35 m., por Maas, para o Nantes; aos 42 m., por De Michelle, para o Porto.

A personalidade, tão necessária ás equipas que querem singrar nestas competições de alto nível, «vestiu» o Porto de ontem. E não só personalidade. Determinação, também. A resistir, primeiro, ao assédio francês; a jogar, depois, pelo equilíbrio; a dominar, finalmente.

Foi assim na primeira parte, e o panorama repetiu-se até mais do meio da segunda.

O que aconteceu, então, já nada tem a ver com o jogo, embor seja do jogo —árbitro.

Foi o caso de uma grande jogada de Abel, travado em falta, na grande área, por dois adversários; apesar disso, o remate surgiu, mas, com a bola a entrar, surgiu um terceiro, armado em guarda-redes, que não o guarda-redes, e, com a mão defesa para «canto».

O «penalt íssimo» não foi assinalado, e, daí para a frente, foi o descalabro — com o árbitro de batuta perdida, a levar os executantes para uma toada completamente desconcertada.

Ainda assim, o Porto reagiu, numa reafirmação da tal personalidade manifestada aqui em Nantes, e que há que repetir

Continuou dos portistas o melhor futebol, a bem merecer o triunfo. Mas a sorte do jogo estava traçada. E a da eliminatória...

AMANHÃ EM BELGRADO

Sorteio dos oitavos de final

Amanhã pelo meio-dia no Hotel Jugoslávia, em Belgrado, terá lugar o sorteio dos oitavos de final das três taças europeias em disputa.

Espanha e Brasil «saldam» as contas do seu futebol

RIO DE JANEIRO, 30 — (A. N. I.) — Vão normalizar-se as relações futebolísticas entre o Brasil e a Espanha — informou ontem o presidente da Confederação Brasileira de Desportos, João Havelange, que acaba de regressar da Europa.

Para isso — explicou — a Confederação pagará ao Barcelona e ao Atlético de Madrid as dívidas contraídas por um clube carioca, o Flamengo, que adquiriu os jogadores Silva e Reyes.

SOCIEDADE «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22

DESPORTO

BENFICA, 3 - WACKER, 1

Vitória com sabor amargo

A desilusão de não se ver aquilo que foi prometido... A tristeza de não se encontrar aquilo que se esperava... O vazio de três golos contra um quando o jantar foi engolido a pressa para ir ver os «melhores do mundo»...

Do desencanto da multidão de 50 000 pessoas (ou seriam aí umas 60 000?) Só discordo dos adjectivos aplicados a Mr. Hagan. Na verdade, aquela substituição de Vitor Baptista por Zeca acabou por não ser tão despropositada como isso — o jogo foi tão monótono, tão igual, tão... desculpem, tão insípido, que se não fosse essa tirada de Hagan talvez não tivesse motivo de agrado para escrecer sobre este encontro

Árbitro — Wrigt (Irlanda).

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva, H. Coelho, R. Rodrigues e Adolfo; Jaime Graça, Eusébio e Simões; Nené, Artur Jorge e Vítor Baptista.

WACKER — Konzilia; Skocikck, Eschelmüller, Cordesch, Cri e Franceschin; Binder, Küpders e Obert; Flint e Jara.

Marcadores: Adolfo (35 m.), Jara (48 m.), Artur Jorge (73 m.) e Simões (90 m.).

Substituições: Flint foi rendido por Kastner; e Vitor Baptista e Nené por Zeca e Jordão.

Os austríacos não estiveram com meias-medidas. Assustados com os 4-0 de Innsbruck, vieram para a Luz com todas as cautelas e, serenamente, assim como quem não quer a coisa, postaram-se cá atrás deixando apenas dois homens (e nem sempre) lá na frente.

Mas o diabo tece-as. E desta vez, pela mão — ou talvez pelos pés... — dos habilidosos jogadores do Wacker, o diabo teceu-as mesmo.

A pouco e pouco, perante o insucesso sistemático das jogadas repetidas, o furioso da bola que apenas compreende a linguagem dos golos, começou a impacientar-se. Os assobios foram-se ouvindo. O mal-estar instalava-se dentro e fora do relvado e apenas os estrangeiros esfregavam as mãos de contentes, gritando «Eureka».

Mas aos 35 minutos houve uma pausa. Adolfo, ainda com o sabor doce do golo marcado no Bonfim, repetiu a proeza: bola na meia-esquerda, dois passos para a entrada da área e um tiro de pólvora rasteiro que levou aquela coisa redonda direitinha ás malhas.

Os assobios deram lugar ás palmas e alegria e a confiança voltaram áqueles milhares de rostos. E ainda os elogios a Adolfo estavam no meio quando outro motivo de felicidade surgiu: «penalty» contra o Wacker (há muito boa gente que diz não ter havido motivo para tão severo castigo).

Mas já o disse: o diabo tece-as. E perante o fracasso pouco comum de Eusébio — a bola bateu na trave e o moçambicano, esquecendo que o não podia fazer, rematou outra vez — aquilo que tinha sido um motivo de satisfação acabou por se tornar no lamiré para o retorno á monotonia.

*

Depois do intervalo aconteceu o que por vezes já se tinha receado — o golo dos austríacos. Logo de início, magnificamente pelo n.º 11 uma bela jogada concluída *Jara* (belo jogador, acrescente-se), o empate surgiu.

Valha a verdade que nada se modificou — o Benfica continuou a dominar, as jogadas continuaram a ser as mesmas e, como se Torres ainda lá estivesse, as bolas catapultadas para cima da área do Wacker repetiam-se incessantemente.

Desesperante a actuação do Benfica — de um desespero que aumentava ao ver-se a serenidade dos austríacos sempre metidos na sua defesa, é certo, mas a jogar com cabecinha, com a bola a rolar de uns para os outros, com desmarcações constantes para tornar mais fácil o endosso da bola dos companheiros e, de quando em vez, uma tentativa de aproximação da baliza de José Henrique.

Quase inacreditável mas Eusébio falhou uma grande penalidade

É certo que a tarefa do Wacker era muito mais fácil — ao contrário do Benfica a preocupação austríaca não era marcar golos... Mas de qualquer modo a actuação demasiado apagada dos campeões nacionais não pode ser explicada apenas pelas preocupações defensivas do adversário. Impunha-se um outro estilo, uma outra concepção de jogo — e não os constantes lançamentos para uma área super-povoada onde Vítor Baptista, Artur Jorge e Eusébio, os três lá no meio, não tinham «chances», chegando até a chocar uns com os outros.

E tanto assim que os restantes dois golos resultaram apenas de duas iniciativas isoladas: o segundo tento foi conseguido com um magnífico remate de cabeça de Artur Jorge, a emendar um canto de direita, enquanto o último, da autoria de Simões, não foi mais que o aproveitar de uma «fífia» da defesa estrangeira.

Boa arbitragem

É da praxe falar do árbitro: e o irlandês sr. Wright, merece-o. Esteve muito bem, e, o que é importante, foi muito bem auxiliado.

Um pormenor: sempre que algum jogador ficava caido no chão, queixando-se de qualquer lesão, ele não hesitava: interrompia o jogo, chamava o massagista, e ia ver o que se passava. Certo e bonito. Mais importante que o jogo é o homem que o pratica.

Académica-Wolverhampton (1-4)

CURTO «SPRINT» DOS ESTUDANTES

A Académica é uma daquelas equipas a quem não se pode marcar antecipadamente o destino. Um estilo de jogo próprio, alterado na sua concepção ao longo dos anos, mas sempre diferente, torna imprevisível (até certos limites) saber o que vai acontecer. Neste caso do encontro com os ingleses do Wolverhampton havia que recuperar três golos e marcar pelo menos mais um para assegurar a qualificação.

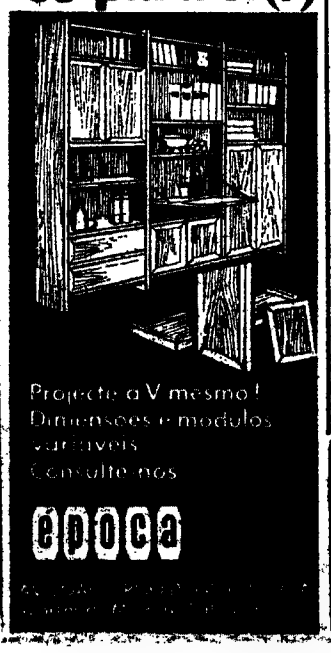
Quase meia hora de bom futebol, com todas as reservas de energia postas num desejo premente de recuperação surpreendeu os ingleses, dando origem a um golo nos primeiros 16 minutos, realizado bem ao estilo da Académica. Claro que não chegou para perturbar os ingleses. Mesmo os homens do Wolverhampton não sejam tão fleumáticos como por convenção se consideram os cidadãos britanicos, com dois golos de vantagem ainda se pode respirar calma e relativa tranquilidade. A calma só foi perdida fora do rectangulo onde alguns ingleses se exteriorizaram de tal modo que ficaram a contas com a Polícia. O golo de Manuel António assinalou um período excelente da Académica que durou mais algum tempo enfumando-se depois.

Os ingleses forçaram o ritmo e, como equipa efectivamente mais forte conseguiram empatar a partida. O golo se não acabou totalmente com a resistência dos estudantes deixou-os bastante diminuídos, para não dizermos desmoralizados. Aguentaram-se ainda até ao fim dos 45 minutos mas o intervalo não lhes restituiu as faculdades perdidas. A rapidez evidenciada na primeira meia hora de jogo e que se traduzira por um golo fulgurante não voltou. Como não voltou também o seu futebol imaginativo. Tudo isto agravado por uma quebra acentuada do sector defensivo onde vai assentar uma grande parte das razões que explicam o resultado. E assim acabou prematuramente a aventura europeia de uma Académica surpreendida por um adversário forte num momento que não era o ideal.

JOSÉ SASPORTES
agon
prosas e poemas
agon
prosas et poèmes
agon
prose and poetry

Uma bela edição de 202 pág.
Esc. 60$00
À venda nas principais livrarias do País
Distribuidores:
LIVRARIA PORTUGAL
Rua do Carmo, 70 — Lisboa

Uma estante diferente concebida "só" para si (?)



TOTOBOLA

4.º CONCURSO — 3-OUTUBRO-71

1 X 2 TOTOBOLA

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

MATRIZ

	2 APOSTAS - 4$00	4 APOSTAS - 8$00	6 APOSTAS - 12$00	8 APOSTAS - 16$00	10 APOSTAS - 20$00
1 X 2	1 X 2	1 X 2	1 X 2	1 X 2	1 X 2
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					

1.ª DIVISÃO — ESPANHA

1 Tirsense-Belenenses
2 Boavista CUF
3 Barreirense Porto
4 Atlético - Farense
5 Académ. - Guimarães
6 Córdova - Málaga
7 Burgos - R. Sociedade
8 Sevilha Espanhol
9 Granada - Elche
10 Barcelona-At. Madrid

ITÁLIA

11 Fiorentina - Nápoles
12 Sampdoria - Bolonha
13 Varese - Milão

4 DE OUTUBRO DE 1971

NOME
MORADA
LOCALIDADE

(A não indicação do nome torna o bilhete nulo)

CLASSIFICAÇÕES ACTUAIS

PORTUGAL

	Jogos	Pontos
SPORTING	3	6
CUF	3	5
BENFICA	3	5
V. GUIMARÃES	3	5
V. SETÚBAL	3	4
ATLÉTICO	3	3
F. C. PORTO	2	2
BELENENSES	2	2
FARENSE	2	2
ACADÉMICA	2	2
BOAVISTA	3	2
TIRSENSE	3	1
BEIRA MAR	3	1
U. TOMAR	1	0
LEIXÕES	1	0
BARREIRENSE	3	0

ESPANHA

	Pontos
REAL MADRID	7
LAS PALMAS	6
GIJON	6
VALÊNCIA	6
MÁLAGA	6
ESPANHOL	6
AT. MADRID	4
SEVILHA	4
GRANADA	4
SABADELL	4
CORUNHA	4
CELTA	3
REAL SOCIEDADE	3
BETIS	3
BARCELONA	2
BURGOS	2
CÓRDOVA	2
AT. BILBAU	0

ITÁLIA

O campeonato de 71/72 começa justamente no próximo domingo. Na época passada a classificação foi a seguinte:

	Pontos
1.º—INTER	46
2.º—MILAN	42
3.º—NAPOLI	39
4.º—JUVENTUS	35
5.º—BOLOGNA	34
6.º—ROMA	32
7.º—CAGLIARI	30
8.º—TORINO	26
9.º—VARESE	26
10.º VICENZA	26
11.º—VERONA	26
12.º—SAMPDORIA	25
13.º—FIORENTINA	25
14.º—FOGGIA	25
15.º—LAZIO	22
16.º—CATANIA	21

AGORA! NOVA MODALIDADE DE COMPRA!

Tem 25 contos?
Tem 50 contos?
Tem 150 contos?
Tem 500 contos?
Tem 1.000 contos?

Seja proprietário adquirindo em COMPROPRIEDADE
APARTAMENTOS EM J. PIMENTA, S. A. R. L.

e obterá um bom rendimento

Cascais — Alto da Pampilheira

Locais de construção e venda de propriedades:

CASCAIS
PAÇO DE ARCOS
REBOLEIRA
LISBOA

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, SARL

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843 47843
QUELUZ — Edifício Sede — R. António Enes, 25 — Telef. 952021/2

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compro	Vendo
Consolidado 2 3/4%	—	447$	—
Consolidado 3%	470$	470$	—
Consolidado 3 1/2%	573$	573$	—
Centenários 4%	1.320$	—	1.320$
Obras Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	590$	590$	—
Externo 1.ª Série C.	595$	595$	—
Externo 3.ª Série	—	—	—
Externo 3.ª Série C.	—	—	750$
Cautelas 3.ª Série	—	—	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	490$	—
A P L 5% 56	—	870$	—
A P L 5% 58	—	860$	—
C P 4 1/2 65	—	—	840$
C P 5 1/2% 67	—	960$	—
C U F 6%	—	960$	970$
C U F 6% 68	965$	960$	—
Gás Elect 4% 48	—	850$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	—	—
Gás Elect 5% 54	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	840$	—
Gás Elect 5% 59	—	—	—
Gás Elect 5% 62	—	—	—
Gás Elect 5% 63	—	—	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 6% 67	—	—	1.000$
H A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	770$	—
H E Cávado 6%	—	—	990$
H E Douro 5%	—	775$	780$
H E Douro 6%	—	—	1.000$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	770$	—
Lisnave 5%	978$	975$	980$
Metropolitano 4%	—	—	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	500$	580$
Nac Electr 5%	—	755$	—
Nitratos 5%	—	760$	—
Nitratos 5% 60	—	760$	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	950$	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	765$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	765$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	765$	—
Sonefe 5%	—	815$	—
T A P 4%	—	—	950$
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	92$5
U E P 4 1/2%	—	93$	—
U E P 5%	—	77$	—
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—

Ultramarinas	Efec	Compro	Vendo
Ag S Tomé e Príncipe	—	200$	—
Boror	—	—	—
Buzi	75$	74$5	75$5
Cabinda	—	—	75$
Diamantes Angola	—	1.960$	.965$
H E Revuè	—	590$	610$
Ilha do Príncipe	—	—	700$
Moçambique	—	—	—
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	385$	382$	385$
Zambézia	—	65$	—
Diversas			
Cidla	—	6.920$	6.980$
Cim Leiria	—	4.300$	4 500$
Cim Tejo	—	8.000$	9 000$
Col Navegação	1.500$	.490$	.520$
C U F	3. 00$	3.100$	3 50$
TAP	1.395$	395$	400$
Cia Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3 720$	—
Petroquímica	1.250$	.250$	.300$
Port e Colónias	—	—	—
Port Celulose	3 830$	3 830$	3 850$
Port Pesca	—	—	.170$
Port Tabacos	—	—	—
Sacor	3.990$	3.990$	—
Siderurgia Nac	2.530$	2.520$	2 530$
Socel	3.490$	3.480$	3 520$
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	6.310$	6.200$	6.300$
Azoto	865$	—	870$
Água Elect e Gás			
Águas Lisboa p	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	410$	—
Águas Lisboa 36	—	390$	—
C P Electricidade	1.123$	1.121$	.123$
C P Electricidade n	1.112$	1.110$	[illegible]$
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect Beiras	1.750$	.740$	780$
Gás Electr	368$	367$	369$
H E Alto Alentejo	182$5	182$	183$
H E Norte Portugal	240$	240$	245$
H E Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	—	193$	95$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	202$9	209$
F I D E S	—	127$5	13[illegible]$3

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro 52-54—LISBOA—Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO —— Telex 47 ALAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.220$	2.220$	2.225$
Alentejo	1.316$	1.316$	.330$
Angola	4 410$	4 500$	4 700$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	4.500$	4 500$	4.700$
E Santo	7.500$	7.495$	7.500$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S B	—	25 000$	—
Fomento	—	2.880$	2 950$
L S Açores p	—	—	—
L S Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.995$	6.990$	6 995$
Portugal n	—	—	—
Portugal p	—	—	4 270$
Totta Aliança	4 530$	4.520$	4.530$
Ultramarino n	4.240$	4.220$	4.250$
Ultramarino p	4.750$	4.750$	4.770$
Seguros			
Alentejo	141$	.41$	142$
Douro	—	—	—
Mundial	980$	980$	990$
Sagres	—	3.100$	3 500$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	700$	700$	720$
Ag Cassequel	890$	880$	890$
Ag Incomati	—	—	1.630$
Ag Neves	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	23/9/71	29/9/71	30/9/71
GERAL	157,4	160,2	**159,8**
METROPOL.	155,3	158,4	**157,8**
ULTRAM.	173,0	173,8	**174,4**

PAÍSES	Compra	Vende
África do Sul — Rand	34$50	37$00
Alemanha — Marco	8$15	8$50
América		
— Dólares de 1 a 4	27$ 0	27$80
— de 5 a 20	27$30	28$00
— de 50 a 100	27$40	28$20
Argentina — Peso Novo	3$00	4$00
Áustria — Schilling	$ 4	$ 9
Bélgica — Franco	$56,5	$59,5
Brasil — Cruzeiro	3$70	5$00
Canadá — Dólar	27$00	27$60
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40	$42
França — Franco	4$95	5$25
Holanda — Florim	7$95	8$30
Inglaterra — Libra	68$30	70$30
Itália — Lira	$044	$047
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$90	7$15
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	320$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	40$00	42$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Papeis de credito
Notas estrangeiras
Tel 23 12 78

SEGUNDO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A cargo do notário licenciado António Lopes Fernandes Costa

CERTIFICO para efeitos de publicação, que por escritura de 16 do mês corrente, lavrada de folhas 64 verso a folhas 69 do livro n.º C-61 de «escrituras diversas» deste cartório, foi constituida uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a denominação de «COMERTUR-COMÉRCIO E TURISMO DE MIRAFLORES, LIMITADA», tem a sua sede na Avenida Principal de Miraflores, lote quatro, rés-do-chão em Algés, freguesia de Carnaxide., concelho de Oeiras, e durará por tempo indeterminado.

2.º — O objecto social consiste na compra e venda de propriedades e a exploração e ou administração de estabelecimentos industriais, comerciais e turísticos relacionados com a industria hoteleira ou similares ou ainda de qualquer outra natureza, em qualquer parte do território nacional podendo bem assim por simples deliberação da assembleia geral exercer quaisquer outras actividades comerciais ou industriais.

3.º — O capital social é de três milhões de escudos, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde á soma das quotas dos sócios que são as seguintes:

Uma de dois milhões e quinhentos mil escudos, do sócio Joaquin Peña Mechó: e

Uma de quinhentos mil escudos, da sócia D. Pilar Moreno Diaz da Peña

4.º — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital e podem os sócios fazer á sociedade suprimentos de harmonia e nas condições que vierem a ser deliberadas em assembleia geral e se tal for aconselhável ao desenvolvimento dos negócios sociais.

5.º — É livre acessão total ou parcial de quotas entre os sócios: a cessão a estranhos depende do consentimento da sociedade, á qual, em primeiro lugar, e aos sócios, em segundo, fica conferido o direito de preferência

6.º — A sociedade tem o direito de amortizar quotas nos seguintes casos:

a) — por morte de qualquer dos sócios;

b) — quando qualquer quota for arrestada, penhorada ou quando por qualquer outro motivo tenha de proceder-se á sua venda ou arrematação judicial ou extrajudicial;

c) — quando alguns dos sócios infringir as disposições do pacto social ou pratique deliberadamente actos lesivos dos interesses da sociedade, dependendo exclusivamente da assembleia geral a apreciação dos actos e a resolução de amortizar ou não a quota ou quotas em causa, bem como a fixação do valor a pagar pelos sócios a título de indemnização por prejuízos ou danos sofridos pela sociedade em consequência de tais actos.

PARÁGRAFO ÚNICO: — Em qualqcer dos casos as quotas serão amortizadas pelo seu valor nominal acrescido do que lhe corresponder em lucros a distribuir é fundos de reservas existentes e que não representem compensação de prejuízos previstos e não liquidados e diminuído da parte correspondente a prejuizos contabilizados na respectiva conta de lucros e perdas ou outras que se lhe equiparem e ainda do valor da indemnização a que houver lugar nos termos da alínea c) deste artigo.

7.º — A gerência e administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, é confiada aos sócios Joaquin Peña Mechó e D. Pilar Moreno Diaz de Peña, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral e com dispensa de caução

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — Para obrigar a sociedade em quaisquer actos ou contratos, é necessária e bastante a assinatura do gerente Joaquin Peña Mechó, ao qual são cnoferidos os mais amplos poderes, incluindo os de, por si só, alienar ou onerar quaisquer bens móveis ou imóveis pertencentes á sociedade, e ainda adquirir por compra permuta ou arrematação quaisquer bens sejma de que nautreza for, inclusivé quottas sociais.

PARÁGRAFO SEGUNDO: Os actos de mero expediente poderão ser assinados por qualquer um dos gerentes, quando a bens, sejam de que natureza for, inclusive quotas sociais.

PARÁGRAFO TERCEIRO: — A sociedade poderá constituir quaisquer mandatários e o gerente Joaquin Peña Mechó poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência em um ou mais procuradores, por meio de mandato em forma legal.

PARÁGRAFO QUARTO: — Fica vedado aos gerentes intervir, em nome da sociedade, em fianças, abonações e outros actos ou contratos estranhos aos negócios sociais.

8.º: — As assembleias gerais, quando a lei não exija outras formalidades serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência, pelo menos

9.º: — Os resultados líquidos de cada exercício terão a aplicação que for deliberada em assembleia geral, depois de deduzida a percentagem legal destinada á formação do fundo de reserva.

VAI CONFORME.

Lisboa, 17 de Julho de 1971.

O Ajudante
João da Silva

SALDOS
Electrodomésticos
Ocasião única para comprar nas melhores condições.
A pronto e a prazo
CASA MAX
4 Estabelecimentos em ligação com a DARDO
2-C — Av. Praia da Vitória — 2-F
193-A — R. D. Estefânia — 193-D

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

SEGUROS
— ANGARIADORES
— AGENTES
— DELEGADOS
(Para o Centro e Sul do País)
— Importante Companhia Portuguesa, ao fazer a renovação e expansão da sua rede agenciária, aceita oferta de Candidatos.
OFERECEMOS
— Uma Actividade lucrativa e das de maior desenvolvimento no País.
— Especialização e Assistência permanente por técnicos da Companhia.
— A representação de uma das maiores Companhias Portuguesas.
PEDIMOS
— Seriedade, vontade e gosto em produzir.
(Se não tiver quaisquer conhecimentos de seguros, não se preocupe. Os nossos Cursos existem para esse fim).
Carta ao n.º 201 — Rua Nova do Almada, 68

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE
Telef 54155
(Grupo D — 18 anos)
Hoje, às 21.30 — ESTREIA
VADIM + SAGAN =
UM CASTELO NA SUÉCIA
As 15 - 18.15
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
O FALSO PROFETA
Grupo D — 18 anos

MONUMENTAL
Tel. 555131
(Grupo A — M. 6 anos)
As 15,15 e 21,30 n.
Steve McQueen, a 300 km/h! em
«LE MANS»
Ecran gigante — 70 mm — Panavision-Luxe
Documentário a cores:
AVIÕES NA AGRICULTURA

LOTUS
VEJA EXPOSIÇÃO AUTOMÓVEIS NO SALÃO DO MONUMENTAL

SATÉLITE
Telef 562632
(Grupo D — M. 18 anos)
Continuação de Estreia
Às 15.15, 18.30 e 21.45 h.
3.ª SEMANA
Um filme excepcional de VISCONTI
MORTE EM VENEZA
Situado no edifício do Monumental

ODEON
Tel. 32 62 83
HOJE, á noite, as 21.30
Inauguração da época de Inverno
com o famoso par
Conchita Velasco e Manolo Escobar
na admirável comédia musical
TEUS OLHOS NEGROS
Colorido—(Grupo C—14 anos)

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos)
Às 17 e 21.30 h.
TORPEDOS DO INFERNO
com **James Franciscus, Elizabeth Shepherd, Ronald Allen, Magda Konopka e Mark Hawkins**

IMPÉRIO
Tel 555134/5
(Grupo D — 18 anos)
As 15.15 e 21.30 h.
2.ª SEMANA
Os maiores «Monstros Sagrados» do cinema francês **Simone Signoret e Jean Gabin** no filme de Granier Deferec, baseado na obra de Georges Simenon.
«O GATO»
(LE CHAT)
Eastmancolor

ESTÚDIO
Telef. 555134/5
(Grupo D — 18 anos)
As 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Jean Claude Brialy e Beatrice Romand na obra-prima de Eric Rohmer
O JOELHO DE CLAIRE
(Le Genou de Clair)
Eastmancolor

POLITEAMA
Tel. 326305
As 15.15 — 18.15 — 21.45
2.ª SEMANA
com o maior terror dos mares
O PIRATA NEGRO
com Terence Hill
(Col.) Grupo B — 10 anos
HOJE, ás 18.30: **Sessão Clássica**, com Paul Newman e Sylva Koscina, em «**A GUERRA SECRETA DE HARRY FRIGG**»
Colorido - (Grupo B-10 anos)

ESTÚDIO 444
Telef. 779095
Grupo D — 18 anos
As 15.30, 18.30 e 21.45
Novo triunfo de
Ingmar Bergman
A VERGONHA
(SKAMMEN)
Max Von Sydon e Liv Ullmann

LIDO
Telef 937593
Grupo B — M. 10 anos
As 21.30 h.
Um «Western» cheio de acção e violência!
O INFERNO PARA MAIS UM
com **George Hilton e Paul Stevens**

LIZ
Tel. 555134/5
(Grupo D — M. 18 anos)
Às 21 horas
A VISITA NÃO INCOMODE

APOLO 70
Av Júlio Dinis — Tel 763319
(Grupo D — 18 anos)
As 14.30, 16.45 e 21.45
Uma realidade explosiva
AMERICA, AMÉRICA... PARA ONDE VAIS?
Um filme-reportagem de Haskell Wexler
Tecnicolocor
Às 19 h.: **O DETECTIVE**, de Gordon Douglas, com Frank Sinatra e Lee Romick
(Adultos)

VOX
(M 18 anos) Tel. 726808
As 15.15 — 18.30 — 21.45
3.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
Ali Mac Graw e Ryan O'Neal
LOVE STORY
(Historia de Amor)
A Av Frei Miguel Contreiras

AVIS
Tel. 47163
Grupo D — M 18 anos
As 15.30 e 21,45 h.
A mais bela história de amor!
UM HOMEM E UMA MULHER
com **Anouk Aimee, Jean-Louis Trintignant e Pierre Boroub**
EASTMANCOLOR

EUROPA
Telef. 661016
(Grupo A — 10 anos)
As 21.30 horas
A PANTERA
de **Jacques Torneur, com Simone Simon**
KING-KONG
de **M. C. Cooper e E. B. Schoedsack, com Fay Wray**
—— As 15.15 horas ——
SESSÃO PARA CRIANÇAS
(Grupo A — 6 anos)
«UM ELEFANTE CHAMADO POLE POLE»
Colorido

ROYAL
As 21 horas Tel. 865037
(Grupo B — M. 10 anos)
ACABA COM ELES E VOLTA SÓ XEQUE À SCOTLAND YARD

RESTELO
As 21.30 Tel. 610375
Grupo D — 18 anos
A MALDIÇÃO DO ALTAR VERMELHO

TIVOLI
Telef. 50595
(Grupo B — 10 anos)
As 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
Para inauguração da temporada o filme espectacular em 70 mm
TORA! TORA! TORA!
com monumental elenco americano e japonês

ROMA
Tel 727718
Grupo D - M 18 anos
As 15.30 e 21,45 h.
3.ª SEMANA
A mulher que vivia para o amor!
A DOCE VIDA DA CASTA SUSANA
com **Pascal Petit e Mike Marshall**
Technicolor — Scope

BERNA
(M. 10 anos) Tel. 776098
12.ª SEMANA
As 15.15, 18.30 e 21.45
Woody Allen e Janet Margolin
na sensacional comédia
O INIMIGO PUBLICO
Um êxito de gargalhada!

EDEN
Tel 320768
Grupo C — 14 anos
2.ª SEMANA
As 15.15 18.30 e 21.30 h
Com argumento de **Dalton Trumbo**, segundo a obra de **Joseph Kessel**, um filme de **John Frankenheimer**
OS CAVALEIROS DAS ESTEPES
(**The Hosenen**) com **Omar Sharif, Jack Palance, Leigh Taylor Young**
Panavision — Colorido

CONDES
Tels. 322523-326701
Grupo B — 10 anos
2.ª SEMANA
4 sessões — as 14.15 16.30, 18.45 e 21.45 h.
A espada fulminante do vingador, o amor heróico duma mulher:
A TULIPA NEGRA
com **Alain Delon e Virna Lisi**

LUMIAR
(Adultos — 17 anos) Às 21 h.
O ESTRANGULADOR DE BOSTON
A MULHER SERPENTE

ALVALADE
Tel. 717490
Grupo C — 14 anos
As 15.30 e 21.30
2.ª SEMANA
Com argumento de **Dalton Trumbo**, segundo a obra de **Joseph Kessel**, um filme de **John Frankenheimer**
OS CAVALEIROS DAS ESTEPES
(THE HORSEMEN)
com **Omar Sharif, Jack Palance e Leigh Taylor Young**
Panavision — Colorido

MUNDIAL
(M. 14 anos) Tel. 538742
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Charles Bronson
James Mason
ÓDIO VELHO
Um filme de Terence Young

IMPERIAL
Telef. 821933
(M. 14 anos) As 21 horas
O SEGREDO DO PLANETA DOS MACACOS
100 ARMAS AO SOL

* outros espectáculos

● LISBOA

COLISEU — Às 21 e 30: Circo» (M 6 anos)

TEATROS

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e 23 h: «O Zé aperto o cinto» (18 anos.
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Empresta-me o teu apartamento»
MONUMENTAL — As 21 e 45: «Uma cama para toda a gente» (18 anos)
GIL VICENTE — Às 22: «Ivone, princesa de Borgonha» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Nunca foram vencidos» (10 anos).
CINEARTE — Às 21: «Novas sementes» (14 anos).
IDEAL — Às 21: «Nas asas do amor» (10 anos).
JARDIM — Às 21: «Uma experiência amorosa» (17 anos)
PARIS — Às 21: «A inaríval aventura» (10 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «Duelo de vingança» (10 anos)
ARCO-IRIS—Às 21: «Bandoleiro» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «100 armas ao sol» (10 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Charly» (10 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Dinamite» (10 anos).
CARCAVELOS — VITÓRIA - CINE — Às 21 e 30: «Alta traição» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE—Às 21: «Aconteceu no Oeste» (14 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE —Às 21 e 15: «Duas raparigas em Londres» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Duas raparigas em Londres» (17 anos)
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «A adolescente e o quarentão» (17 anos).
ESTORIL — ESPLANADA —Às 21 e 30: «Um caso perdido» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O rei dos ursos pardos» (6 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «El Condor» (10 anos).
COSTA DA CAPARICA — COPA-CABANA — Às 21: «Os caminhos da violência» e «Um idiota em Paris» (17 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Por um punhado de dólares» (10 anos).

● Linha de Sintra

MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Em três um é de mais» (18 anos).

● PORTO

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Pimenta na língua» (18 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 4 e 30: «Os caminhos de Katmandou» (18 anos)
COLISEU — As 4 e 30: «A canção do Norueguês» (6 anos)
RIVOLI — As 21 e 30: «Domicílio conjugal» (18 anos).
BATALHA — As 4 e 30 «Agência de raparigas» (18 anos)
ÁGUIA D'OURO — As 21 e 30: «Soldado Azul — Trágica Vitória» (17 anos)
ESTÚDIO — As 21 e 30: «O mergulho selvagem» (10 anos)
TRINDADE — As 4 e 30: «Destinos opostos» (17 anos)
CARLOS ALBERTO—As 21: «Mais morto do que vivo» e «Sal e pimenta» (17 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «Sabotana» (10 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Essa mulher» (17 anos)
JÚLIO DINIS—As 21 30: «Pedro, o Louco» (18 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — As 21 e 30: «Lawrence da Arábia» (10 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «Lua de mel com urtigas» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Homens em fúria» (10 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS — As 21 e 45: «Viagem para o Inferno» (10 anos).

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO L

AJUDA — Teles, R. João de Barros, 2 (tel 638249)
ALCÂNTARA — Lealdade, Rua do Olival, 226 (tel 663441) * Nogueira, Rua da Creche, 2 (telef 631653)
ALFAMA — Nacional, R. S. João da Praça, 26 (tel 863632)
ALTO DE S. JOÃO — Oriente, Rua Lopes, 20 (tel 84338)
ALVALADE — Cartexo, Av. da Igreja, 21-C (tel. 776358) * Brisália, Avenida Rio de Janeiro 66-A (tel 722368) * Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia, 12 (tel 727721) * Avis, Avenida de Roma, 56-B (tel 715370)
AMOREIRAS—D. João V, R. D. João V, 16-C (tel. 682772)
ANJOS—Matos, R. Álvaro Coutinho, 10 (tel. 40471)
ARCO DO CEGO — Palma, Avenida Duque de Ávila, 25-3º (tel 47088)
AREEIRO — João XXI, Av. João XXI, 6-A (tel 726462
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, Rua do Salitre 1 (tel 468508)
AVENIDAS NOVAS — Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (tel 774920); Avenidas, Avenida da Republica, 27-A (tel 533688) * Império, Rua Filipe Folque, 40-A (tel 48002) * Fátima, Av. 5 de Outubro, 47 (ao cruzamento da Av. Barbosa du Bocage) (telef 763107)
BAIRRO ACTORES — Esperança, R. Carlos Mardel, 0-B (tel 722868).
BAIRRO ALTO — Azevedo, R. da Misericórdia, 24 (tel. 323540)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Ascenso, P. do Norte, (telefone 311216).
BAIXA — Costa, Praça da Figueira 6-B (tel. 32838)
BELÉM — Remisio, Rua dos Jerónimos, 4-C (tel. 631699)
BENFICA — Lisboa, Rua Cláudio Nunes, Lote 2 (tel 703393); Sousa, Estrada de Benfica 429 (tel 780027)
BOA HORA — Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (tel 63 958)
CAMPOLIDE — Lab, Rua Rodrigo da Fonseca, 10 (tel 682333); Pátria, Calçado dos Mestres, 30-A à R. dos Amoreiras) (tel. 680627)
CAMPO DE OURIQUE—Ourique, Rua Freitas Gaspar 32-B (tel 67 667) * Castro, Rua do 4 de Infantaria 28-A (telefone 688857)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 83 (tel. 44438).
GRAÇA — Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (tel 862333)
LAPA — Central, Rua dos Navegantes, 70 (tel. 66734)
LUMIAR — S. Tomé, 12-C (tel 790704); Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (tel 790942)
MOURARIA — Bastos, Calçada de Santo André, 107 (tel 860450)
OLIVAIS — Nova Rua Sul) (tel 316402)
PENA — Americana, Calçado de Santana 8 (tel 863984).
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena de Freitas 0-A (tels 728395-720703)
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 6-A (telefs 728395-720703)
SANTA CATARINA — Combro, Calçado do Combro, 78 (tel 326059)
S. MAMEDE — Marçal, (tel. 325318).
Bairro Azul, Av. Rezende Garcia 7-A (tel 5145)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Aguiar, Aven. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (tels. 764629-768343)
S. VICENTE — Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 3 (tel 864351).
XABREGAS — Salter, R. de Xabregas, 63 (tel. 381185).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa 70 (tel 234137).
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (tel. 224020).
ALMADA — Central — Rua de Olivença, 11 (Tel 270504)
BAIXA DA BANHEIRA—Aliança — Est Nacional, 174 (tel 224302).
BARREIRO — Pimento — R. Cons Joaquim António de Aguiar, 459 (Telefone 22730 21
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est das Barrocas, 50-A (Telefone 260182).
MOITA — Silva Rocha, P. da Republica, 6 (Tel 239029
MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (tel. 230035)
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel 22947)
SETUBAL — Normal do Sul — Praça do Bocage (Te 222 6)
SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel. (Tel. 2218560).

● Linha de Sintra

AMADORA — Caveca — Rua Elias Garcia, 209 (tel. SB00'9) * Flama — R. Elias Garcia, 78-B (tel. 932485) * Confiança — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (tel. 938149).
DAMAIA — D. João V — Av. Gurgel do Amaral 7-A (Tel 97046)
QUELUZ — Gil — Av. Miguel Bombarda, 28 (telefone 950 7 * Simões Lopes — Av. Elias Garcia 5 Tel 950 23
CACÉM — Central — Av. Elias Garcia, 35 (telef. 2940084)
MEM MARTINS — Quimia, Est Mem Martins 485 (tel 29 00 2)
S. PEDRO DE SINTRA—Valentim (tel. 980456).
SINTRA — Simões — R. Heliodoro Salgado 26 (Tel 980832
COLARES — Colares — Abreia (tel 299088).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito, Av. Comb G. Guerra, 64 (tel 212070)
CAXIAS — Neve — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho de Silva — Av. Patrão Lopes 4 (tel 2432039).
OEIRAS — Central — Rua João Teixeira Simões, 8 (tel 2430058)
PAREDE — Brandão, Av. da Republica, 77-C (telef 2471054)
S. PEDRO DO ESTORIL —S. Pedro — (Tel 263052)
S. JOÃO DO ESTORIL—S. João — (Telef. 261186).
MONTE ESTORIL — Coste — Av. Sabóia, 29-B (tel 260085)
CASCAIS — Misericórdia —R. do Regimento 19, 41 (tel 280 41 * Cascais— R. Conde de Monte Real — Bairro Caixa, (telefone 282407

● PORTO

Ameal, Rua do Ameal, (telefone 204631 * **Costa Lima**, P. da Liberdade 129 (Telefone 36550 * **Bispo**, P. da Liberdade 129 (Telefone, Av. do Boavista, 855, (Tel 60606 * **Falcão**, R. Santo Ildefonso 6 (Telefone 2 566 * **Invicta**, R. do Bomfim, 330 (T 5 212) **Lapa** R. Antero de Quental 211 (Tel 40697) * **Martins Sucr.**, P. Marquês de Pombal 22 (T 40747) * **Ordem da Trindade**, R. H. e Mart de Ang (Telefone 27420 * **Ramos**, P. do Exército Libertador, 91 (Tel 64935) * **Santa Teresa**, P. G. Gomes Fernandes 00 (Tel 357 3) * **Terreiro**, R. do Reboleiro, 2 (Tel 23576) * **Vaz Teixeira Sucr.**, Rua do Heroísmo 56 (Tel 52851) * **Vilarinho**, Rua do Vitorinho 6 (T 682014) * **Nacional**, Rua Senhora da Luz, 56-Foz (T. 680833).

● COIMBRA

Solum — Rua Carolina Michaelis (telef. 33120) * **Nazaré** — Rua Ferreira Borges (telef. 22605) * **Santa Isabel** — Avenida Sá da Bandeira (telef. 24916).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O 5 DE OUTUBRO VAI SER COMEMORADO COM UMA SESSÃO NO TEATRO VASCO SANTANA

Foi entregue hoje no Governo Civil de Lisboa um requerimento para a realização de uma sessão comemorativa do 5 de Outubro a efectuar no Teatro Vasco Santana.

O requerimento é assinado por diversas personalidades conhecidas, entre as quais o prof. Luiz Lindley Cintra e o dr. Francisco Salgado Zenha.

Para oradores da sessão, que deverá ser presidida pelo prof. Henrique de Barros, indicam-se os srs. engs. Areosa Feio e Francisco Lino Neto e drs. José Tengarrinha, José Saramago, Manuel João Palma Carlos, Mário Sottomayor Cardia, Raul Rego e Urbano Tavares Rodrigues.

A sessão está marcada para as 21 horas do dia 5 de Outubro.

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇAO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo; o vento era fraco predominando de Oeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 33°,8; mínima: Alvalade, 9°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 22°; Penhas Douradas, 9°; Coimbra, 23° Portalegre, 27°; Lisboa, 20°; Faro, 23° e Funchal 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar 6°,6; na atmosfera, 9°.

PREVISAO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHA:

Céu limpo ou pouco nublado; vento fraco.

Amanhã
Nascer ás 7 e 31
Ocaso ás 19 e 21

Dia 4 Dia 11 Dia 19 Dia 27

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 0 e 34 (3,3 m); 13 e 04 (3,6 m). **Dia 1** — 0 e 30: (3,6 m); 13 e 52 (3,9 m). **Dia 2** — 1 e 24 (3,8 m); 14 e 43 (4,2 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — 5 e 12 (1,7 m); 18 e 50 (1,4 m). **Dia 1** — 7 e 02 (1,4 m); 19 e 36 (1,1 m). **Dia 2** — 7 e 49 (1,1 m); 20 e 9 (0,8 m).

A CONVITE DA ATLAS COPCO

Um grupo de jornalistas portugueses visita o maior túnel rodoviário do Mundo, em construção na Suíça

Ao princípio da tarde de ontem, partiu para Zurique, um grupo de jornalistas dos principais diários portugueses que por iniciativa da Atlas Copco se desloca à Suíça, a fim de visitar as obras de construção do maior túnel rodoviário do mundo, o túnel de S. Gotardo.

A realização deste projecto, notável empreendimento da engenharia civil helvética, destina-se solucionar as dificuldades que a barreira alpina põe ás comunicações terrestres agravadas nos últimos anos com o excepcional aumento de tráfego entre o norte e o sul da Europa.

A Atlas Copco, presença habitual nos grandes empreendimentos deste género (recorda-se a sua participação na abertura do famoso túnel do Monte Branco), foi chamada na realização deste novo projecto para, a par dos seus conhecimentos técnicos fornecer os conjuntos de perfuração altamente mecanizados e outros equipamentos pneumáticos que desde o ano transacto escavam a secção sul do túnel, partindo de Airolo.

Vinte e nove escolas portuguesas (do ensino primário) na Alemanha Federal

Por portarias conjuntas dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação Nacional, vão ser criados, para crianças das colónias portuguesas residentes na Alemanha, cursos de ensino primário oficial em Hamburgo, Nordhorn, Rheine, Dortmundo, Dusseldorf, Krefeld, Enskirchen, Gross-Umstadt, Babenhausen, Oberbruch, Meschede, Sandebach/Odenwald, Kaiserslautern, Remscheid, Offenbach, Main, Neheim-Husten, Stuttgart, Bad Liebenzell, Singen, Ludwigsburg, Freiburg, Wolfach, Neckarsulm, Schopfheim/Lorrach, Durnau, Urach, Offenburg-Baden e Ulm.

Os diplomas em causa estabelecem que nesses cursos seguir-se ão, quanto á Língua Portuguesa, á História e á Geografia de Portugal, os programas do ensino oficial português, e quanto ás outras matérias esses programas ou os do país em que funcionam.

A criação dos referidos cursos é feita «com o intuito de proporcionar aos portugueses e luso-descendentes residentes no estrangeiro meios de manterem e intensificarem os seus laços espirituais com a Pátria».

Já foram nomeados os professores para os citados cursos e procede-se ao estudo para criação de mais noutros países.

O mesmo decreto-lei também facilita a prestação de exames por portugueses ou luso-descendentes residentes no estrangeiro, seja qual for a modalidade de ensino em que façam a sua preparação.

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

15406 — 4 200 000$
1628 — 420 000$
10815 — 240 000$

APROXIMAÇOES AO 1.º PRÉMIO

15405 — 12 870$
15407 — 12 870$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS

913	1038	1446	1783	2946
3089	3092	4509	6339	8315
8708	13938	14905	19137	19889
20445	22414	22938	26932	29096
32494	33998	39494	41655	42442
43474	44304	45117	45707	45934
49335	49456			

PRÉMIOS DE 480$00 (centenas)

1601 a 1700; 10801 a 10900
15401 a 15500

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 104, são premiados com 1560$00, em cada bilhete. Os terminados em 039, 097, 145, 270 ou 570 são premiados com 960$00. Por sua vez, os números cujos dois últimos algarismos sejam 04, 31 ou 84 (êm dígito a 600$00 de prémio. Todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação — seja 6, são premiados com 300$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

45 PRÉMIOS GRANDES
NO TOTAL DE
98.380 CONTOS
Foram já distribuídos este ano aos balcões da
CASA DA SORTE
EXTRACÇÃO DE HOJE!
10.815 — 3.º prémio
240 contos
Mais um bilhete com o CARIMBO DA
CASA DA SORTE

SUBVERSÃO, SIM.
EVANGELHO, NÃO.
DE
AMADEU C. DE VASCONCELOS
A verdade sobre o caso do P.º Mário de Macieira da Lixa
DISTRIBUIDORES
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

Boutique Jo
APRESENTA
AS NOVAS COLECÇÕES
OUTONO INVERNO
Rua Serpa Pinto, 14 1.º
Telef. 32 08 42
Rua de S. Bernardo, 70-A
Telef. 673077

M/6 anos
CAMPO PEQUENO
HOJE, ÀS 22 HORAS
A CORRIDA DO ANO!
os melhores toiros para os melhores toureiros
BAPTISTA · VEIGA
"PAQUIRRI" · CURRITO RIVERA
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
8 toiros de OLIVEIRAS e de CABRAL DE ASCENSÃO 8

SUPLEMENTO LITERÁRIO

681 ■ 30 DE SETEMBRO ■ 1971

O CRÍTICO NÃO É UM FANTASMA

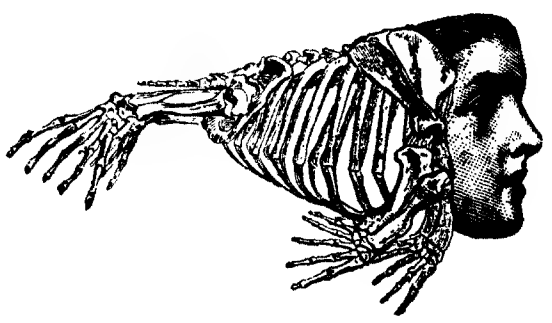
Por Carlos Porto

Ainda que me espetem uma faca, até morrer hei-de dizer o que penso, hei-de dizer o que penso, hei-de dizer o que penso.

BRAZ BURITY

É CONHECIDA a descrição do crítico francês Jean-Jacques Gauthier (do Figaro), vulto encapotado infiltrando-se despercebidamente pelo teatro, em noite de «geral». Senta-se no seu lugar de onde se levanta apenas no fim da função, sem um sorriso, sem um murmúrio. O autor da peça e os espectadores que o conhecem procuram adivinhar um suspiro, uma crispação, um sorriso, um bocejo. Se o crítico tem um franzir de boca, se coça qualquer parte do corpo, o autor interroga-se: será emoção? será pulga? O que pensará Sua Excelência? O que dirá Sua Excelência?

Considero isto infinitamente ridículo e extremamente cretino, embora, vindo de Gauthier, nem sequer espante. Trata-se, aliás, de uma convicção generalizada, segundo a qual o crítico deveria manter-se isolado, pois quaisquer ligações com os outros poderiam afectar a independência e isenção das suas opiniões. Entre os comentários emitidos nesse sentido, lembro os relativamente recentes emitidos pelo actor João Perry e pelo crítico Manuel João Gomes neste mesmo lugar. Segundo

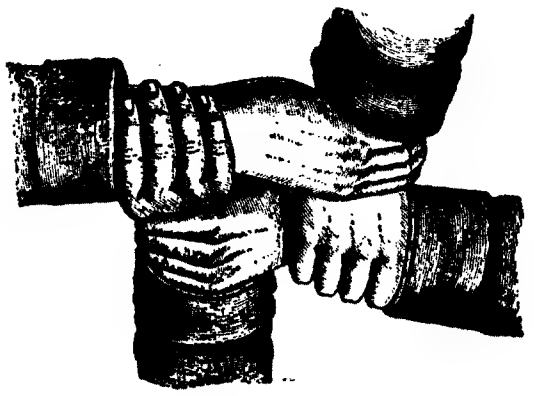


esse ponto de vista, o crítico deveria manter-se à parte da comunidade a que pertence (em primeiro lugar, dos seus colegas e do meio em que exerce a sua actividade), como se fosse uma personagem «sui-generis» que devesse permanecer acima ou ao lado do microcosmos que o espectáculo representa; como se o crítico não devesse, pelo contrário, compartilhar como qualquer outro cidadão-espectador a problemática do espectáculo teatral.

O crítico não é (não deve ser) um espectador isolado, encerrado num casulo, mas, muito justamente, deve sentir-se integrado na cidade, nas suas inquietações, deve procurar entender a sua indiferença para melhor poder combatê-la. Só assim poderá entender qual o caminho, ou caminhos (infindáveis) que interessa percorrer, qual a solução, ou soluções (provisórias), que será necessário descobrir ou inventar. Não é suficiente uma base teórica para justificar um discurso crítico: é indispensável a prática de um espectadorismo activo, isto é, comum.

Não tenho dúvidas em confrontar com as minhas as opiniões de outrém — crítico ou não — e

Cont. na pág. 2



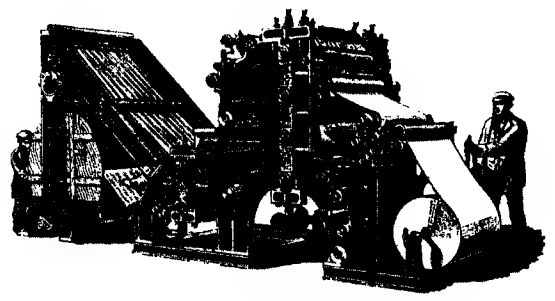
OS BONS & OS MAUS

Por Vítor Silva Tavares

Há dois tipos de suplementos culturais: os bons e os maus.

Os bons reconhecem, louvando, o papel dos escritores e artistas na conjuntura sociocultural portuguesa. São dirigidos por individualidades clarividentes, moralmente bem agasalhadas e portadoras de um elevado sentido da Justiça. Não se constituem em capelas, trincheiras dogmáticas, grupos fechados. São como devem ser: protegem os bons intelectuais (os intelectuais a sério) de invejas e calúnias, promovem junto das massas a personalidade deles e a mensagem que têm para lhes dar, incitam-nos com palavras sábias, publicam-lhes o retrato, o poema, a crónica, o excerto, o artigo avulso, recordam-nos, oportunamente, quando são esquecidos por tenebrosas cabalas silenciadoras, destacam-nos, patriòticamente, dos estrangeiros e estrangeirados. Estão, além disso, atentos ao movimento das editoras — essas poderosas alavancas culturais: há sempre uma palavrinha (extraída, mais que não seja, da publicidade generosamente enviada) para as suas

Cont. na pág. 2

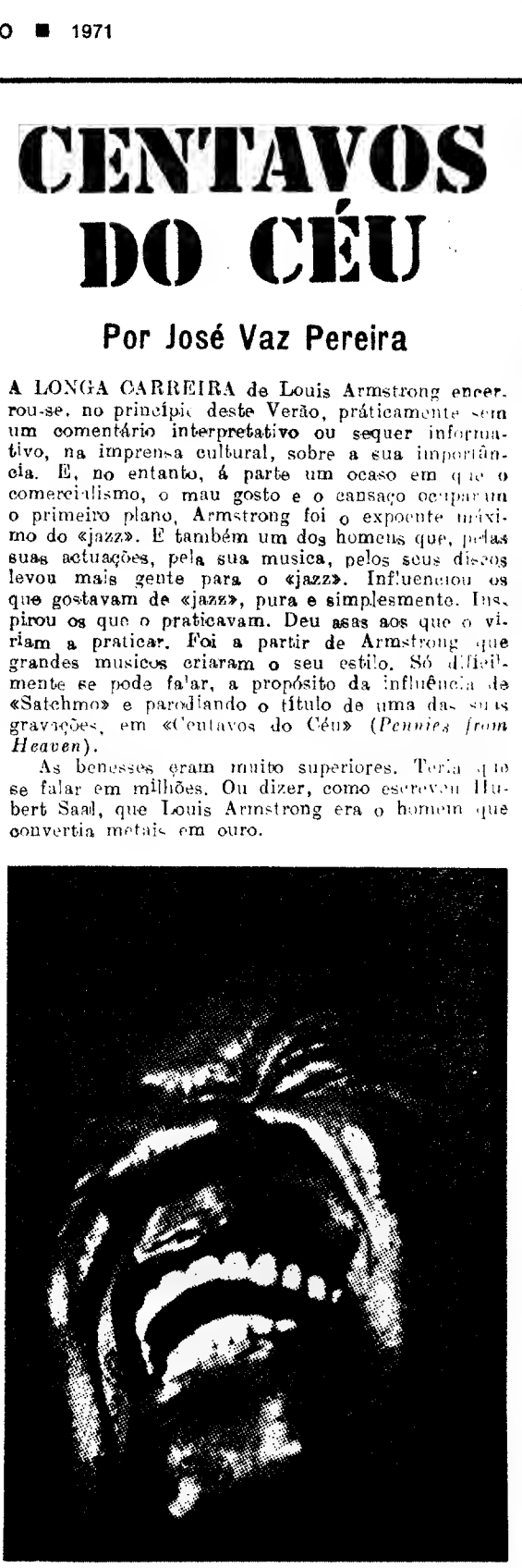


CENTAVOS DO CÉU

Por José Vaz Pereira

A LONGA CARREIRA de Louis Armstrong encerrou-se, no princípio deste Verão, práticamente sem um comentário interpretativo ou sequer informativo, na imprensa cultural, sobre a sua importância. E, no entanto, á parte um ocaso em que o comercialismo, o mau gosto e o cansaço ocuparam o primeiro plano, Armstrong foi o expoente máximo do «jazz». E também um dos homens que, pelas suas actuações, pela sua musica, pelos seus discos levou mais gente para o «jazz». Influenciou os que gostavam de «jazz», pura e simplesmente. Inspirou os que o praticavam. Deu asas aos que o viriam a praticar. Foi a partir de Armstrong que grandes musicos criaram o seu estilo. Só difícilmente se pode falar, a propósito da influência de «Satchmo» e parodiando o título de uma das suas gravações, em «Centavos do Céu» (*Pennies from Heaven*).

As benesses eram muito superiores. Teria que se falar em milhões. Ou dizer, como escreveu Hubert Saal, que Louis Armstrong era o homem que convertia metais em ouro.



Armstrong: expoente máximo do «jazz»

Mesmo quando não aparecia directamente ou nem sequer era aludido, a musica de Armstrong enchia o palco. Lembremo-nos, já para não falar dos Estados Unidos, dum certo cinema e de certa literatura do pós-guerra em França que sentia a mensagem de Armstrong e lembremo-nos, a outro nível, dos milhares e milhares de pessoas que faziam questão de possuir as suas gravações históricas.

É que, duramente, se recusavam a emprestá-los.

A LENDA

O começo da vida do jovem Armstrong foi de miséria. Pedia licença á mãe para ir ouvir musica, os *blues* e o *raglime* que já o fascinavam. Apesar de serem tocados, nessa Nova Orleans de outrora,

Cont. na pág. 2

O crítico não é um fantasma

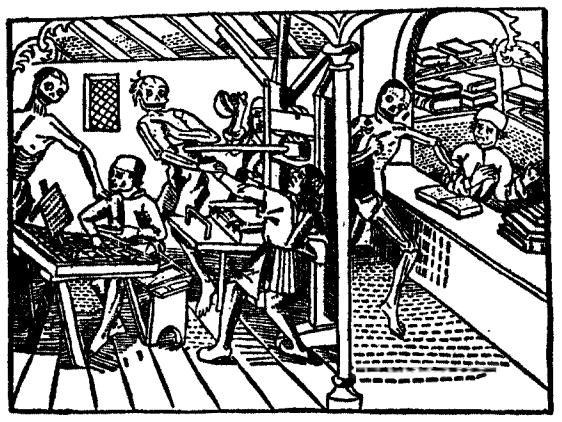
Cont. da pág. 1

poderei eventualmente alterá-las porque não acredito na infalibilidade dos juízos, recuso a omnisciência que o crítico deveria atribuir-se se quisesse analisar e medir do alto de uma tribuna inacessível e não no meio dos outros, vivendo, por vezes, as próprias paixões (positivas ou negativas) que se levantam (infelizmente tão poucas vezes). Conservar uma permanente vigilância crítica não impede a aceitação das vivências que o espectáculo desperta, ou pode despertar; uma atitude a que chamarei, para facilitar, brechtiana, não exige a renúncia do espectador (esteja ele imbuído de uma outra missão como a de escrever sobre o que viu) à realidade compósita que o teatro abrange: um texto, uma representação, um público.

É evidente que nada disto implica qualquer espécie de abdicação das convicções mais profundas nem dos princípios que o crítico defende. Essas convicções e esses princípios caldeiam-se no contacto com os outros — só assim poderão pretender ser fecundos.

E já nem vou comentar o facto, referido por Manuel João Gomes (e José Alberto Gil) dos críticos aceitarem os bilhetes que lhes permitem assistir aos espectáculos que comentam. Seria excessivamente ingénuo supor que essa aceitação implicaria qualquer espécie de retribuição, melhor, essa retribuição consistirá, exactamente, na indiferença do crítico a qualquer tipo de pressão. Obrigar o crítico a adquirir o bilhete para garantir a pureza do seu comportamento, à qual naturalmente ele se obriga, seria admitir que esse comportamento estaria à venda. E, ainda, por cima, seria de uma crueldade insuportável atendendo à (falta de) qualidade de 90% daquilo que é obrigado a ver e sobre que é obrigado a meditar (tortura ainda mais dolorosa).

Estas considerações, de resto, aplicam-se a um tipo de crítica cada vez mais desinteressante: uma crítica judicativa, capaz de impor uma opinião, dogmatizando o que não deve ser mais do que o resultado de uma leitura atenta, reflectida e aberta do espectáculo. Pus, em epígrafe, uma frase do crítico Joaquim Madureira (Braz Burity) que no princípio do século fez crítica de teatro no jornal



«Mundo». A frase foi dita por Burity a uma pessoa de família que o alertava contra a violência com que exercia a sua crítica. Aqui, em 1971, dificilmente podemos avaliar o significado da expressão: «dizer o que penso». Deixem-me uma vez mais, pessoalizar este apontamento: quando faço crítica gostaria de transmitir aos leitores o sentimento de que estou a tentar dizer o que penso, embora não me seja possível fazê-lo, por razões várias (a principal das quais consiste no facto das minhas estruturas mentais estarem bloqueadas desde o meu nascimento — e quem quiser que me entenda!), na sua total e maravilhosa limpidez. Mas o que eu penso não é exclusivo da minha inteligência, dos meus conhecimentos ou da minha visão das coisas, mas sim reflexo de toda uma cadeia de fenómenos dos quais o concreto social não é dos menos importantes.

Com o historiador e crítico inglês Martin Esslin sou de opinião que «*os críticos deveriam tornar-se de certo modo exemplos vivos da atitude crítica em acção. O público deveria esforçar-se por aprender e imitar não as suas opiniões mas os seus métodos e a sua maneira de pensar*». *Só a formação de um público efectivamente crítico, plenamente consciente, conhecendo-se a fundo, poderá opor-se vitoriosamente à manipulação dos cérebros (feita pelos mass media). Só aqueles que dominam totalmente as suas reacções podem querer não ser simples autómatos*».

Por outras palavras, podemos dizer que aquilo que o leitor deve procurar numa crítica de teatro não é saber se o crítico gostou ou não do espectáculo; se diz mal ou bem dos actores; se descreve ou não o argumento da peça (embora a carga informativa seja importante).

Deve procurar entender a posição do crítico perante aquele espectáculo e perante o espectáculo em geral; deve procurar ler nas suas palavras a perspectivação crítica que o comentador assume no mundo em que vive e de que o teatro é (ou devia ser) parte importante. Ou seja, em Portugal, a crítica de teatro começa por ser uma atitude moral. Em termos mais comesinhos: o leitor, espectador em potência, deve compreender — e assumir — a atitude do gastrónomo que se recusa a comer a lebre que lhe servem sem verificar se não se tratará de gato. Porque em matéria de teatro estamos ainda na fase do gato.

Por tudo isto, fàcilmente se entenderá que o crítico não é um fantasma.

CARLOS PORTO

Os Bons & os Maus

Cont. da pág. 1

edições, há sempre um adjectivozito favorável ao consumo. São, portanto, muito lidos e muito lindos, eficazes na linguagem clara e no atraente aspecto gráfico. São, portanto, positivos, fundamentais e imprescindíveis.

Os maus suplementos, esses, quase não têm história. Em verdade, nem deveriam existir. São perniciosos, suscitam querelas, espalham confusões, confundem os espíritos menos advertidos. Dirigidos por pessoas rancorosas, frustradas, vendidas aos figurinos estrangeiros, adoptam quase sempre uma linguagem que ninguém percebe, um código só entendido e apreciado por um pequeno grupo de intelectuais-de-café — os amigos, as capelas. Como não gostam dos bons escritores e artistas, catapultam os maus, ou outros, esses medíocres encapotados, omitindo, significativamente, o que de válido existe na cultura lusíada. Não são abertos, acolhedores, sequer conscientes da elevada missão que lhes cumpre: divorciados do que é bom, contraditores do geralmente aplaudido, perdem em eficácia o que lhes sobeja de prosápia, snobismo, espírito de casta — que eles pretendem intervenção de signo maior. Negam, afinal, a Arte: trabalham sob o signo (estrangeirado) do criticismo materialista. Negam, também, as solicitações das maiorias: comprazem-se num mister obscuro—e por tal incompreendido. Que glória ou proveito ou tortuosos desígnios perseguem? Não se fica a saber: comunicam por entrelinhas, alusões, metáforas, fábulas, citações por onde canalizam (julgam canalizar) as suas estruturas filosóficas. Querendo ser actuais (sem reconhecer fronteiras) deixam de ser actuais fronteiras adentro. Que ilusão! Que orgulho desmedido! Que falta de bom senso! E então a Língua? E então o Espírito? E então a Unidade dos Bons? Nicles. Para eles, Escritores Portugueses quase não há. Editoras, idem. Cultura autóctone, aspas. Ora bolas! O País quer outra coisa, os bons escritores também, as editoras também, o próprio realismo socio-económico da hora actual também. Mas é bem feito: se isolados se querem, isolados estão — e irremediàvelmente ultrapassados. Os maus suplementos falham (n)o presente. Como almejam ter futuro?

O que vale a toda a gente é o fôlego, o dinamismo, a perspicácia dos Bons Suplementos. Nada está perdido! Amanhã é a Glória!

Vítor Silva Tavares

Centavos do céu

Cont. da pág. 1

em lugares pouco recomendáveis. Uma das ocupações de Armstrong era transportar carvão para casas de lanterna vermelha. O rapaz entregava a encomenda e ficava a ouvir. Nessas casas havia sempre «gatos» a tocarem para a madame e para as raparigas, a troco de alguns dólares resultantes do comércio das damas.

Nas declarações de Louis Armstrong, quase 65 anos depois, esse período de sua vida com pregões na rua, reformatório, bordéis de Storyville, danças, belezas negras, crioulas e brancas, «dixieland», tocando em todos os acontecimentos, ganhando, gastando, não se sente o mínimo rancor. Louis Armstrong aprendeu imenso nesse período (as bebidas eram baratas — e muito fortes»; «as mulheres, nesses tempos, eram muito mais atraentes do que as raparigas de hoje com essas malditas calças apertadas»; «andava sempre musica no ar»). Nunca o esqueceu. Nova Orleans era a sua terra e a terra do «jazz». Quando voltou, já depois de tocar em Chicago, nos *Lincoln Gardens* com King Oliver, teve uma recepção apoteótica.

A fama — de artista internacional — viria depois. A lenda também e a fase de Nova Orleans passaria a ser lenda.

As memórias desse tempo irrecuperável ficariam sempre com Armstrong. O indicativo das suas actuações foi, durante muitos anos, a composição: «When it's sleep time down south» — quando é tempo de dormir no velho Sul.

A CAMINHO DO FENÓMENO DE MASSAS

Num dos seus «tours» pela Europa (e foram muitos) a crítica assestou baterias para atacar Armstrong. Não tanto pela sua musica mas pelas suas concessões. Concessões que ultrapassavam o plano puramente musical: o grande trompetista ter-se-ia tornado o embaixador dum certo «clownismo» inconsequente, e seria uma edição moderna e babosa do espírito acomodatício e adulador do Tio Tom. As suas palhaçadas acabariam por passar um atestado de irresponsabilidade á sua raça.

Ora, tal pensamento não n os parece inteiramente justo. Louis Armstrong era, além dum excelente musico, um magnífico comediante, cheio de presença em cena, um *performer*. É difícil ser-se isso tudo, durante cinquenta anos, sem concessões. Armstrong nunca pretendeu ser um militante nem um homem separado do publico. Mesmo assim,

em casos como os de Little Rock e Selma, soube intervir do lado justo.

Censuravam-lhe também, em certas alturas, ser mais um cantor comercial do que um *jazzman*. O certo é que Armstrong se exibia perante audiências que ultrapassavam em grande numero os adeptos duma musica que, no princípio e no meio da carreira do homem de Nova Orleans, não atingira ainda uma popularidade maciça.

Tio Tom para o exagero duns, Arcanjo com trompete para a idolatria dos outros (Hughes Panassié escreveu que Armstrong *nunca* assinou uma gravação desinteresante ou de mau gosto) o que é certo é que o impacto do seu «jazz» foi tremendo e quase transformou o novo som num fenómeno de massas.

E Satchmo não terá sido o primeiro homem (nem certamente será o ultimo) dilacerado entre os compromissos comerciais e a preocupação de manter a dignidade na execução da sua arte. Mas a sua desforra contra certas miopias terá sido também, agora que ele nos deixou, a sua arte ser maior do que ele estar destinada a ficar maior ainda.

Portanto as críticas — e houve algumas justas — deveriam reconhecer que Louis Armstrong, ainda que prisioneiro da máquina que organizava os «big shows», soube por uma qualidade — mesmo nas suas canconetas comercialonas — que levava a centelha duma personalidade fora de série. «Você não estará a portar-se mal?» (Ain't Misbehavin'?), a célebre composição de Louis, tinha um duplo sentido: o homem que a executava fazia a pergunta a pergunta aos outros... e a si próprio.

UMA SONORIDADE SUMPTUOSA

A força, a impetuosidade, o domínio total dos seus ataques e dos seus silêncios) eram as armas de Louis Armstrong. Bem como uma sonoridade a que ele soube dar uma dimensão sumptuosa. Ele fazia coisas com a trompete que pareciam impossíveis e em que só acreditávamos depois de ouvir. Foi a voz que deu um segundo fôlego á carreira do grande *jazzman*. Sem os seus dotes de vocalista, Armostrong não teria durado tanto tempo. A sua voz rouca, cheia de pedras, recordações, bonomia, tristeza alcançava no domínio da expressivade uma agudeza e uma amplitude incontestáveis. Execução instrumental e voz combinavam-se, no período áureo, para formar um estilo sem paralelo. Quando a execução instrumental teve inevitàvelmente de decair foi a voz que assegurou a passagem do testemunho.

A musica de Armstrong vivia de improvização como aliás quase todo o «jazz» da época (as orquestrações de Duke Ellinaton eram uma excepção) Mas tal liberdade não excluía um grande rigor e uma grande disciplina na qualidade musical. Como intérprete Armstrong impunha a si obrigações que nunca foi capaz de obter dos conjuntos que o acompanhavam, casos como os dos «Hot Five» e «Hot Seven» á parte, claro.

E esse terá sido outro dos dramas deste homem bom mas que o seu entusiasmo e a sua boa vontade terão feito esquecer: o isolamento duma musica e dum poder interpretativo tornados solitários pela sua qualidade.

JOSÉ VAZ PEREIRA

FIM DE ESTAÇÃO

Por Rocha de Sousa

TENHO o maior respeito pelos astros e uma consciência quase nevrótica da sua influência no comportamento dos homens. Veja-se o caso das estações. Há estações de tudo e para tudo, começando pelas quatro estações do ano, aliás ùltimamente um pouco desfasadas ou misturadas, às vezes malignas e eléctricas, outras vezes turísticas, rentáveis, consumíveis e alheias ao calendário. Há as estações dos (e para) os saldos, as estações da moda, as estações para escolha dos padrões da beleza feminina (em fato de banho, «hot-pants» ou trajo regional) e até o futebol tem as suas estações. As férias têm quase sempre uma estação própria, incluindo a «saison» que certa burguesia vai inaugurar fora do país a partir de Outubro, apanhando chuva e frio mas aspirando as novidades mais chiques de uma cultura que é toda rigorosamente distribuída por estações. O comércio regula-se, segundo preciosas técnicas de «marketing», pelas estações alheias de modo a chamar-se comércio de Inverno, de Outono, de Primavera ou de Verão — e às vezes refaz os nomes e as respectivas vendas. Tudo com estações próprias, as naturais e as artificiais. A caça às perdizes, às rolas ou às lebres não escapa à regra. E das colheitas nem se fala, mas aí não há em geral técnicas de «marketing» e os saldos não costumam ser nem operações comerciais nem operações bancárias. Tudo isto, está bem de ver, sem falar no conceito de meia-estação, que atinge particularmente o vestuário.

Pois a cultura também sobre o efeito das outras ou das suas próprias estações, um fluxo e refluxo por vezes incontrolável. Nas artes, as *temporadas* são estações muito bem medidas que se sobrepõem ou se separam conforme a disponibilidade e as estatísticas dos apetites. As galerias de arte, por exemplo, já sabem que a sua estação está moribunda com o fim das chuvas e não há viragem da meteorologia que convença o público ao gostoso sacrifício das «premières». São as estações. Há um cinema para o Natal, outro para o Carnaval e outro para o Verão. O verdadeiro dizem que é o do Outono e o do Inverno, com umas falhas pelo meio. O teatro chega a morrer em Março, e às vezes nem sequer nasce, mas o de revista costuma ter conta aberta no Parque Mayer e não se lhe conhecem estações muito definidas, excepto as dos empresários.

A crítica — toda a crítica, a de cinema, de teatro, de música, de artes plásticas, de literatura, de tauromaquia, etc. — toda a crítica tem igualde tauromaquia, etc. — toda a crítica tem igualmente as suas estações. Como depende de outras actividades (excepto quando se disfarça no ensaio), a crítica tem as estações que têm essas actividades. E também tem as estações onde se exerce — as raras revistas especializadas (o termo é pomposo mas não fui eu quem o inventou), os poucos Suplementos ditos de Artes & Letras e os cafés. Não há quem duvide, por exemplo, que a Brasileira do Chiado tem a sua estação intelectual (a começar em breve) e a sua época de defeso — porque até a cultura de café, se não for devidamente defendida corre o risco de se esgotar como as perdizes ou as rolas.

Aqui, onde escrevo e dou notícia, sem estações, das estações das artes plásticas, uma estação acaba e outra começa. Falo do Verão, necessàriamente. Um Verão que, não tendo sido tão quente como seria desejável, teve pelo menos, neste jornal, a temperatura de uma persistência, a crença numa atitude divulgadora e pedagógica em torno dos problemas da criação, o sentido denso do espectáculo e da eficácia e do significado das palavras. O desejo de precisão das ideias. A vontade de confrontar e concentrar essas ideias. A convicção de que a consciência pode sobreviver ao efeito destruidor das estações.

O Outono chegou. O Inverno não tarda. Para as artes, e para a crítica, reabre-se a estação nobre, a estação por excelência, segundo hábitos estabelecidos. Mas a riqueza dessa estação pertence ao futuro: respeito os astros mas não percebo nada de astrologia. E também não sou meteorologista, o que de resto não me adiantava grande coisa dadas as condições precárias (mesmo com satélites artificiais) em que navega essa ciência. Uma coisa é certa: as galerias afinam as suas salas e os seus programas, os críticos limpam os óculos e mudam de «bic» e os jornais preparam os homens e as máquinas. Acredito na necessidade e no poder da informação: as estações são breves ou brevemente transitórias, mas o nosso olhar, esse tem que saber distinguir a realidade sob a clara luz do sol ou sob a cortina pardacenta e húmida da chuva que se aproxima.

EXERCÍCIOS DE FOGOS REAIS

Por RICARTE-DÁCIO

There will always be a cunt or a revolution around the corner, but the mother who bore me turned many a corner and made no answer, and finally she turned herself inside out and I am the answer.

HENRY MILLER

«EXERCÍCIOS DE ESTILO» tiveram o condão de *arrancar-me* a preguiça, obrigando a caneta a uma tentativa ágil de martirizar o leitor, desfibrando por fora o que Luiz Pacheco desmultiplicou por dentro.

Vamos a isto.

Para já dezoito textos, dois dos quais notabilíssimos — «O Caso do Pai Chocadeira», «O Caso das Criancinhas Desaparecidas».

Que se passa?

Coisas importantes, caro leitor. Imaginem vocês um Homem de quarenta e tal anos, nascido por aqui, educado (e bem) com todas as armas das famílias *«como deve ser»*, destinado mesmo á chamada carreira, apetrechado desde o berço a uma futura condição de Senhor. Imaginem vocês esse Homem, esse grande Louco, desqualificar-se deliberadamente, abdicar da poltrona e resolver em gesto de desprezo insólito seguir pela Estrada Real da sua Liberdade.

Que acontece?

Tudo ou quase.

Mas o Homem, que é forte, insiste. Despe-se mais, transgride no alto da montanha. Mata?! Alto lá!...

Claro que não é bem assim. Caramba! Ele não mandou ninguém para o cemitério. Mandou apenas á fava (fava?) e saiu pela porta fora, deixando para trás impotentes raivosos da cama para dentro, ou o que é bem pior — de sobretudo na cama.

Depois foi á sua Vida. Teve filhos. Teve muitos filhos e quis, também insòlitamente, proporcionar-lhes um Esquema diferente. Não ser tirano. Não mentir. Não vesti-los de bobos de corte. Não pendurar retratos nas paredes. Não ser finalmente o que ele mesmo — Luiz Pacheco — no primeiro texto acima citado denominou e bem por Pai-Pai. Em suma, não ser déspota!!

Pois é. Mas aqui as coisas complicaram-se ainda mais. Como pode um homem, ou mesmo um Homem, matar por completo um *background* que se levou vinte anos a edificar e levar por certo (para ser radical) pelo menos outros vinte a demolir? Não é fácil o processo, já porque fascinante. É e também um doloroso e inquietante calvário.

Este assunto, de problemática complicada, apresenta-se no texto de L. P. servido por uma linguagem manejada com segurança, maestria e riqueza, dando-nos a fotografia nua e feroz do quadro dos costumes portugueses. Tal quadro raramente a este nível tem aparecido impresso nos últimos anos. Não obstante, não pensem os leitores que L. P. se restringiu ao assunto. Pelo contrário. O texto dir-se-ia quase sem limites (nas suas buscas?), já porque o autor crava o punhal da análise nos apoios de vária *ordem* da *Família* já porque um Real Regimento de pequenas e grandes Negativas, interrogatórias ou não, se entrechocam afirmando-se. Indeed.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES: o autor, Sr. Luiz Pacheco.

ARRISCA-SE REALMENTE

Há por aí muitos da literatura que o façam? Oh!

«Exercícios de Estilo», L. P., não encerram contradições?

Claro que sim. Vemos por exemplo em «O Caso das Criancinhas Desaparecidas» (outro texto a vário, títulos notável) afirmar-se «Já deixei para trás, porém, muitas vítimas e se não me arrependo não quero não desejaria fazer mais».

Aqui permitimo-nos discordar, sendo mesmo da opinião inversa — é preciso cada vez mais continuar a fazer vítimas. *O recolher não pode nunca apontar se descarregado.*

Perpassa também através de alguns textos um certo substrato de culpa, que se assemelha a raízes cancerosas não de todo extirpadas após a operação.

L. P. continua lutando no seu *inferno interior* com os resíduos da religião dos seus maiores. Acontece.

Resulta disso a Confissão Pública? Sim? Não?

O Grande Transviado?

Resulta disso a genoflexão á séc. XVIII ao grande Mecenas? Sim? Não?

O *nosso* Henry Miller? («O Homem que Calculava», «Conversa de Três», etc.).

O *nosso* Céline? (O Caso das Donas e Donzelas Arrebatadas», «O que é o Neo-Abjeccionismo», etc.).

O *nosso* Jean Genêt? («O Libertino em Braga», etc., etc.).

Tudo isso e nada disso, já porque *DAQUI*.

A caçadeira vai finalmente colocar-se a tiracolo e L. P. tombará fulminado (!) com os apelidos que Sartre deu a Genêt:

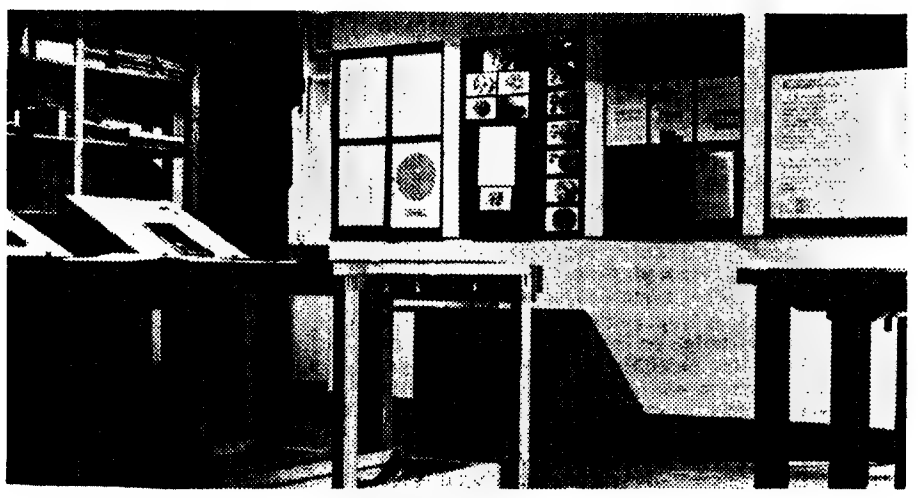
Comediante e Mártir.

... ...

OMNIS CHRISTIANUS CHRISTUS EST.

O CURSO DE FORMAÇAO ARTÍSTICA, em funcionamento na Sociedade Nacional de Belas-Artes desde há anos, realizou mais uma exposição de exercícios de adestramento e pesquisa, propondo dessa forma ao público uma leitura dinâmica dos problemas estéticos e profissionais enfrentados nas sessões de atelier. Desta vez, e ao contrário do que sucedeu no ano passado, a exposição circunscrevia-se ao espaço das próprias salas de trabalho, numa suspensão aparente e feliz das tarefas, permitindo que o espectador tomasse contacto com a realidade do funcionamento do curso e com os aspectos mais significativos da pedagogia nele desenvolvida.

O Curso de Formação Artística, criado em 1965 pela Sociedade Nacional de Belas-Artes, para corresponder às prementes exigências da nossa vida cultural no domínio artístico, e das que surgem numa sociedade que alarga progressivamente as suas actividades, procura fornecer apetrechamento para serviços de atelier (Produção, Publicidade, Arquitectura) e serviços de comunicação de massas (Jornais, Editoras, Rádio, Cinema e TV). Adaptando-se sucessivamente a novas necessidades e circunstâncias do meio português, o Curso de Formação Artística, cujas inscrições já se encontram abertas, assume este ano novas responsabilidades ao procurar concentrar-se numa mais clara definição profissional e ao procurar responder aos interesses de uma clientela empregada de dia, pelo que passará a ter duas turmas (diurna e nocturna) no primeiro ano, transferindo-se, a partir do segundo, para um horário com início ao fim da tarde. As opções que se reflectem no domínio profissional, em relação às habilitações que o curso vai proporcionar nesse plano, passam a ser rigorosamente tomadas no segundo ano.



INQUÉRITO

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

AS RESPOSTAS DE EDUARDO PRADO COELHO

TEVE importância decisiva na divulgação de um novo método de crítica, a actividade regular desenvolvida por Eduardo Prado Coelho nas páginas deste Suplemento. Embora, como ele próprio diz, se tratasse «de uma solução de compromisso entre a prática crítica efectiva (...) e o mero jornalismo literário», essa actividade conseguiu lançar entre nós (polèmicamente) «um certo número de temas e propostas de reflexão que hoje (já) circulam com maior à-vontade e acolhimento».

Esta uma das razões por que tem para nós uma singular importância a publicação do seu depoimento

Através das suas respostas, cuja «clareza» e objectividade realçamos, cremos que se caracterizam e exemplificam bem alguns dos processos da crítica dita «tradicional» e, portanto, o que mais diferencia do que (também para Eduardo Prado Coelho) impròpriamente se tem designado por «nova crítica».

De notar, igualmente, os comentários às respostas de Jorge de Sena e ao que nelas de certo existia de ocultação dos problemas teóricos efectivos através da sua deslocação para um plano moral ou seja, a colocação da actividade crítica ùnicamente em termos de justeza e honestidade.

Deixemos no entanto que seja o leitor a percorrer a aventura sinuosa que lhe propõem as respostas de Eduardo Prado Coelho. Como ele próprio diz, «é preferível afrontar o desconhecido do que permanecer na monotonia do bom-senso». Para o leitor, neste caso, o desconhecido é toda a diversidade de questões para as quais Eduardo Prado Coelho procura provocar a nossa atenção.

1

SE PENSARMOS em actividade regular, organizada, interveniente, nesse caso, a resposta será como é evidente, não. Que é, aliás, a crítica portuguesa? Podemos circunscrevê-la fàcilmente, designando, por um lado, as tribunas semanais de certos comentadores, e, por outro, os artigos esporádicos em «páginas literárias», textos que, depois, aparecem sob a forma de volume. Há ainda trabalhos de vulto que surgem de tempos a tempos mas trata-se quase sempre de obras de história literária ou de erudição cultural. Seria abusivo não estabelecermos a distinção: há livros de história da cultura que são do maior merecimento, e revelam os méritos dos nossos investigadores, mas de modo algum poderemos supor que estamos perante *discursos críticos*. Por conseguinte, a crítica literária portuguesa é, neste momento, *quase* inexistente. Aparecem, é verdade, em publicações periódicas, ensaios de maior ou menor fôlego e de feição mais ou menos biografista ou historicista — na sua maioria, são textos de uma sonolenta mediocridade, que se tornam perfeitamente ilegíveis para o leitor mais impaciente.

Contudo, há, é evidente, alguns sinais estimulantes de que um verdadeiro discurso crítico se vai revelando a pouco e pouco. São marcas isoladas e dispersas, por vezes fragmentárias, de actividades descontínuas — o que, em parte, se deve à ausência de condições práticas para o trabalho individual e ainda para o trabalho em grupo (que, entre nós, só muito raramente tem sido tentado).

Uma palavra ainda (julgo que necessária) para a minha própria actividade crítica regular, primeiro nas páginas de *Seara Nova*, e mais tarde, e por mais tempo, nas colunas do *Diário de Lisboa:* tratava-se de uma solução de compromisso entre a prática crítica efectiva, que, por vezes, em ocasiões mais propícias, se chegava a realizar e o mero jornalismo literário. Nem sempre rigorosa, nem sempre inspirada, nem sempre equilibrada nos seus juízos de valor, essa actividade teve, segundo creio, um aspecto positivo: o de lançar polèmicamente um certo numero de temas e propostas de reflexão que hoje até circulam com maior á-vontade e acolhimento. Mas não julgo que seja legítimo identificar toda a produção desse período, concluído em fins de 69, com a noção de uma Nova Crítica — o que certamente comprometeria a análise e apreciação que desta se possam fazer.

2

SEJAMOS claros: a designação de Nova Crítica não se aplica a uma escola, mas a toda uma multiplicidade de métodos, por vezes divergentes, por vezes convergentes. O valor da noção consistirá na possibilidade de através dela marcarmos uma linha de ruptura, um corte decisivo (que não exclui, claro está, as «recaídas»). Assim, tal como não ver a diferença entre «esquerda» e «direita», é, no dizer famoso de Alain, um distintivo de «direita», também não aceitar a visibilidade do corte é ficar *aquém dele*, é não ver algo que só para *além dele* se torna visível.

Nesse ponto, torna-se talvez curioso assinalar a tentação em que fàcilmente se tomba numa resposta a inquéritos deste teor: é a tentação «nem-nem», que Barthes definiu no rigor das suas *Mitologias*, demonstrando que se trata de um mecanismo de dupla exclusão: *nem* o academismo da «crítica tradicional», *nem* o terrorismo delirante da «nova crítica». O que se ajusta a uma certa concepção de liberdade: afirmadas as distâncias, sente-se o crítico mais firme na liberdade do seu pensar. Contudo, não se trata, neste caso, de aferir os méritos e deméritos da «crítica tradicional», que tem, como é claro, muitos motivos de orgulho, e da «nova crítica», que apresenta fàcilmente muitos pontos vulneráveis ou inconsistentes. O que se pede é *uma opção teórica*, que, sabendo vislumbrar as diferenças, saiba apostar, com rigor e entusiasmo, nas verdadeiras transformações de vanguarda: Barthes, para tomarmos o modelo mais próximo, é o exemplo admirável do crítico que, sem abandonar a configuração específica da sua escrita e do seu pensamento, sabe *ir ao encontro do essencial*. Não necessita para tal de fazer ironia fácil e um pouco ingénua a propósito dos «excessos vanguardistas». Parece-lhe ser evidente o que um dia Valéry formulou com justeza exemplar: «Le monde ne vaut que par les extrêmes et ne dure que par les moyens. Il ne vaut que par les ultras et ne dure que par les modérés». Por isso estamos dispostos a aceitar o que de «teorromismo» nos cabe: é preferível afrontar o desconhecido do que adormecer na monotonia do bom-senso.

Fundamentalmente, caracterizam uma «crítica nova» três aspectos essenciais: valorização do texto como materialidade significante; utilização das «ciências do homem» não só no plano metodológico (pela transferência vigiada de conceitos) como no plano do discurso (pela elaboração de linguagens com maior capacidade integrativa dos textos criticados); e reflexão teórica, concebida como capacidade de uma teoria se retomar em cada momento a si mesma para se reformular criticamente num processo incessante.

Trata-se acima de tudo de

E. P. Coelho: importância decisiva na

Breton-sanduiche-DADA, em 1920

Nos cinco anos da morte de ANDRÉ BRETON

NO DIA 28 de Setembro de 1966 morreu André Breton. Estavam um bocado de parabéns os oportunistas, os coconotes do escrevinhar e os pequenos jogadores das artes e das letras de todos os quadrantes. No entanto foi um riso prematuro...

Pois o homem que disse «querida imaginação, o que eu mais amo em ti é que não perdoas», segue perturbando as boas consciências e respectivos satélites, para além do tempo e do espaço onde sempre esteve exemplarmente.

Ligada a vida à morte, desfeitas as antimonias que ainda embaraçam e peiam os espíritos gordos em exercício por esses burgos fora. Breton continua a ser a voz clara, diurna e nocturna, «cuja palavra mais simples tem o valor duma revolução». como Benjamin Péret nos apontou.

Não se trata, portanto, de uma consagração ou de uma homenagem, ambas tão ao gosto bondoso dos vendilhões de cadáveres da nossa praça, o que pretendemos. Trata-se, muito simplesmente, de colocar de chofre, ou de mansinho (a escolha é fácil), uma vez mais, num lugar e num país — uma violenta e pura afirmação de amor e de liberdade.

NICOLAU SAIÃO
CARLOS MARTINS

ORION

A ANDRÉ BRETON

Estás sentado no teu perfeito novelo de cartilagens
puseste no relógio a tua amante dum único braço
que sem ter medo devagarinho dorme
nas antigas engrenagens da noite.
Um ou outro debruçam-se na primeira porta
de dia as árvores petiscam o carvão
na sala às vezes a morte come os convidados
e debaixo da gaiola onde um anão
dá o seu concerto no fundo do céu
com as máscaras vikings na flor do gás
eles esperam metálicos e belos.

Ur a cidade signo da chuva alaranjada
aves com gravata descascando pequeninos sóis
nas ruas outra figura as casas em cima
do planeta
o fogo corre como um pé de cristal negro
tantas mulheres tantas atrás de nós o vento
o corpo do velho mágico do velho camponês
o som esgotante perdido das enxadas
mais que para descobrir mais que para enfeitar
agora o redondo puro simétrico monte das cam-
[pânulas

já não sustem a barragem dos limos
não suspende nas unhas embruxadas
o carnívoro odor devorado pouco a pouco.
Eras meu povo dos palácios meu povo crivado
o assalto da areia o assalto do vento
metálicos e belos como as asas
sobre a campainha tocada o som que não vem de
[nenhum lado

e ainda não é bem a primeira ruga
não é o primeiro salto no abismo
embora a figura fique hirta de pânico
e um esqueleto rodopie duma ponta a outra ponta
na dimensão imaginária.

Teremos de recordar
não o mistério do homem que caminhava sòzinho
no chapéu do touro
o peito mergulhado
nos olhos
na terra sombria muito antes da música
na luz circular
no dragão dos capotes
na perna funâmbula do louco
na cama dentro da galeria infindável.

A mulher que se lhe junta doidamente
é o segredo bem o sabemos é o segredo.
De que naves alimenta a sua crua defesa
senão da mosca vermelha que lhe pousa nos dentes?
Dominando a penumbra que tu não começaste
tu que sem a primeira voz sem o primeiro aguaceiro
do negrume
vagueias no picante perfume do sangue
onde os homens esperam
as ferramentas simples do artista
frescas agulhas do tempo
ou no campo indefeso das ausências
ou na estranha fúria das carícias

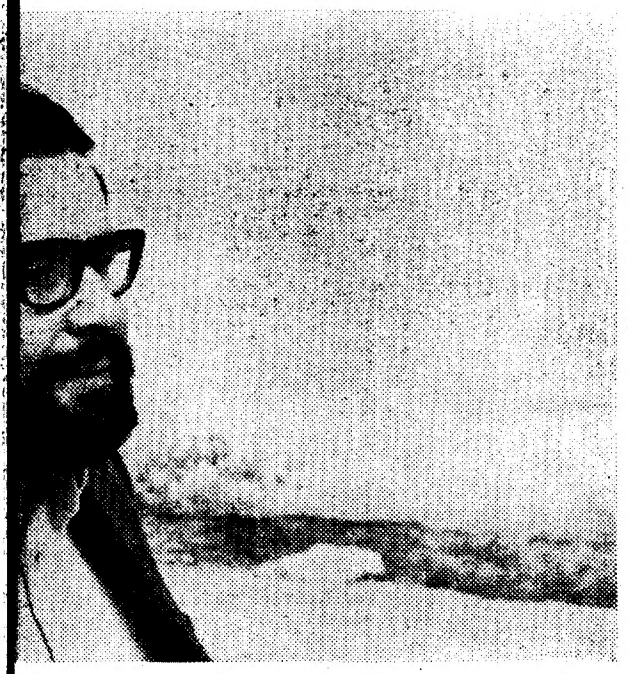
um olho amarelo corlado sobre a roda do mundo.

NICOLAU SAIÃO

O COELHO

...r o *texto*, isto é, de rever a multiplicidade dos seus ...ódigos, a pluralidade das ...as relações significativas ... a infinitude do seu mo...mento significante. Leitu... que não visa a tentati...a de afirmar um inefável ...u de fixar um significado, ...cios que identificam os ...étodos tradicionais, mas ...ue procura *trabalhar o tex...* para que ele se nos reve... na sua permanente dife...nça.

Reforcemos a ideia: a ...nova crítica» é simultânea...ente *mais teórica e mais ...ncreta*. Isto é, a reflexão ...órica não impede, mas, ...lo contrário, suscita o ri...r da análise, e, em con...aste com a crítica tradi...onal, que parece pairar ...bre a obra, contornando-a,



...va nas páginas deste suplemento

...s vemos a «nova crítica» ...mpreender verdadeiras lei...uras exaustivas, que oscii...m entre a minucia do efei... estilístico considerado e ... consideração do movimento geral do texto que o implica. Veja-se como a crítica «impressionista» se prende a pormenores marginais à obra, se deixa seduzir pelos elementos exteriores (títulos, epígrafes, textos de apresentação), sendo incapaz de avançar no interior da própria obra e de a produzir num processo de leitura-escrita.

Encare-se um exemplo. Têm estado a ser publicadas as «obras completas de Almada Negreiros», tendo sido até agora divulgados dois volumes de prosa narrativa (um com *Nome de Guerra*, outro com novelas e contos). Ora uma vez que a qualidade literária de Almada Negreiros parece (provisòriamente) não estar em jogo, teria sido oportuno que a «crítica tradicional», por uma vez, falasse *dos textos*, e mostrasse de um modo convincente que os seus juízos semanais possuem algum fundamento (isto é, que existe um trabalho prévio às suas intuições).

Que pudemos nós ler? Em relação ao primeiro volume, constituído por *Contos e Novelas*, o seguinte: foi a crítica «presencista» que descobriu Almada Negreiros; José Régio escreveu que Almada Negreiros é «sobretudo um poeta lírico», e ainda: «É com Almada Negreiros que o nosso lirismo reencontra o seu fundo original, volta a beber água da bica — e se alarga»; Régio tem razão ao dizer que Almada é sobretudo poeta; precipitam-se sobre Almada os «jovens críticos», muito embora «o façam utilizando bitolas críticas na maior parte dos casos viciosas e viciadas»; Régio tinha razão ao dizer que Almada importou para a realidade portuguesa os mais importantes achados, invenções,

Cont. na pág. 6

AS PERGUNTAS QUE FIZEMOS

1. — **Considera que existe uma Nova Crítica Literária em Portugal?**
2. — **Quanto a si, o que a distingue dos métodos e processos anteriores?**
3. — **Crê que se poderá estabelecer (ao menos ao nível simbólico) um ponto de ruptura?**
4. — **Mais do que um conflito entre gerações, acredita que a polémica verificada entre uma «velha» e uma «nova» crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o objecto de arte e suas relações com o espaço em que necessàriamente se inscreve?**
5. — **A possibilidade de uma crítica nova está hoje ligada à utilização que ela possa fazer de algumas das disciplinas científicas em que procura apoiar-se. Quanto a si, o que de radicalmente novo lhe trouxeram algumas dessas disciplinas?**
6. — **O que é criticar? Tem a crítica uma função imediata?**
7. — **Acredita ser através da crítica que verdadeiramente se completa o processo de produção iniciado pela escrita?**
8. — **Fale-nos de como pessoalmente encara a prática da crítica e do que através dela procura atingir.**

Prontuário das Letras

China (Popular): do optimismo ao «longo Inverno»

«Um longo Inverno»

Escreve Donald Bremner no «*Los Angeles Times*» (correspondência de Hong-Kong, 14-9-71) que está a terminar o «longo Inverno» da literatura chinesa. A fazer fé no jornalista americano, «a produção literária» (da China Popular) «transforma-se com vista a acompanhar a actual tendência de distensão interna, moderação política e maior contacto com o estrangeiro».

Escritores e jornalistas seriam agora encorajados a tratar os seus temas sem o recurso (exaustivo, para quem conhece uma revista como «*Chinese Literature*») ao ideário de Mao Tsé-Tung. Tais informações, aparentemente colhidas num artigo do jornal «*Bandeira Vermelha*», são completadas com o testemunho de «visitantes recentes» que dizem ter visto nos escaparates das livrarias «novos volumes de contos e romances». Visto e, claro, comprado, porque os mesmos visitantes afirmam serem essas obras «pesadamente políticas mas [...] mais do que simples paráfrases de Mao»

De Gaulle, Malraux, Salan

Foram tornados públicos os resultados comerciais da edição francesa na última Primavera (números do Verão não se conhecem ainda). À cabeça, porque não, as «*Mémoires d'espoir*», do falecido presidente Charles De Gaulle, com mais de 400 mil exemplares «*Les chênes qu'on abat*», de André Malraux (figura central: De Gaulle), ultrapassou os 300 mil, enquanto as «*Mémoires*» do general Raoul Salan não subiram (mas mesmo assim!) dos 210 mil.

«*Mourir d'aimer*», de Pierre Duchesne, com 350 mil, «*Libertador*», de Jean Lartéguy, com 250 mil; enfim, «*Des hommes et des plantes*», de Maurice Méssegué, com 210 mil, atingiram também os píncaros da notoriedade

Quanto aos prémios: o Goncourt (Michel Tournier) passou dos 200 mil, o Interaliado idem, o Fémina chegou aos 150 mil e o Renaudot aos 120 mil. Curiosa a posição de «*Kamouraska*», de Anne Hébert, galardoado com o Prémio dos Livreiros: em Junho, vendidos já mais de 100 mil exemplares, continuava a sair bem.

Livros para Frankfurt

O Grémio Nacional dos Editores e Livreiros promove a instalação de um pavilhão com obras nacionais na próxima Feira do Livro de Frankfurt (14-19 de Outubro). Lê-se no boletim do G. N. E. L. que os editores foram «oportunamente notificados para que, caso estivessem interessados, remetessem as suas obras, a figurar no pavilhão português [...], para o Grémio.»

A. M. Janeira sai do Japão

O ministro de 1.ª classe, dr. Virgílio Armando Martins, foi nomeado embaixador dos serviços externos e colocado na Embaixada de Portugal em Roma Estava anteriormente em Tóquio.

Conhecido nos meios literários por um nome algo diferente — Armando Martins Janeira —, o novo embaixador tem-se devotado (e a paixão vem de longa data) aos temas japoneses, estudando o teatro «Nô», a obra de Wenceslau de Moraes, e a interpenetração cultural — três exemplos entre outros. A sua saída do Japão é, pois, um facto a registar nas colunas do Prontuário

Alice e o espelho

O professor da Universidade de Oxford que deu à estampa as «*Fórmulas da trigonometria plana*» e «*Euclides e os seus rivais modernos*» assinava com o nome verdadeiro: Charles Luwidge Dodgson. Em 1865, ao publicar «*Alice no país das maravilhas*»,

Carroll: humor e fantasia

tornou para sempre célebre o seu pseudónimo: Lewis Carroll.

Aí o temos, precursor de uma série de coisas que fazem parte da nossa bagagem próxima, editado agora pela Estampa. É «*Alice do outro lado do espelho*» («Through the Looking-Glass»), que três tradutores — Yolanda Artiaga, Nina Videira e Luís Lobo — verteram para português. Um século depois (o livro viu a luz do dia em 1871) lê-se como se o tempo não tivesse corrido sobre ele, pois o humor e a fantasia resistem onde outras categorias aparentemente mais sólidas são objecto de rápida usura. Não receemos as palavras: «*Through the Looking-Glass*» é uma obra importante

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

Cont. da pág. 5

novas descobertas e mandamentos da hora, sem abandonar o «fundo lírico bem português»; Almada é sobretudo poeta: ele «é tão pouco grande contista, grande novelista, ou grande romancista, ou grande dramaturgo como o próprio Camões...»; nos melhores textos do volume, o que conta «não é pròpriamente o elemento ficção, mas sim o que neles é fermento lírico»; Almada é, como disse Régio, «um grande lírico na prosa — mais na prosa que no verso»; estas páginas «são mais poesia que prosa», são «mais lirismo que ficção».

Como se pode ver, é necessário um certo despudor (ou inconsciência) para se falar nas «bitolas viciadas e viciosas» dos «jovens críticos» quando, sobre um autor fundamental da literatura portuguesa do nosso século, se não é capaz de ir além da pobre e inútil afirmação de que Almada é sobretudo poeta, e mais na prosa do que na poesia.

Este é o tipo de enunciado que nada tem que ver com *a leitura efectiva* da obra e que nada significa em relação a ela. A miséria desta crítica está bem demonstrada neste exemplo perfeitamente escandaloso de futilidade.

Registe-se que, em relação a *Nome de Guerra*, a mesma crítica apenas conseguiu dizer que se tratava de uma obra tal que dispensava a crítica... Mas o que ela dispensa é apenas *uma certa crítica*.

É por isso que se me afigura demasiado fácil [illegible]mar, como Jorge de Sena há tempos o fez, que o principal problema da nosa crítica não é ser tradicional ou nova, mas ser justa e honesta. Tais banalidades só podem ser proferidas por alguém que é efectivamente um grande crítico, e não está para se maçar a responder a inquéritos. Mas o perigo reside no seu poder de sedução junto das almas fracas e inocentes. Ora vejamos:

a) Esta afirmação é uma *desvalorização da teoria*. Trata-se de uma característica como vimos, da «crítica tradicional» — não admira, pois, que esta a adopte. Pressupõe-se ainda que o país não está suficientemente amadurecido para «ir em teorias» — atitude de uma sobranceria pessimista, que apenas reforça as condições que tornam esse atraso possível.

b) Esta afirmação é uma *deslocação do problema teórico para o problema moral*. Deste modo, o problema moral, pela sua «evidência» para todos, oculta a questão teórica. O que nos interessa é perguntar qual o interesse desta ocultação? Para vermos a questão, tomemos um exemplo análogo: imaginemos uma «mesa-redonda» em que se debate as várias formas de realização de provas de exame. Se alguém, ao intervir, dissesse que o que era preciso era que os exames fossem realizados com justiça e honestidade, o valor da sua intervenção seria nulo, na medida em que se tratava de um lugar-comum indiscutível, e ainda, na medida em que o que se discutia era *uma questão pedagógica* (como realizar uma prova de exame) *e não uma questão moral*. A deslocação da questão poderia involuntàriamente contribuir para a manutenção de formas tradicionais de realização de provas de exame.

c) Além do mais, dizer que a crítica deve ser justa é uma «evidência» que apenas subsiste quando, por demasiado evidente, nela se não pensa. Justa em relação a quê? Ser justo já significa que deve valorizar «os bons» e desvalorizar «os maus». Mas isso pressupõe um critério do que se entende por bom e do que se entende por mau, o que nos conduz imediatamente à *questão teórica iludida*.

3

A questão fundamental é a *da linguagem*. A «crítica tradicional» é toda ela dominada pela «superstição literária» que Valéry denunciou: esquece continuamente a «condição verbal da literatura». Dizer que a literatura é linguagem não quer dizer que ela seja linguagem comum (mera linguagem de comunicação) ou que seja «pura rede verbal». A linguagem é, só por si, uma relação com o mundo, o inconsciente e a história.

A ausência de um mínimo de reflexão sobre as modalidades de articulação entre a linguagem e a realidade está na origem das muitas afirmações absurdas que a «crítica tradicional» persistentemente repete: as palavras em si, diz-nos ela, valem menos do que as coisas, as palavras não podem significar mais do que as coisas; a poesia deve dar perfume às coisas, perfume que é a vida das coisas nas palavras; a nossa literatura está embuçada em palavras que escondem a pobreza da sua alma; «poderá a lança só espírito quebrar a lança só verbo?».

A crítica tradicional portuguesa é, como se pode ver, pré-saussuriana. Mas vive tranquila: *ignora a extensão do que desconhece*. E ainda bem. Porque os seus piores momentos dão-se quando ela pretende usar a linguagem dos seus supostos opositores (veja-se, por exemplo, a frequência de fórmulas no estilo de «como agora se diz...») Apenas um exemplo. Numa crítica ao livro de João José Cochofel, *Uma rosa no tempo*, o comentador, pegando, como sempre,

numa epígrafe de Shakespeare, diz-nos que este opõe «à linguagem *significante* a formidável maça do seu génio *significativo*» (frase rigorosamente disparatada mas não tem importância). E o crítico, sempre muito atraído pelos perfumes, afirma-nos que «mesmo com outro nome a rosa cheirará bem», porque «não é no nome que está o cheiro, mas na rosa em si». Neste caso, o crítico supõe que a rosa-em-si, a coisa, é o *significado*, e a palavra é o *significante*. Um conhecimento mesmo rudimentar de linguística ensinar-lhe-ia que a palavra é o *significante-e-o-significado*, e que a coisa-em-si é o *referente*. Confundir significado e referente é um erro elementar — e é preciso a «crítica impressionista» para o cometer com tanta alegria, comunicabilidade e convicção.

Por conseguinte, o ponto de ruptura fundamental situa-se precisamente na questão da linguagem. É aí, nessa zona difícil, que se deve formular a única interrogação pertinente: *qual a concepção de linguagem defendida (explícita ou implicitamente) pela «crítica tradicional»?* Talvez a resposta seja a de que a linguagem é um mal necessário («mesmo sem as palavras veríamos a carne viva da história de uma menina que aprende o abc da vida»). A base longínqua desta reacção é teológica. Como o comprova Arnauld, em *Réflexions sur l'eloquence*, é na medida em que o homem, vítima do pecado, não tem directo acesso à inteligência da verdade, que a retórica se torna necessária para cobrir a distância que aí se abre. Quer dizer, portanto, que *o uso da linguagem está associado à ideia do pecado original* e é por isso que o texto é tanto mais «puro» quanto nele a linguagem se torna invisível (o crítico diz de uns versos que eles permaneceriam «mesmo que roubando-lhes as palavras todas os deixassem sem palavra alguma, espírito apenas»...). A presença da linguagem é a persistência no mal: veja-se, num exemplo curioso, o do livro de ficção de Maria Teresa Horta, como a crítica viu nela a demoníaca conjunção da valorização das palavras e do que no amor é apenas (?) físico.

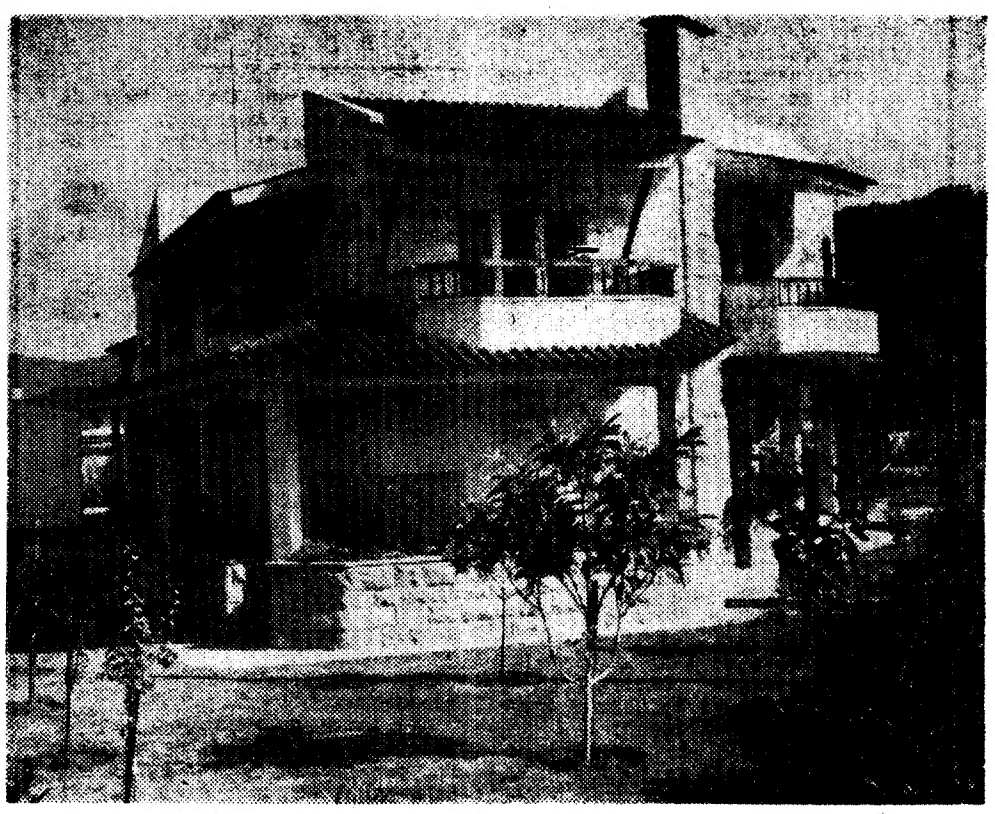
4

Sim, a «nova crítica» (designação que não é um conceito com valor teórico, mas uma forma de *apontar*) corresponde a um modo diferente de encarar o objecto estético — que desde logo não aparece como um *dado*, ao contrário do que pensa um empirismo ingénuo, mas como uma *construção*. Aliás, qualquer *facto é feito*, como se sabe, e Bachelard confirmou. E isto põe o problema das relações entre a obra, o mundo e a história. Recentemente, numa aguda intervenção sobre os problemas da crítica, Vergílio Ferreira pôs a questão das relações entre a «nova crítica», o ideológico e o político. Haverá uma relação *necessária*

QUADRANTE
LIVROS DE ESTUDO
ESTE ANO TAMBÉM
AV. LUIS BIVAR, 85-C

Externato
Sebastião da Gama
AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 106, 1.º — TELF 822776
CICLO PREPARATÓRIO
PRIMÁRIA — LICEAL
DIURNO — NOCTURNO

MORADIAS DE LUXO



PAMPILHEIRA-CASCAIS
C/17 divisões, Garagem, Jardim e Pinhal.
Transversal da Avenida do Ultramar — R. Cesário Verde, Lotes A e B
NA TORRE
junto à MARINHA

CONSTRUÇÕES «LAPINHA»
R. Iracy Doyle, 4-1. -Esq. — CASCAIS
Tels. 283152 e 284026

entre a «nova crítica» e uma atitude «progressista»? Em princípio, não. Uma ideologia «de progresso» não é só por si garantia de que se exerça uma «nova crítica»— do que conhecemos múltiplos exemplos. E há casos (não muito frequentes) de «nova crítica» que não nos aparece ideològicamente marcada. Contudo, na medida em que a «nova crítica» se origina numa teorização *moderna* da linguagem (sendo sinal da modernidade a redescoberta de certas doutrinas que o bom senso apagara), e numa utilização das ciências do homem», e na medida em que estas se desenvolvem nos quadros conceptuais duma ciência do real (materialista) e duma ciência do sujeito (psicanalística — torna-se difícil encontrar uma «nova crítica» teòricamente consequente que se não inscreva numa perspectiva de «vanguarda filosófica» e de «progressismo ideológico» (designações defeituosas, como vêem). Consideremos as evoluções de críticos como Roland Barthes e Umberto Eco: fácil é de observar como uma «ciência do significante» não exclui a preocupação com o «político». Aliás, em nossos dias, torna-se quase impossível pensar fora do horizonte proposto pela constelação conflituosa de Hegel, Nietzsche, Marx, Kierkegaard, Freud e Saussure.

A «nova crítica», se exceptuarmos as suas versões «cientistas-positivistas», não se pode resumir a um *formalismo* que apenas tenha em conta o *como se diz* na obra, banindo o *que se diz*. Isso seria reduzi-la a uma análise técnica dos meios de produção textual. Isso seria aceitar a «evidência» de pares de conceitos como «forma-conteúdo». A «nova crítica» realiza-se *num processo de cientificidade* (que, contudo, *a não torna ciência*) que implica uma ruptura com todas estas concepções duma ideologia tradicional da literatura que lhe conferiam valor didáctico, formativo, moralizante, em função do «conteúdo» transmitido.

É claro que certos problemas vão reaparecer em termos novos (de tal modo que serão já *outros*). É na medida em que a «nova crítica» se volta para o texto, e considera que é a obra que produz a ficção do sujeito, e não o sujeito que determina o sentido da obra, é nessa medida que a conjugação entre a ideologia política do autor e o efeito político da sua obra fica anulada, pelo menos nos termos de causalidade a que estamos habituados. Não quer isto dizer que uma obra não produza, a par dos seus efeitos estéticos, um certo numero de efeitos ideológicos. Simplesmente a questão põe-se agora em termos muito diferentes (que tornam absurda a proposta de Arnaldo Pereira ao dizer que a «nova crítica» *se não deveria ocupar* de «escritores reaccionários»): o «reaccionarismo» de Borges ou de Joyce é inteiramente indiferente à «nova crítica», a não ser que ele seja também um elemento dos textos, e nesse caso é preciso ter em conta o jogo de forças textuais, em que os efeitos estéticos podem eliminar os ideológicos, ou estes travarem aqueles.

É por tudo isto que me parece inaceitável a ideia de que os «clássicos» funcionem como «cobertura». O que importa é ver, *com os textos à vista*, como, sem os nomes *e as obras* de Nietzsche, Marx ou Freud, a «nova crítica» seria *inteiramente impensável*.

5

No meu caso pessoal, as disciplinas científicas que mais me têm ajudado são *a linguística*, indispensável, dada a condição verbal da literatura, *a semiologia*, que interessa na medida em que a literatura é uma prática significante trans-linguística (isto é, que excede a análise lingüística da comunicação verbal), e *a psicanálise*, se tivermos em conta que todo o discurso é determinado por uma relação entre as formações do inconsciente, a situação imaginária do sujeito e os mecanismos do desejo.

É evidente (pelo menos, para mim) que a psicanálise não me interessa do ponto de vista duma *psicanálise dos autores*. Se isso é um projecto aceitável e compreensível, esse de saber como objectivamente se forma um homem (e é esse o trabalho de Sartre em relação a Flaubert — o que não tem directamente nada que ver com a crítica literária, ao contrário do que pressupõe António José Saraiva em artigos publicados em *O Comércio do Porto*) — o que para um discurso crítico me parece importante é ver como o texto constitui a cena onde o seu autor emerge, e como tal processo é susceptível duma abordagem analítica que se ocupe da subjectividade imanente da obra.

6

Em relação à crítica imediata, escreveu David Mourão-Ferreira, no texto introdutório do seu livro *Vinte Poetas Contemporâneos*, palavras que não perderam ainda actualidade: a crítica imediata é uma actividade menor e culturalmente pouco significativa.

Suponho que os jornais diários e os outros órgãos de informação deveriam ter equipas de redactores que escrevessem recensões críticas onde o leitor pudesse colher uma imagem das obras referidas e avaliasse do seu interesse. Tais secções deveriam ser predominantemente informativas.

Por outro lado, as revistas ideològicamente definidas e as publicações literárias representativas de certas correntes teóricas deveriam incluir secções regulares de crítica onde se formulassem juízos fundamentados na estratégia das doutrinações em curso. Nesses casos, trata-se de assinalar o que se escreve de *pertinente* para a orientação que nelas se promove e determina.

Parece-me ainda aceitável a existência de «crónicas literárias» em que os seus autores falem livremente, e no pleno exercício duma subjectividade, das leituras que realizam e da forma como se vão eles situando no espaço cultural. Este género de «folhetim», não sendo efectivamente um discurso crítico, não deixa de apresentar aspectos extremamente interessantes.

Mas nem o autor de recensões, nem o cronista literário, deverão opor-se ao exercício do *verdadeiro discurso crítico*, que é fundamentalmente *uma iniciação à leitura-escrita*. Daí que se torne patético ver o alarme e o desespero dos «críticos tradicionais» perante qualquer publicação onde modalidades de «nova crítica» se realizem com um mínimo de seriedade — e estou a lembrar-me dum caso bem concreto. Mais do que «ultrapassado», o «crítico» sente-se *desqualificado*. Quando alguém nos diz que a «gíria» da «nova crítica» se emaranha em termos confusos como «semiológico», «sistema semântico», «conotação» ou «ângulo sociológico», é porque efectivamente nada entendeu do que se passou nos ultimos cinquenta anos. Não imaginamos um economista, mesmo que transbordante de temperamento crítico, ignorando *o vocabulário elementar* da sua especialidade. Que razões há para sermos mais tolerantes quando se trata de crítica literária?

7

O que me parece é que a crítica e a obra se incluem (sem se confundirem) num mesmo processo de produção textual. Não é a crítica que completa a obra, é a obra e a crítica que existem complementarmente como práticas significantes distintas embora assimptòticamente vergentes.

8

Há quem encare a prática crítica como um dever cívico. A formulação incomoda-me

E. P. C.: prática crítica=prática escrita

— porque não vejo nada que legitime o facto de «eu» exercer esse «dever». Só me parece aceitável um meio cultural em que a instância crítica circule por todos os níveis, nunca se separando da instância criadora—e recìprocamente. Para mim, a prática da crítica é primordialmente uma prática da escrita, e escrevo pela alegria que escrever provoca, e leio para encontrar o prazer que a leitura suscita e depois o inscrever no gesto da minha própria escrita. Escrevo sempre sobre o que me é essencial — só disso sou capaz, porque, para o mais, perco-me ou distraio-me. E, se no balanço desfocado da minha vida agora sei que o essencial é a descoberta do outro, a revelação de um rosto que se nos revela face a face, em soberania e plenitude, em frontalidade solar, apercebi-me também de que em toda a leitura é o mesmo processo que se reproduz.

Se o poema é, como inapagàvelmente o disse René Char, o amor realizado do desejo permanecendo desejo, também a leitura e a crítica o continuam a ser. Por isso escrevo sempre *para alguém* — ou, e talvez seja a mesma coisa, *contra alguém*. Escrever é polarizar o espaço, assinalar as diferenças, marcar as intensidades. Escrevo sempre para alguém na face clandestina do discurso, e o resto é secundário.

Daí que me custe aceitar uma versão tecnocrática da crítica (em funcionários distribuidores da cultura) ou uma versão cívica da crítica (em humanistas que zelam pelo bom estado da nossa consciência). Entendo, e considero mesmo decisivo, que a crítica se situa no prolongamento duma actividade pedagógica, e que entre nós, ela deverá ter sempre em conta a urgência didáctica que a condiciona. Vejo muito bem como a crítica deve fundamentalmente servir as obras para que deseja chamar a atenção, facilitando os rumos da leitura, balizando os percursos necessários para a inteligência dum texto. Mas não concebo uma crítica que, embora aceitando esta função de iniciação à cultura criadora, não ponha em cada instante em causa a própria noção de cultura. Está certo que se ensine a ler, que se explique as obras, que se divulgue as chaves interpretativas — mas nem a existência da cultura, nem o ensino dela, me aparecem como evidências indiscutíveis. E por isso só compreendo a crítica e o ensino como actividades onde permanentemente se joga o sentido de tudo, da obra que se critica e da literatura que se ensina — como teoria em acto e revolução.

Nas suas últimas análises, Roland Barthes fala-nos das linguagens compactas, constituídas por hábitos, repetições, estereótipos, palavras-chave, e designa-as de *sociolectos*. Neles é a linguagem na sua homogeneidade e espessura que se realiza através de uma rede de citações, referências, fórmulas cristalizadas. No pólo oposto, como antídoto (toda a cultura é combate), situa-se a região livre, aérea, leve, flutuante, aberta, soberana, plural e transparente do texto e da escrita. Escrever é, portanto arrancarmo-nos ao peso dos sociolectos que nos moldam, e produzirmos, no trabalho do discurso, as razões legíveis da sua dignidade.

EDUARDO PRADO COELHO

Música afro-asiática

Cont. da pág. 8

serve-se dele não só para sublinhar ritmicamente as inflexões da melodia, mas também como «objecto lúdico», atirando-o ao ar e fazendo-o girar na mão segundo as peripécias da forma musical.

E é exactamente curioso e significativo este espírito lúdico, presente e exuberantemente patenteado pelos músicos tunisinos, quase perdido na tradição europeia ocidental, devotada (nas suas fórmulas cristalizadas) a um cerimonial estéril e sisudamente inócuo.

4

No 4.º canto, pertencente á confraria «AISSAOUIA», nome derivado do seu patrono Sidi Ben Aïssa, porventura o mais interessante sob vários aspectos, a livre iniciativa e talvez mesmo a improvisação têm um valor e uma função essenciais.

No ponto de vista rítmico, assiste-se a situações de homorritmia e de polirritmia muito elaboradas; verdadeiramente notáveis são, por exemplo, os vários jogos diafónicos e antifónicos. Por outro lado, as células rítmicas libertam-se de esquemas simplistas ou estereotipados e expandem-se livremente, com a inclusão de estruturas pontuadas e sincopadas.

Os membros do coro utilizam o pandeiro, a pandeireta e o tambor e ainda (como um elemento percussivo complementar) as palmas — estruturalmente integradas no contexto melódico. A unidade métrica de base é o 5/8 («Khafif-al-tharil»), subdividido em dois elementos: um ternário e outro binário.

5

O 5.º canto, ordundo da confraria «EL AOUMRIA», nome derivado do seu patrono Sidi Ameur, é um dos mais vivos e brilhantes. Nele se revela um instrumento muito belo (o oboé tunisino) que estabelece um jogo diafónico com o grupo coral.

No ponto de vista morfológico, este canto baseia-se numa escala heptafónica defectiva (com inclusão de intervalos de 2.ª aumentada — 3 meios-tons). Os instrumentos de percussão utilizados são, neste caso, muito mais numerosos, formando já uma pequena família: 2 pares de castanholas de lata, 2 bongós (tambores duplos) e 2 pandeiros e dando origem a uma por vezes complexa polirritmia. Um dos principais motivos de interesse reside nos momentos de sobreposição do coro e do oboé, em que se verificam exemplos muito ricos de heterofonia.

6

Finalmente, no 6.º canto, proveniente da confraria «ETTAIBIA», nome derivado do seu patrono Lidi Moulaï Ettaïb, os aspectos mais significativos encontram-se:

1.º — numa comunicabilidade envolvente que conduz á própria integração da audiência no processo lúdico da produção musical;

2.º — (á semelhança do que acontecia também no 5.º canto) numa assimilação da dança ao próprio processo musical; é o próprio gesto que, tornado finalmente autónomo, se resolve como vector (coreográfico) de expressão visual.

JORGE PEIXINHO

LOTES DE TERRENO
NO ALTO DA PAREDE, BAIRRO JANITA
URBANIZAÇÃO: LAPINHA
DEVIDAMENTE APROVADOS, PELA C. M. DE CASCAIS. RUAS ASFALTADAS, ÁGUA, LUZ E ESGOTOS.
PROJECTOS TAMBÉM JÁ APROVADOS (SÓ RESTAM PARA VENDA 8 LOTES)
TRATA O PRÓPRIO NO LOCAL E NO ESCRITÓRIO:
R. IRACY DOYLE, 4 - 1.º - ESQ. — CASCAIS — Telefs. 28 31 52 - 28 40 26

MÚSICA AFRO-ASIÁTICA

(2.ª VIVÊNCIA) • CORAL LITÚRGICO DE TÚNIS

Por Jorge Peixinho

A BELA CIDADE toscana de Lucca foi cenário de uma interessantíssima manifestação de música árabe: a actuação do Coral Litúrgico de Túnis, grupo constituído por 20 elementos masculinos (quase todos cantores e alguns instrumentistas).

Fiel depositário de uma tradição cultural riquíssima, oriundo de uma das regiões-chave do mundo muçulmano — a Tunísia — situada no centro do mundo árabe africano e a dois passos do coração da Europa, o Coral de Túnis veio revelar a importância de uma cultura musical vivida e aperfeiçoada através dos séculos, cuja maior riqueza se encontra numa ornamentação melódica de contornos fluidos e irregulares, numa rítmica altamente elaborada e numa estreita interdependência entre a música e as características fonéticas e prosódicas da palavra.

PARA bem se compreender o significado profundo da música tunisina (e árabe em geral), é necessário partir da compreensão da existência e da função dos símbolos na cultura islâmica e no seu ritual. De facto, a música da civilização muçulmana está elivada de uma simbologia de particulares acentos místicos, em que os símbolos se revestem de determinadas características técnicas, tais como o uso de certas escalas e intervalos melódicos segundo as várias funções litúrgicas.

Os cantos litúrgicos muçulmanos são relativamente recentes; ainda hoje, nalguns países árabes mais conservadores, como a Arábia Saudita, é proibido o canto religioso, como sendo contrário à vontade do Profeta.

Além disso, conhecem-se diferenças substanciais entre a música árabe ocidental (do Maghreb) e a do Oriente (Egipto, Síria, Iraque e Pérsia). A música norte-africana utiliza uma série de modos heptafónicos e «naturais» (diatónicos) que excluem os intervalos microtonais; e «habitualmente frases curtas com ritmos elaborados entre a percussão e a linha melódica», segundo nos revela o musicólogo Peter Crossley-Holland.

Como toda a música não-europeia, a música islâmica é essencialmente monódica (confina-se pràticamente à melodia elaborada) e, ao contrário da música asiática mais evoluída, pouco uso faz dos processos heterofónicos. No entanto, e apesar da sua relativa simplicidade, os produtos musicais da civilização muçulmana revelam-se muito ricos de elaboração melódica e extremamente funcionais no que respeita às relações da melodia com a organização métrico-rítmica.

1

O primeiro canto apresentado pelo Coral Litúrgico de Túnis no Baluarte de Lucca foi composto sobre um poema de Boussairi e serviu de introdução à actuação do conjunto musical tunisino.

De forma direccional, caracteriza-se por uma alternância sucessiva do estilo homofónico (em que todo o coro canta simultâneamente) com o estilo responsorial (diálogo entre um solista e o conjunto) e com o estilo antifonal (jogo continuado entre dois sectores — colectivos — do coro). Os solistas utilizam normalmente uma técnica vocal fundada sobre uma conjugação da fórmula melismática com a fórmula silábica, enquanto que o coro se baseia predominantemente na fórmula silábica.

O gesto físico dos cantores corresponde intimamente à evolução da forma musical: apoiando e corroborando a marcação dos tempos, através do balanceamento do corpo e do movimento das mãos dadas, ora verticalmente, ora à frente e atrás.

2

O segundo canto é oriundo da confraria «KADRIA», nome derivado do seu patrono Sidi Abdelkader Djilani. De um carácter muito diferente do do primeiro, este canto segue uma forma de dança muito ritmada, com acompanhamento instrumental: tambor («Tabl»), pandeiro («daira») e pandeireta. As afinidades com a música espanhola da Andaluzia («flamenco», «cante jondo») são particularmente salientes. O ritmo é muito elaborado, baseando-se numa sucessão sempre variável de unidades métricas (1-1/2-1/1-1-1/1-2/, etc.) num compasso 6/8 («Khafif-al-ramal»).

3

O terceiro canto, proveniente da confraria «SOULAMIA», nome derivado do seu patrono Sidi Abdesalem El-Asmar, baseia-se numa forma responsorial (alternância entre vários cantores solistas e o coro, constituindo uma espécie de «desgarrada»).

Fundado numa alternância de ritmos e de métricas diferentes (compassos de 6/8, de 3/4 e 2/4), este canto faz um uso muito especial do pandeiro, não só como instrumento sonoro mas também como objecto visual. De facto, cada cantor utiliza um pandeiro e

Cont. na pág. 7

Coral Litúrgico de Túnis: riqueza maior

Folhetim-artístico de José-Augusto França

Insistência no Centro Cultural Beaubourg

FOLHETINS atrás falei neste centro cultural parisiense na escolha do projecto arquitectónico de Renzo Piano, e Richard Rogers através dum concurso. Mais largamente hoje posso falar do caso, depois de ter visitado a exposição dos trinta projectos seleccionados para o prémio final.

Trinta projectos entre 681 recebidos, 190 de França, 491 de países estrangeiros — sobretudo dos Estados Unidos donde vieram 186; ou do Japão, da Itália, da Polónia e da URSS cujos arquitectos concorreram com de 33 a 29 propostas. Ou do Canadá e do México (21 projectos cada), ou do Brasil e da Suíça (18 projectos cada), da Bélgica, da Inglaterra e da Checoslováquia (de 16 a 13 projectos), ou da Bulgária, da Roménia, da Áustria, da Suécia, da Holanda, de Espanha, da Austrália, da Grécia, da Dinamarca, da Índia, do Uruguai (de 9 a 4 projectos), ou ainda do Chile, da Hungria, de Israel, da Alemanha, do Irão, da África do Sul, da Tunísia, da Coreia, da Irlanda, da Turquia, do Egipto, da Síria, de Cuba, de Hong-Kong, de Singapura, do Congo, da Finlândia, da Argentina, da Noruega, da Tanzânia, da Venezuela, do Peru (de 3 a 1 projectos). Ou também de Portugal, donde três arquitectos vieram medir-se no concurso — não se sabe quais.

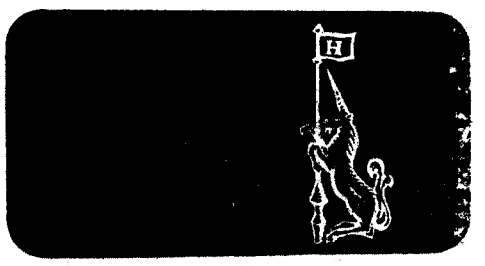
Um concurso internacional e livre que tinha no júri arquitectos (Aillaud, Ph. Johnson e Niemeyer), museólogos (Frank Francis, do British Museum, Laclotte, do Louvre, Sandberg — que criou o notável Museu de Arte Moderna de Amsterdão) e um ensaísta de arte e de literatura, Gaëtan Picon. «Concurso de Ideias» que necessàriamente interessam ao conjunto dos utilizadores do centro: o Museu de Arte Moderna, o Centre National d'Art Contemporain, o Centre de Création Industrielle, a Biblioteca Nacional, a Música e o Cinema. Ideias para um programa que compreende — uma biblioteca de leitura pública (que «juntará as vantagens duma enciclopédia e duma antologia» — e na qual serão utilizadas as técnicas mais modernas da informática, do microfilme, da microficha, etc.); uma «sala de actualidade» para consulta (auditiva também) dos mais recentes documentos; um museu de arte moderna, enfim digno de Paris, definido por uma flexibilidade de estruturas que o dinamizem; uma galeria experimental de arte contemporânea e outras galerias para exposições temporárias; um museu e uma galeria permanente (aberta para a rua...) da criação industrial; um conjunto de salas de espectáculos e de reuniões em que o cinema, a música e a coreografia terão o seu lugar; um centro de pesquisas acústicas — e, envolvendo tudo, núcleos de informação e de documentação, e um acolhimento humano ou humanístico que possa continuar a grande tradição francesa e reabilitar uma tradição cultural parisiense que, ao longo dos anos 60, vira a sua imagem degradar-se em perda de velocidade, fora do ritmo da imaginação criadora que uma mutação histórica impõe. O centro Beaubourg assegurará essa integração histórica e social.

TRATA-SE, em suma, de fazer entender ao grande público «a profunda ligação existente entre as formas actuais e as relações de produção na sociedade». Mas não, como diz o programa, «a despeito das aparências de liberdade que a criação afecta»... Supor apenas *aparente* tal liberdade é tolice burocrática que não chegará, porém, a minorar a ideia do Centro. A sua própria definição orgânica se encarregará de resolver o caso — contra os burocratas, se for preciso... A «liberdade» é a condição maior dum programa destes — aberto a todos os ventos e que nessa abertura poderá encontrar o ritmo necessário desta nossa *cultura fazendo-se*, numa simultaneidade de rupturas e ligações. Isto é, a «durée» temporal historicamente conveniente, num dinamismo sem perdas gratuitas, apto para a *aventura* como para a *reflexão*. Só em liberdade (quer dizer *sem medo*) tal se realizará!

E virem de 46 países dos velhos e dos novos mundos quinhentas equipas de arquitectos responder a esse apelo constitui, sem dúvida, uma grande lição de optimismo.

ENTRE todos os grupos foram seleccionados 10 norte-americanos, 5 franceses, 3 canadianos, 2 ingleses (mais o grupo Piano-Rogers, ítalo-britânico mas que como de produção inglesa deve ser considerado), e um de cada país seguinte: Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Dinamarca, Espanha, Holanda, Japão, México, Turquia e URSS. O que representa percentagens significativas para os concorrentes ingleses (20%), canadenses (15%) e americanos (7%) — e talvez também para a França (2,5%); mas aqui o baixo nível obtido ressente-se certamente duma ocorrência «nacional» não auto-oriticada, para além da própria crise da arquitectura francesa. Nos outros casos de distinção, seria perigoso procurar percentagem, já que o êxito de 50% da Turquia não pareceria convincente.

Se o projecto Piano-Rogers (fachada-*écran* animada, grande esplanada para actividades espontâneas) foi escolhido pela sua qualidade «de franqueza, de simplicidade, de luz», o juri apreciou longamente as outras trinta propostas com especial encarecimento da assinada por um grupo de Filadélfia (Cosco, East, Galbreath, Huffman, Weeks) que declara na apresentação do projecto: «Pensamos que o usual e o existente e não o heróico e o megatécnico são os verdadeiros instrumentos do arquitecto da nossa época», e daí parte para uma proposição de «meta-arquitectura», em «predicações e não em descrições literais», através duma «matriz de flexibilidades» numa «trama modular» e uma «morfologia de assemblagem», senão num «mimetismo» — no seio do qual tem seu lugar uma biblioteca inspirada deliberadamente na de Aalto em Vijpuri. O espírito deste projecto foi «particularmente notado» na acta do julgamento — e ainda bem que o foi pois nele se encontrará provàvelmente um ponto de partida (ao menos um ponto de reflexão!) para a arquitectura dum próximo futuro...

O «lunapark» com uma «childrens island» e um museu caricaturado em templo grego do projecto inglês de Crompton-Kohen-Alsop-Tabacek; o grande signo em «X» saído duma plataforma sugerido pelo mexicano Ernesto Zepeda; a estrutura nuclear dos doze volumes cúbicos relacionados numa notável composição, da equipa soviética de Karpov - Korbut - Korneeva - Panfil - Repin - Yakovenko - Levenchtein o grande espaço central envolvido por um edifício de «pele» transparente dos dinamarqueses Martensson et Tarp Jensen; a fachada-espelho que se funde no velho bairro, oferecendo depois uma série de terraços guarnecidos de vegetação dos canadenses Erickson, Massey, Raimet e Roost; o grande volume lembrado de Brasília, de Mendes da Rocha; a estrutura metálica e transparente do projecto americano de Chu Lin - Barthley - Guthrie - Tazelaar-Boles — são as qualidades mais notáveis de alguns dos trinta projectos expostos.

...PARA ALÉM da sua morfologia e dos seus arranjos sintáticos, interessa, porém (e sobretudo) considerar os valores semânticos que em arquitectura são muito especialmente *valores morais*. E este concorridíssimo concurso de um *museu imaginável que o mundo contemporâneo se oferece em termos indispensáveis de anti-museu* adquire a sua maior importância na situação duma moral humanamente proposta em convívio e liberdade.